BIZZ

METALLICA
no topo das paradas!

GESSINGER + RUSSO abrem o jogo sobre os novos discos de ENGENHEIROS + LEGIÃO

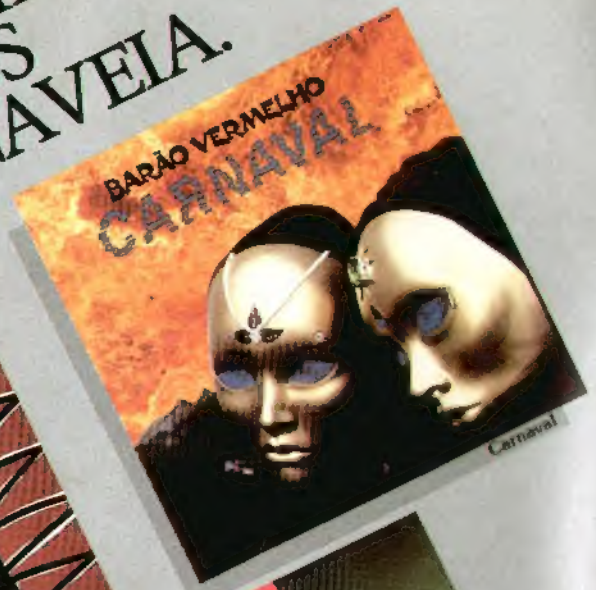
DEZ ANOS DE
BARÃO
por eles mesmos

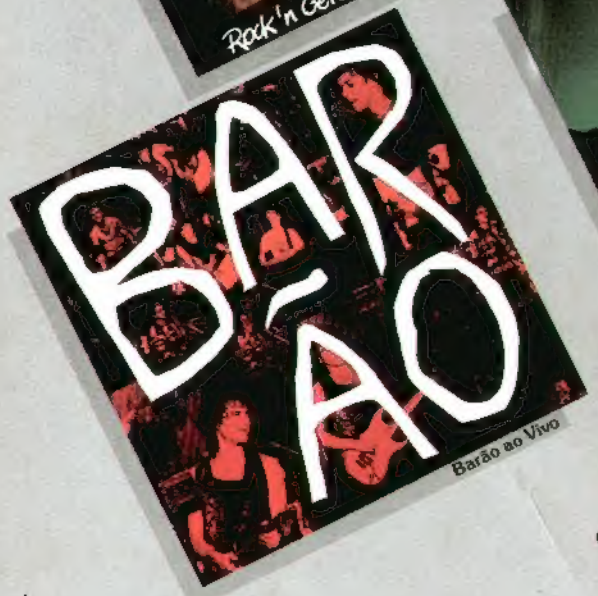
INFORMATION SOCIETY
na Amazônia!

mais

SEAL
ELECTRONIC
EXTREME
CRAMPS

BARÃO VERMELHO.
10 ANOS
DE ROCK NAVEIA.





Nestes últimos 10 anos
o Barão fez rolar em nossas veias
o melhor rock and roll do Brasil
Parabéns Barão.

EM CD - LP - K7
WARNER MUSIC

EXPERT

Polygram

Tem mês com mais acontecimentos/lançamentos interessantes na área de dance, outro mês só dá metal. Esta edição, por exemplo, está completamente rock — é guitarra para todo lado.

A coisa já começa a partir da matéria de capa. O BARÃO VERMELHO **merecia uma retrospectiva de sua carreira faz um bom tempo. Então aproveitamos que eles estão completando dez anos de estrada, juntamos Frejat e sua turma, colocamos o gravador em cima da mesa e aí está: a história do grupo, por eles mesmos, na pág. 24.**

O METALLICA **mudou. Seu novo disco, elogiadíssimo pela crítica e vendendo como pãozinho quente, abandona os longos temas e investe num metal mais tradicional. Será traição ao thrash? A banda mais integra do heavy se vendeu? Descubra na pág. 32.**

E os CRAMPS **... não comemoram nenhuma efeméride. Não estão lançando disco. Não vêm fazer show no Brasil. Não tem nenhuma desculpa para esta materiaça sobre o quarteto psychobilly — a não ser, claro, que eles são ótimos e a entrevista com Poison Ivy da pág. 36 é maravilhosa.**

Tá bom, seu negócio é saber finalmente como é *Use Your Illusion*. O veredito final sobre o disco mereceu o destacão da seção *Discos*. E de presente, estréia a nova seção *Video*. Daqui a trinta dias, mais rock-pop-dance-rap-heavy. Até lá.

Reina

4 **SHOWBIZZ**
Entradas e bandeiras

12 **FAST FORWARD**
Lobão, Extreme, Korzus

44 **SEAL**
De fio a pavio

48 **ELECTRONIC**
O supergrupo dos 90

52 **INFORMATION SOCIETY**
Encontro na sauna

56 **AO VIVO**
Sunsplash, Dylan, Vanilla Ice

62 **JUKEBOX**
Sue Thompson, country & pop

66 **DANCE MUSIC**
O vogue em voga

69 **DISCOS**
Guns, Buddy Guy, k.d.lang

80 **VÍDEO**
Depeche, Suicidal, Red Hot + Blue

82 **LETRA**
"Right Here, Right Now", Jesus Jones

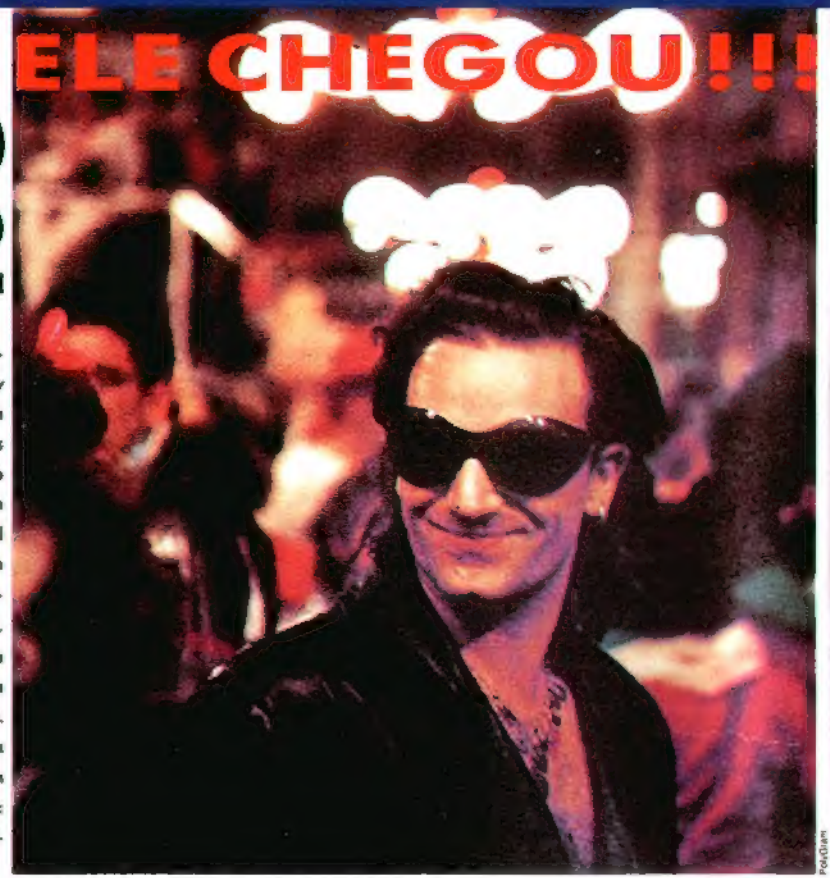
84 **PARADA**
E o R.E.M. chega lá

86 **CARTAS**
Tapas e rosas, aniversário

90 **DISCOTECA BÁSICA**
John Lee Hooker & Canned Heat (71)

SHOWBIZZ

O NOVO U2



PolyGram

O novo disco irá se chamar *Achtung Baby* (*achtung* é "atenção" em alemão) e chegará às ruas em novembro. A produção inicialmente estava só com Daniel Lanois, mas no final Brian Eno foi convocado para dar uma força. O primeiro single é "The Fly".

Em 92 a banda faz uma excursão pelo Europa para esquentar os tamborins. Logo depois, se lançam em excursão mundial de um ano e meio. No roteiro: EUA, Europa e, possivelmente, América do Sul.

★ Madonna foi convidada para editar uma das próximas edições da excelente revista americana *Spin*. ★ Madonna vai ser Evita ou não? Cada fonte diz uma coisa, mas ela já tem mais quatro papéis garantidos: será tira em *Leda And Swan*, ao lado de Demi Moore; trapezista de circo no próximo filme de Woody Allen, ainda sem título; se envolverá com beisebol em *A League Of Their Own*, de Penny Marshall (*Tempo De Despertar*); e em *Even Cowgirls Get The Blues*, de Gus Van Sant (*Drugstore Cowboy*), ao lado de Uma Thurman.

MADONNA vira jornalista

AEROSMITH

Joe Perry e Steven Tyler estão rindo à toa. O Aerosmith agora é a banda de rock mais bem paga do mundo. Eles assinaram com a Columbia um contrato para quatro álbuns no valor de cinqüenta milhões de dólares. A quantia bateu o negócio de Janet Jackson com a Virgin, entre 35 e 40 milhões. Michael Jackson e Sony, porém, continuam imperáveis.

ENGENHEIROS FAZEM NOVO DISCO ÀS PRESSAS

*** Cover de Gaúcho Da Fronteira vai para as FMs**
*** Humberto diz que quer lançar o disco antes de ser papai**

Ao contrário do que grupo e gravadora haviam planejado e dito, 91 assistirá ao lançamento do novo disco dos Engenheiros Do Hawaii. Em 5 de setembro a BMG-Ariola anunciou que soltará o novo álbum, *Várias Variáveis*, em dezembro.

Entre as faixas estão "PQP", "Ando Só", "Piano Bar" e "Herdeiro Da Pampa Pobre", esta última uma cover do Gaúcho Da Fronteira e a primeira a ser trabalhada.

Um trecho da letra de "PQP" diz: "A pampa é pop / O país é pobre / Pobre à pampa".

Embora a banda viesse gravando demos desde o início do ano, a mudança de planos e as gravações foram muito rápidas. Ficou no ar a impressão de um trabalho preparado a toque de caixa. Gessinger, pelo telefone, refutou essa possibilidade:

"Estou devendo algumas desculpas para BIZZ e seus leitores. É que a gente, até entrar em férias, realmente não pensava em gravar. Mas voltamos cheios de idéias e se deixássemos para o ano que vem teria que ser um duplo."

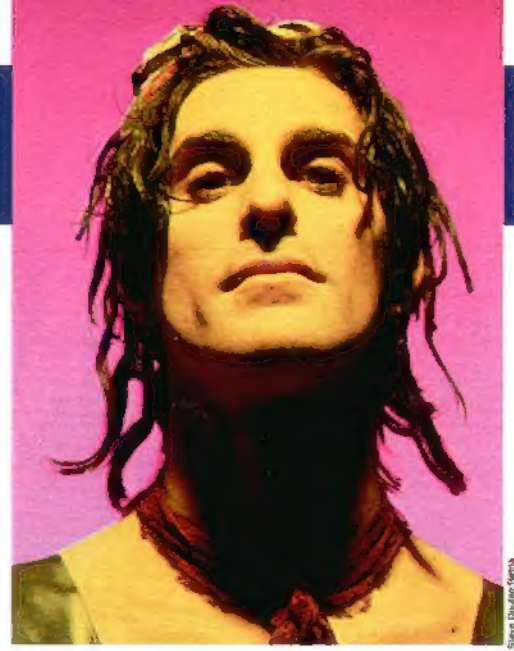
"Além do que, gravando agora, vou ter mais tempo para curtir meu filho que vai nascer no ano que vem."

Roberto Valverde Azul

SOM NAS CAIXAS

Caixamania nos EUA pega fogo! A MCA e a Columbia vêm com retrospectivas de Billie Holiday e do produtor Phil Spector. A MCA ainda planeja lançar a dama do country, Patsy Cline (quatro CDs), o blues de Howlin'Wolf (três CDs) e Lynyrd Skynyrd.

Quarenta e seis faixas em quatro CDs é o que vem do Yes. A RCA tem na agenda sets de três CDs de Lou Reed e versões inéditas de Elvis Presley. Aguarde ainda coleções dos Monkees, Jackie Wilson, Crosby Stills Nash And Young, Ray Charles (safra 50) e Bob Marley.



Steve Double Yamia

JANE'S ADDICTION ACABA

O Jane's Addiction confirmou no início de agosto sua separação. O último show aconteceu no mesmo mês, em Seattle, EUA.

Segundo declaração do cantor Perry Farrell ao *NME*, a banda "levou as coisas ao seu limite". O baixista Eric Avery disse: "Não queremos ficar como os Rolling Stones". A banda sente que não conseguirá igualar seus momentos de criação e integração dos últimos três anos: relações dentro do grupo vêm esfriando. Perry Farrell planeja atividades solo, inclusive fora da música.

RECESSÃO PREJUDICA SHOWS NOS EUA

ATÉ O GUNS SE DEU MAL

Enquanto a recessão bate feio nos EUA, popstars, seus empresários e principalmente os promotores artísticos estão andando em círculos preocupados. Bilheterias de artistas de grande vendagem têm ficado muito, mas muito, aquém (algumas vezes batendo na marca do fracasso puro e simples) do esperado.

Entre os atingidos estão Whitney Houston, Steve Winwood, David Lee Roth e até nossos queridíssimos Guns N'Roses. Estes tiveram oito de seus primeiros doze shows dando prejuízo para os organizadores. Muitos dos lugares em que tocaram estavam com menos de 70% da capacidade.

Eventos múltiplos também se deram mal. O exemplo que mais impressiona é o festival *Operation Rock'N'Roll* com Judas Priest, Motorhead, Alice Cooper e Metal Church. Aparentemente, o fracasso levou alguns organizadores à "destruição".

MAIS UM BRASILEIRO MALTRATADO LÁ FORA.

STAROUP EUROPE 93
THE WORLDWIDE BLUE JEANS FROM STAROUP

STAROUP EGROPE 93. O JEANS MUNDIAL DA STAROUP AGORA NO BRASIL.

AXL EXPLICA VIOLÊNCIA EM SHOW

Recapitulando: um show do GN'R para dezesseis mil pessoas em Maryland Heights, área de St. Louis, EUA. Passada uma hora e meia de show, tudo começa a dar errado.

Depois de pedir algumas vezes, sem sucesso, que a segurança confisque a câmera de alguém na platéia, Axl Rose resolve descer e pegá-la. Logo depois volta ao palco e anuncia o fim do show "por falta de segurança".

Bill Bailey, ao Axl Rose, no estádio em Lafayette, Indiana

O público revoltado dá início a um selvagem quebra-quebra. Chovem garrafas no palco enquanto os *roadies* da banda tentam tirar o equipamento, cadeiras não despedaçadas, hordas de fãs sobem no palco e destroem o que vêem pela frente. O caos toma conta.

A imprensa em geral culpou a banda. Segundo Axl, o GN'R é mais vítima do que culpado. Ele sente que a imprensa está movendo uma campanha negativa contra o grupo. Para expor sua versão dos fatos, Axl Rose convocou para uma exclusiva Babu Barat, editor da *Just Rock*, uma publicação musical de St. Louis.

Barat foi testemunha de toda a tragédia, sobre a qual já tinha falado ao *Los Angeles Times*. A entrevista foi publicada pela *Musician*. Alguns trechos:

"Não havia segurança. As pessoas entraram com garrafas e facas. Duff foi atingido por uma garrafa duas vezes durante o show. Ele achou que era melhor não ligar. Mas é errado, deve-se reagir, senão você encoraja a repetição desse tipo de ato."

"A imprensa acha que eu fiz tudo só para impedir alguém de tirar uma foto minha. O cara com a câmera foi só a gota d'água. Naquela hora eu já estava por aqui com a atitude da segurança."

"Não é justo que meu público me negue o direito de terminar um show por quaisquer motivos que não dizem respeito a eles."

"Muita gente não percebeu que tentamos voltar para o palco, mas a bateria estava danificada. Teríamos mais chance do que a polícia de acalmar a platéia, mas já era tarde demais."

"Somos considerados a banda mais perigosa do mundo. Boa reputação para uma banda de rock"

"Uma imagem rebelde pode funcionar bem. Somos considerados a banda mais perigosa do mundo. É uma boa reputação para uma banda de rock."

"Foi uma combinação de muitas coisas. Nem o GN'R nem eu fomos completamente inocentes. Estou certo de que poderíamos ter lidado melhor com as coisas, mas acho que fomos o último elo na corrente."

EM ESTÚDIO

Jose & Media Azul

Um monte de gente que tinha disco programado para este fim de ano está adiando. Cheque:

★ O tão esperado novo disco de **Michael Jackson** vai ter que ser mais esperado ainda. *Dangerous* só ano que vem.

★ **Lou Reed** adiou para janeiro o lançamento de seu novo álbum, *Magic And Loss*, que trata principalmente das mortes por câncer de dois amigos íntimos dele. Parece que consideraram o assunto muito polêmico para se perder em meio a tantos lançamentos de fim de ano.

★ **Ed Motta** teve sua primeira demo rejeitada veementemente pela Warner, que pediu canções "mais comerciais", de outros autores e produtor de fora. Ed bateu pé e o impasse foi criado. O clima só melhorou depois que Nelson Motta (não é parente) assumiu a direção artística da gravadora. Ed recomeça a gravar em dezembro/janeiro, com total autonomia de vôo.

★ É Caê!!! É sim! **Caetano Veloso** prepara seu novo álbum.

★ É Gil!!! É sim! **Gilberto Gil** no Nas Nuvens apronta seu 29.º disco.

ELVIS NÃO MORREU

Pelo menos quando o assunto é dinheiro

★ A guitarra que Sua Majestade usou em todas as famosas Sun Sessions, nos anos 50, foi a leilão. Até o fechamento, não sabíamos se alguém a havia arrebatado. Mas é certo que o instrumento, uma Martin D-18, de 42, não sairia por menos de duzentos mil dólares (preço pago pela guitarra de Hendrix, que nem era o rei do rock'n'roll).

★ Uma cidadã da Flórida, Betty Johnson, está faturando horrores vendendo cópias do testamento de Elvis. Ela recebe pedidos até da Inglaterra e Austrália.

★ Um parque de diversões cujo tema é Elvis será construído no Japão. O projeto inclui até uma réplica da famosa mansão Graceland.

OUÇA ESSA

"As pessoas me perguntam onde eu adquiri gosto por móveis caros e pintura. Cara, eu costumava roubar esse tipo de coisa."
Ice-T

"Não é só uma questão de polegar, também é uma questão de polegadas."
Rafael, Polegar

"Pessoas ficam me perguntando por que eu lanço tantos discos. Estou cumprindo meu contrato, só isso."
Bob Dylan, indo para a quarta (!!!) década de estrada

"Melhor música, melhores garotas, melhores drogas."
Bobby Gillespie, do Primal Scream, conta por que começou a fazer dance music

"O LSD mudou a face da música popular."
Huey Lewis, que certa vez gravou "Hip To Be Square" ("É legal ser careta")

"Pretendo usar roupas transparentes para mostrar, sutilmente, as linhas do meu corpo e refletir com brilhos toda a minha luz natural."
Lady Zu explica, em profundidade, sua nova fase

"Música sertaneja é música de corno conformado."
Genival Lacerda

POUCAS E BOAS

EUNUCOS Você pode contemplar as quatro estátuas gregas nuas da capa do novo **Tin Machine** e não achar nada demais. Mas, por pressão dos lojistas americanos, a gravadora Victory vai apagar da edição americana os membros das estátuas. Bowie comparou a atitude à Inquisição.

ACHAMOS ELE Respondida a questão **Que Fim Levou Robin?** Ele está na Argentina, Portugal e Uruguai, tocando nas casas noturnas e rádios.

HIT GLITTER Uma faixa de 73 do grupo T. Rex de **Marc Bolan**, "20th Century Boy", é a trilha do novo comercial da Levi's, na Inglaterra. Hit na certa. Aguarde uma enxurrada de produto musical T. Rex.

Kevin Cummings/LFI

ANCIÃOS Especula-se que **Bob Dylan** irá fazer alguns shows nos EUA ao lado de seus companheiros velhos de guerra **The Band**. Não se sabe se Robbie Robertson, principal compositor e guitarrista da Band, participará.

ENCONTRO DE TITÃS Vozeirões em dose tripla. O novo single de **Gladys Knight** (sem os Pips), "Men", tem a participação de outras duas ***soul ladies*. Patti Labelle** e **Dionne Warwick**.

PUNKS Lembra da banda punk **X-Ray Spex**? Não? Aquela com uma vocalista chamada Poly Styrene, que depois virou Hare Krishna. Não mesmo? Bem, eles se reuniram especialmente para um show em Londres com outras bandas punks ressuscitadas como **999**, **Sham 69** e **UK Subs**.

ZAPPA NO PODER O lendário "mucho loco" **Frank Zappa** resolveu assumir de verdade seu lado político. Está estudando a possibilidade de se candidatar a presidente dos EUA em 92.

PARASUPLA No início do mês que vem, chega às lojas o primeiro disco de **Suplа** pela EMI-Odeon. A produção é do PDS João Barone, que também toca em algumas faixas. O ultrajado Roger participa de uma música, "Encoleirado".

PET SHOP PASTA Neil Tennat e Chris Lowe fundaram seu próprio selo, Spaghetti Records. Eles não terão necessariamente envolvimento na produção e composição dos artistas do selo. O primeiro contratado é o cantor escocês **Cicero**. Seu single de estréia se chama "Heaven Must Have Sent You Back To Me".

"LETRAS DO LEGIÃO SÃO BREGAS"

É O QUE DIZ RENATO RUSSO SOBRE O NOVO DISCO DA BANDA

Nas palavras do próprio: "As letras são bregas, como os últimos vinte minutos do *Poderoso Chefão III*, tudo muito derramado. A gente está a fim de fazer uma coisa legal, mas morrendo de medo, como sempre. Eu não esperava que o disco *As Quatro Estações* fizesse tanto sucesso e agora não quero desapontar o nosso público".

"Resolvemos contratar um baixista para eu poder gravar a voz-guia junto e também colocar alguns teclados e violões. Mas ele não deve gravar todos os baixos."

"Já tenho um nome para o disco, mas até a última semana de gravação tudo pode mudar. Por isso vocês vão ter que aguardar mais um pouco."

Renato foi entrevistado recentemente pela revista *Interview*. Passou muito tempo rebatendo os clichês do repórter (que classificou-o de "muito gay"). Os melhores momentos:

"Tem coisas mais importantes na vida do que rock'n'roll. Tenho medo de ser levado a sério demais. Rock é para você se libertar dos problemas, rock é entretenimento".

"Vai admitir que você gosta de homem nessa terra, meu filho?"

"Tive problema sério com bebida, uma passada... me sentia a própria Judy Garland: valium e whisky..."

"Uma carreira internacional seria um pouco chata. O dia em que eu for reconhecido na rua nos EUA e na Europa, aonde eu vou passar minhas férias? Na Groenlândia é que não dá, né?"

Ricardo Saqueira Alzer

LONDRES

Festa comemorou o lançamento do novo disco do Jethro Tull, *Catfish Rising*, o Beatle drogou um zeleiro no meio do campo de Buckinghamshire e convidou a imprensa para comer churrasco e dançar quadrilha. Mais uma oportunidade para Ian Anderson posar com botas e chapéu de cowboy • Vistos rodando pela Fulham Academy, admirando os robôs e os sons do Kraftwerk: Vince Clarke (Erasure), membros do New Order e Jimmy Bowie • Jazzie B e família: nasceu seu primeiro filho, Jaeden • Fã é fã, mas isso já é demais! O fã-clube dos Pet Shop Boys está organizando uma festa para comemorar o décimo aniversário do primeiro encontro de Chris Lowe com Neil Tennant. No Le Palais, fãs dançarão, beberão e assistirão várias bandas tentando imitar os PSB • Tocando no programa de entrevistas *Wogan*, o Tin Machine de Bowie conseguiu chocar. Durante um solo, o guitarrista Reeves Gabriels tirou do bolso um vibrador e passou a tocar com ele • O charmoso Simon Bates, DJ da Radio One, deu um presente e tanto para os ouvintes, ao sair de férias, convidou alguns artistas famosos para apresentar seu programa, todos os dias das 9 às 11 da manhã. Os escolhidos foram Phil Collins, Jason Donovan, Whitney Houston e os Pet Shop Boys. Estes últimos ficaram com seu programa durante uma semana, garantindo horas de boa rádio. Tocaram do Village People até Sid Vicious com "My Way". Os altos índices de audiência fizeram com que a BBC, que controla o rádio, deixasse entrar no ar um "fuck" e "Relax", do Frankie Goes To Hollywood, censurado há anos!

ANAMARIA O. DE TEMOS

O ESTRANHO SAIU DO NINHO

Ele é considerado um dos melhores guitarristas do mundo. É um compositor de mão-cheia, vocalista inigualável. Mora no meio das águas como integrante de uma das maiores bandas pop do momento. Acaba de dar o seu primeiro voo solo em direção à rota do sucesso. Seu nome: RICHIE SAMBORA. Profissão: guitarra líder do Bon Jovi. Seu disco: um arraso.

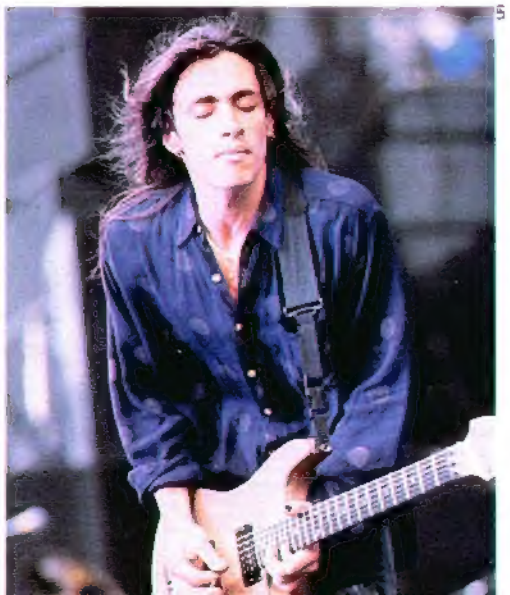
RICHIE SAMBORA

Em CD, LP e MC

PolyGram

MEU HEAVY PORTUGUÊS

Ele está ressuscitando a figura do *guitar hero*. Ele fez um seguro de suas mãos no valor de cinco milhões de dólares. E, ora pois pois, ele é lusitano. Ele é Nuno Bettencourt, o líder do EXTREME



Uma bela noite, num hotel da Europa, Nuno Bettencourt, guitarrista, fundador e líder incontesteste do Extreme, foi acordado por uma voz estranhamente familiar, ao telefone, falando numa língua ainda mais estranhamente familiar — o português.

A voz era de Steve Perry, do Journey, um amigo e colaborador com quem Nuno está desenvolvendo um projeto algo ambicioso (mais sobre isto daqui a pouco).

O português, que deixou Nuno, em suas próprias palavras, "num estado de intensa confusão mental, do tipo mas-onde-mesmo-é-que-estou", é aquilo que, além da guitarra, Bettencourt e Perry têm em comum: ambos nasceram no arquipélago lusitano dos Açores, e emigraram para os Estados Unidos ainda crianças, com suas famílias.

"Eu falo um pouquinho de português, sim", diz Nuno, rindo. E em inglês: "Mas é bem pouquinho mesmo. Eu só falo praticamente em casa, com minha família. O Steve até fala um pouco mais que eu. Naquela noite eu tive a maior dificuldade para, num estalo, entender o que ele estava dizendo" (O "Perry" de Steve é a versão anglicizada do nome original de sua família: Pereira).

Como um imigrante açoreano se torna um herói da guitarra nos Estados Unidos é mais uma dessas odisséias rock'n'roll — um gênero, como se sabe, um tanto avesso a importações.

Bettencourt é o mais jovem de dez irmãos numa família operária e extremamente musical que chegou, como imigrantes, à região de Boston, na costa leste dos EUA, quando Nuno tinha quatro anos. "Meu pai sempre tocou vários instrumentos", ele recorda. "Meus irmãos e irmãs, também, embora nenhum profissionalmente. Eu cresci acostumado com música dentro de casa o tempo todo, e sempre soube que era isso que eu queria fazer na vida."

Entre viras e fados, Nuno ouvia muito rock pesado dos anos 70, especialmente Jimmy Page no Led Zeppelin e Brian May no Queen. E, embora tenha começado a se interessar por música batucando numa bateria, logo passou para baixo e daí para a guitarra.

"Acima de tudo, por influência de um irmão mais velho que tocava guitarra muito bem", diz Nuno. "Acho que, além de Brian May e Jimmy Page, meu irmão tem que estar na lista das minhas maiores influências."

PolyGram

Logo Nuno estava percorrendo a cena de clubes de Boston. E logo, também, encontrou os comparsas ideais para o "crime" que todos queriam cometer — uma banda.

"Histórias de criações de bandas de rock são tão chatas", diz Nuno. "A verdade é que não tem nunca nada interessante para se dizer a não ser que a gente se conheceu e resolveu formar uma banda."

Para resolver esse problema, Nuno e seus companheiros no recém-criado Extreme — Gary Cherone, vocais; Paul Geary, bateria; Pat Badger, baixo — criaram todo tipo de mito & lenda a respeito de suas origens: que todos namoravam a mesma moça em Boston, que se encontraram por telepatia etc. "A verdade é que nós nos encontramos num clube de Boston e começamos a tocar juntos", diz Nuno.

De 85 a 88, Extreme viveu de brisa, ou quase. Em 88, um contrato seguido pelo lançamento do álbum *Extreme* não melhorou muito sua situação. Embora a crítica tenha prestado atenção não apenas na variedade estilística da banda, mas principalmente no virtuosismo de Nuno.

Este ano, subitamente, a balada "More Than Words", extraída do segundo disco do Extreme, *Pornograffiti*, disparou nas paradas. Em um mês a banda passou da semi-obscuridade ao disco de platina. E até a MTV, que havia ignorado solenemente seus outros discos, teve que dar o braço a torcer e colocar o Extreme em alta rotação.

"Não guardo rancor da MTV ou do rádio", diz Nuno. "Eles recebem muito material e alguém sempre acaba sendo ignorado. O Extreme não tem pressa — nós queremos crescer como uma banda, e sabemos que isso se dá aos poucos. Nós não somos uma banda dos anos 80, que tem um belo visual, alguém que escreve hits, grava videoclips e só. Queremos fazer carreira à moda antiga, tocando muito, tocando sempre, ao vivo, e desenvolvendo nossa capacidade como músicos."

É um bocado de trabalho. Mas Nuno, o fominha, acha que não. Nas horas vagas, ele aluga sua guitarra irrequieta para Janet Jackson (é dele o solo de "Black Cat") e seus dotes de compositor para muita gente, inclusive para as moças do Wilson Phillips.

E ainda está organizando, com Steve Perry, um álbum beneficente que vai reunir várias bandas e artistas — Journey, Skid Row e Sheila E. já toparam — em torno de uma série de causas políticas e ecológicas.

Nuno, que participa do programa de assistência Christian Children's Fund e incluiu o telefone do Greenpeace na capa de *Pornograffiti*, acha que rock e militância devem ser inseparáveis. "O mundo está uma bagunça, e os músicos na verdade têm mais poder que os políticos. O problema é que a maioria dos músicos é preguiçosa."

E a crescente popularidade do rock pesado — e da guitarra à moda de Nuno, faiscante como nos anos 70 — o que queria dizer? A volta dos deuses da guitarra, que reinaram em tempos idos?

"Ah, sim", diz Nuno, rindo. "Mas isso é normal. Acontece a cada dez anos. A cada dez anos a garotada se enche e vai em busca de alguma coisa que já aconteceu. Eu saí em busca da guitarra. E hoje acho muito louco, e fantástico, quando alguém como Brian May, que sempre foi um de meus ídolos, diz que o Extreme é sua banda favorita..."

ANA MARIA BAHIANA

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

A briga entre a Warner e a PolyGram pela liberação dos direitos de seus velhos sucessos segurou este **AO VIVO NO RIO** por um ano. Mas a obra de **Benjor** resiste ao tempo e às baixarias da indústria. *A.C.M.*

Tudo começou no noise-cabeça, testando os limites do ouvido (e da paciência). Mas com **GOO** o **Sonic Youth** aprofunda de vez seu pendor para o lirismo perverso. *A.A.*

Enquanto se aguarda o novo disco ao vivo de **Neil Young**, a pedida é o fundamental **RUST NEVERSLEEPS** (79), na reedição em CD. *C.P.*

De vez em quando os maníacos por soul e R&B desta terra têm uma surpresa agradável. Não perca as gemas 70 dos **Spinners**, apresentadas no ótimo **BEST OF**. Baladas que crepitam e suingue sofisticado. *C.R.*

Um atentado contra seu bolso: está à venda um pacote sortido de **Elvis**. São três coletâneas com faixas inéditas (**ESSENTIAL ELVIS VOLS. 1, 2 e 3**), um original (**10,000 YEARS OLD**) e um ao vivo de 70. *M.A.G.*

MÁQUINA SOUL

Um ex-Human League lança uma homenagem tecno ao soul tradicional. Outro mestre na matéria é o ABC, que volta em grande estilo. De quebra, o beat do suíço doido do Yello, precursor do tecnopop

B. E. F.

Quem diria que a reciclagem feroz em vigor no pop iria esperar tão pouco para rever o tecnopop de 81/82. Ano passado o Human League, depois de um sumiço de quatro anos, voltou com um hit e um LP. Este ano tivemos um remix 91 para "Situation", do Yazoo, uma coletânea do Soft Cell e novos discos do OMD, ABC e Yello.

Só para fechar com chave de ouro, o BEF está de volta. Quem?

Do começo. Por volta de 81, Martyn Ware e Ian Marsh, ex-técnicos de computação, ex-membros da formação original do Human League (pré-fase pop), formaram o Heaven 17. Logo resolveram desenvolver um projeto paralelo, o BEF, British Electric Foundation.

Lançaram o cultuado álbum *Music Of Quality And Distinction*. Uma idéia fantástica: velhos nomes cantando relíquias pop, pela nova abordagem tecnológica. Entre outros, Gary Glitter cantou "Suspicious Minds" (Elvis), Sandie Shaw, "Anyone Who Had A Heart", (Dionne Warwick) e Tina Turner, "Ball Of Confusion" (Temptations). Ware e Marsh produziram então a música que lançou Tina ao mundo milionário de Claptons e Knopflers: "Let's Stay Together", uma cover de Al Green.

Ware e Marsh se voltaram para o Heaven 17 e o BEF ficou de molho. Segundo Ware disse a *Melody Maker*, ele desencanou do BEF pelas imensas dificuldades em amarrar um projeto com tantos convidados.

Hoje o Heaven 17 está parado e Ian Marsh afastado. Ware decidiu reviver o projeto e nasceu *Music Of Quality And Distinction* 2. No início todos os tipos de nomes foram cogitados, incluindo Mick Jagger, Kate Bush, Maxi Priest e Chrissie Hynde.

Glen Gregory, Marsh e Ware, nos bons tempos do Heaven 17

Como essas "estrelas" se mostraram um tanto difíceis, Ware decidiu optar por gente mais acessível e de maiores afinidades com o estilo homenageado no álbum: o soul clássico. Billy Preston, Mavis Staples, Lalah Hathaway, Chaka Khan, da velha guarda, e os *soulboys* Billy Mackenzie (Associates) e Green Gartside (do Scritti Politti) estão na lista.

Para o primeiro single, "Family Affair", Ware planejava chamar o lendário soul-funker Curtis Mayfield, até que ele sofreu aquele sério acidente. Tentou então o próprio autor da música, Sly Stone. Mas este estava se desintoxicando daquele talco de Rondônia. O vocal ficou com Lalah, cantora de jazz, sobrinha do *soulman* Donny Hathaway.

CAMILO ROCHA

YELLO

Soa como Kraftwerk numa república de bananas. O experimentalismo eletrônico se combina com a dance music e com uma dose considerável de ironia, expressa em falsos beats africanos ou títulos em castelhano suspeito. Os primeiros discos saíram no começo da década passada por um selo de San Francisco, EUA...

Mas é tudo produto das mentes de um duo maluco suíço. "Detesto essa coisa de especialização", reclama Dieter Meier, com sua jaqueta azul, calça verde e gravata multicolorida. "Quando comprei minha casa, eu mesmo desenhei a mobília. Nada de *designers*. Isso só porque perguntei a ele por que fazer música, se sua paixão parece ser o cinema...

Depois de cinco anos como jogador profissional, Dieter começou sua carreira artística quando trocou a roleta por uma câmera 16 mm e os cassinos por cinemas escuros. Ao mostrar seus filmes "experimentais", ele mesmo criava, ao vivo, as trilhas sonoras — sem saber tocar nada. Daí até o encontro com Boris Blank e Carlos Perón, a criação do Yello, os famosos vídeos, o sucesso nas pistas...

Dieter Meier e Boris Blank

"Nunca assisto à TV. Me deixa triste. Me lembra de quando eu era garoto e só assistia à televisão se estava sozinho, sem nada para fazer. Mas ontem assisti à MTV e... é puro tédio!! Quando o formato do vídeo musical foi criado, ele liberou as imagens, não era mais preciso obedecer a um enredo, como em filmes. Era uma coisa tão interessante! Agora os vídeos estão chatíssimos — e a indústria musical morre de medo de desagradar a MTV."

Ele sabe do que fala. A qualidade de seu trabalho levou à inclusão do clip da música "Pinball Cha Cha" numa exposição do Museu de Arte Moderna de Nova York. Dieter também dirigiu os vídeos para "Da Da Da", do Trio, e "Big In Japan", do Alphaville. Seu próximo longa-metragem, *Snowball*, é uma "ópera para imagens cantadas", seja lá isso o que for.

Este ano o Yello lança o álbum *Baby*, o quarto sem Perón, que saiu em carreira solo). O anterior, *Flag*, foi um sucesso, com a faixa "The Race" chegando ao Top 5 de vários países europeus.

"Tudo começa com Boris e seus sons. Ele tem um arquivo com milhares deles. A partir daí ele cria as músicas... e então eu venho com minha pequena máquina de escrever ao estúdio e crio meus personagens. Nada é planejado. Somos como uma criança que brinca na areia." *A.G.L.*

ABC

Para quem ainda curte o neo-romantismo de clássicos como "All Of My Heart" e "The Look Of Love", a notícia de que o disco novo do ABC quase virou pura house pode causar um choque. Durante seis meses, Martin Fry e Mark White viajaram pelos Estados Unidos, trabalhando com os produtores Derrick May em Detroit, Frankie Knuckles em Nova Iorque e Steve "Silk" Hurley em Chicago.

"A idéia inicial era gravar uma música em cada cidade americana, tipo o *Station To Station* do Bowie. Mas no final das contas decidimos fazer de *Abracadabra* um disco mais reflexivo, mais melódico, embora bem rítmico." Um dos fatores decisivos foi a coletânea *Absolutely*. Ao escolher as faixas para o disco, Martin percebeu a tradição refinada que havia no trabalho do duo de Sheffield. "Você esquece que tem um passado, um nome..."

Mas para quem acha interessante a idéia de misturar o soul de olhos azuis de Martin Fry com o radicalismo da dance music, existe o álbum *Up*, lançado em 89, quase sabotado pela própria gravadora. "O Lou Reed uma vez fez um disco só de white-noise para acabar com seu contrato com a RCA ('Metal Machine Music'). Nós tentamos fazer o mesmo com a Phonogram (risos), mas temos orgulho demais para isso..." *A.G.L.*

Martin Fry e Mark White

Pinal Cena LP's

ELECTRO

TECNO POP E BM

Entre os fãs mais puristas, *The Mix* foi um vexame. Para compensar, o Kraftwerk deve lançar um álbum duplo, com material inédito, no começo do próximo ano. A notícia vem na revista alemã *Frontpage*, edição de agosto • Finalmente os lendários Die Krupps finalizam seu álbum-retorno, *Metall Machinen Musik/ 91-81 Past Forward*, pela Mute • Klute e Schnitt Acht são duas das bandas mais barulhentas do crossover techno-metal. A primeira, em *Explicit* (Zoth Ommog), luta pelos direitos dos animais (sic). A outra, com *Subhuman Minds* (Cheetah), mete medo até em death metal • Parede Amoreuse é o electro-indie-label mais cultuado na Europa atualmente. Distribui bandas como Die Form, Lassigue Bendthaus, Sielwolf, Scapaflow e Inside Treatment, entre outros nomes presentes nos *charts* especializados • Trisomie 21 editou uma coletânea definitiva de todos os seus 12" de quase dez anos de carreira, em um único disco: *Side By Side* (PIAS), disponível só em CD • O grupo franco-americano Handful Of Snowdrops prepara novo álbum, pela indie Ces't La Mort. O trabalho do trio é algo entre New Order e Clan Of Xymox • Cat Rapes Dog acrescentou à sua já conhecida fórmula aggrepóide — eletrônica pesadíssima — influências da música regional sueca. O mini-LP *Banzai Beats* (KK) é o melhor exemplo dessa World (Body) Music.

ENÉAS NETO

MOLEQUE MADURO

De trombada em trombada, ele vai escrevendo cada capítulo de sua lupina saga. Agora, em uma fase mais pacífica, LOBÃO e sua banda de nome obsceno fazem a crônica do inferno

Vida louca vida... Depois de superar períodos de turbulência (incluindo a separação da atriz Danielle Daumerie), Lobão está nitidamente mais maduro e feliz — e apaixonado. Esta fase de alto-astral está permeando também seu disco mais recente, *O Inferno É Fogo*. Produzido minuciosamente por Lobão e Eduardo Dico B. Zero, promete ser o seu disco mais pesado.

E talvez, em sintonia com seu momento pessoal, o mais bem-humorado. A banda que o acompanha, intitulada As Putas Que Gozam, é formada por Renato Nara (teclados), Rodrigo (violão e baixo), Cláudio Celso (guitarra) e Alcir Explosão (percussão). Passando pelos arranjos coletivos e pelas dicas de produção que todos os músicos tiveram oportunidade de dar, o clima do disco é de troca e democracia.

Divulgação

Ivson Barros Faro Azul

"É um disco que adoramos fazer. Só não vou cair no lugar-comum de dizer, como sempre se diz, que é o melhor disco. A proposta é mostrar como estamos: todos felizes." *O Inferno É Fogo* é o nome que ele escolheu por definir seu caráter "pesado, ácido e cheio de chacota". A faixa-título, que puxa o trabalho de divulgação, já abre o jogo.

Trata-se de um rock pesado, com solo de guitarra ao fundo, violões à frente e um clima meio dramático, reforçado por castanholas, timbales e timpanos de orquestra, além de um breque à espanhola. O cantor Nelson Gonçalves dá o ar de sua voz no início da música, com uma breve fala: "O inferno é fogo, meu filho. De lá ninguém sai, ô rapaz!"

"Jesus Não Tem Drogas No País Dos Caretas", de Lobão e Tavinho Paes, é outro rock — uma sátira ao pop e à sua autofagia. Com citações de "Satisfaction" e "Starway To Heaven", a faixa fulmina: "Quem veio do pop/Ao pop voltará"...

O hilário rock "Presidente Mauricinho" segue uma trilha politizada, aberta por "Revanche" e seguida, com humor, por "O Eleito". Lobão vê essas músicas meio como faixas de "arautos". "Elas falam de coisas que estão nos jornais todo dia, e sobre as quais dá mesmo vontade de falar. Mas não vou conclamar ninguém à luta armada; o humor é a nossa contribuição."

"Errado é fazer de uma música circunstancial a música de trabalho, como aconteceu com 'O Eleito', que foi levada muito a sério. Se 'Presidente Mauricinho' fosse puxar o disco, ia queimá-lo logo. Ia ficar meio Juca Chaves, enquanto o disco tem milhares de assuntos e nuances. Mas também não vou me privar de piadinhas."

Além de desfilar por rocks, countries e baladas, o disco ainda encontra, em suas onze faixas, espaço para flertar com o rap ("Bangu Um, Polícia Zero", de Lobão e Ivo Meirelles), com a guarânia ("Que Língua Falo Eu?") e, é claro, com a MPB. Explica, Lobão.

"Sou híbrido, sou colonizado. No Brasil há coisas lindas. E meu som é bem o que sou; misturo desde a música erudita que estudei no violão até canções folclóricas."

Lobão canta e toca bateria em todas as faixas, além de guitarra, violão e violoncelo — mesmo com o incômodo dos parafusos de platina que seu último tombo de moto, em dezembro passado, deixou em seu braço esquerdo.

A nova fase do artista passa ainda pelo desligamento de um de seus mais antigos parceiros, o letrista Bernardo Vilhena, que assina com ele a maioria de seus sucessos. "Prefiro não comentar a respeito", diz ele laconicamente. "Não me dou mais com Bernardo." Tanta reserva surpreende, vinda da "metralhadora giratória" do rock nacional. Mas Lobão, atualmente, parece preferir o silêncio.

"Falo do meu trabalho com o maior prazer, mas decidi não ficar mais comentando minha vida particular. Estou mais maduro. Sou uma pessoa muito confessional e acabo sempre sendo mal-interpretado." É com essa nova reserva que ele não revela nem o nome de sua nova namorada.

A exceção no seu silêncio é aberta só quando ele fala mal do produtor Liminha, responsável por seu disco anterior, *Sob O Sol De Parador*. "Aquele disco ficou asséptico, travado. O Liminha dizia que tudo parecia... com A Cor Do Som! E

Marcelo Faustini Azul

olha que o disco foi gravado com alta aparelhagem, em Los Angeles. Só que não podíamos fazer nada. Tentamos pôr o Alcir Explosão tocando pandeiro na música 'Um Bobo Pra Cristo'. O Liminha não quis. Preferiu samplear o pandeiro de 'Satisfaction'... E o Alcir é o presidente de bateria da Mangueira! Por isso me esmero em falar mal do Liminha. Ele merece."

EDUARDO FEIJÓ

João Saraiva Azul

PULSO

REGGAE WORLD BEAT

Dub pesado e exótico é "Reggae Down Babylon", de Deborah Wright. "Mundo, preste atenção", professa ela (também conhecida como Cantor Coben Debo'rah Yahvah): "sem justiça, paz jamais". Cantora de peso com voz grande. A produção é de Tony Rose, uma das cabeças que trouxe a luz para a Castillo Records. A gravadora independente de Nova York tem em seu catálogo títulos como *The Collected Emotions Of V.I.Lenin, A Political Fantasy*, e *Al Sharpton — The Reverend*. O reverendo Al Sharpton foi eleito várias vezes como a celebridade mais odiada de Nova York pela revista *Spy*. E é ele quem faz um discurso inflamado em "Reggae Down Babylon", com o vocal pesado de Deborah, base rítmica de "Get Up Stand Up" (Marley), cuíca, percussão e apito. Hip hop encontra reggae e quer vir para o Brasil. Música com alma e mensagem. ■ Também com mensagem, o novo álbum de Egberto Gismonti, *Amazônia* (EMI). Uma experiência otimista em som ambiental, com violoncelo e um toque de ECO 92. Não é para dançar, e sim para pensar. "O Senhor Dos Caminhos" é para Ailton Krenak — porta-voz da União Das Nações Indígenas. Ele diz que "tem gente na floresta, gente que faz parte da floresta". Quando ele fala, a gente deveria escutar a música da nova era — a era amazônica. A mensagem de hoje é: de onde viemos?

JOÃO MONTANHA

DE VOLTA À GARAGEM

O diretor Alan Parker, o mesmo do sombrio *The Wall* e do ligeiro *Fama*, volta ao seu assunto predileto: a música. É o filme *The Commitments*

Foster Fox

O cantor é arregimentado pelo empresário depois que este o vê, caindo de bêbado, ao microfone durante uma festa de casamento. O baterista é escolhido porque tem um caminhão. O trumpetista aparece a bordo de uma lambreta e informa, simplesmente, que foi enviado por Deus.

O primeiro show, no galpão de uma igreja, termina com o baixista sendo eletrocutado em cena ("Eu não me sinto tão mal a respeito dele — afinal, se ele morresse, seria uma morte bem rock'n'roll", comentam seus companheiros de banda, enquanto esperam notícias no hospital.) No segundo, o vocalista e o baterista quase saem no tapa, e metade do equipamento cai de cima do minúsculo palco. Para chegar ao terceiro show, num distante ringue de patinação, a banda tem que literalmente seqüestrar o caminhão de *Fish & Chips* onde trabalha uma

Nos inesperados cenários de Dublin, na Irlanda, os jovens "negros da Europa" ensaiam o seu *soul* celta

das vocalistas — e quando, afinal, o dono do ringue aparece com o primeiro pagamento de toda a história da banda, lá está o dono da aparelhagem para arrebanhar, na força se preciso, sua parte.

Quem não viveu, no todo ou em parte, uma história assim? Quem não conhece alguém que viveu uma história assim? Esta é, em sua essência, em todo o seu esplendor, a única e verdadeira história do rock'n'roll: a história de um bando de garotos que, à força de tédio, curiosidade, sonho, decide formar uma banda — em alguma garagem, em algum galpão, em algum canto infecto de São Paulo, ou Liverpool, ou Los Angeles.

Ou Dublin, Irlanda — onde o escritor e professor de ginásio Roddy Doyle imaginou e escreveu *The Commitments* (Os Compromissos), a saga fictícia, porém tão real, de uma banda que surge do nada e vai a parte alguma em tempo recorde, mas que, no caminho, escreve pelos desesperadores conjuntos habitacionais do norte da cidade mais uma página da única história do rock que deve ser levada a sério: a crônica daquele momento quando se tem vinte e poucos anos e o mundo é do tamanho exato do próximo riff.

Publicado por iniciativa do próprio Doyle em 86, em Dublin, *The Commitments* tornou-se um enorme sucesso cult e teve seus direitos para o cinema imediatamente comprados pela produtora independente Beacon para ser seu projeto de estréia. Em tempo igualmente recorde a Beacon atraiu o interesse de um diretor com um sólido background musical: Alan Parker, que de seu primeiro filme, o musical *Bugsy Malone*, a *The Wall*, versão filmada do álbum homônimo do Pink Floyd, passando pelas trilhas musicais de todos os seus outros filmes (que ele seleciona pessoalmente), tem tentado, em suas próprias palavras, "reconciliar minha profissão de cineasta com meu primeiro amor, aquilo que eu achava que seria minha vocação, a música".

Feliz pela possibilidade de retornar ao seu "primeiro amor" após três filmes que ele define como "sérios, pesados" (*Coração Satânico*, *Mississipi Em Chamas* e *Bem-vindos Ao Paraíso*), Parker dedicou-se a *Commitments* com fervor. De cara, descartou por completo a idéia, tão apreciada em Hollywood, de escalar astros conhecidos para viver os onze integrantes da "banda mais trabalhadora do mundo, os salvadores do soul". "O essencial nesta história é a honestidade", diz Parker, enquanto fuma o quarto cigarro da tarde em seu escritório de West Hollywood. "E, embora tenha tido o privilégio de ter trabalhado com alguns dos melhores atores do mundo, eu também já havia suportado bastante bobagem e estrelismo para saber que isso era a última coisa que precisava neste projeto. Acima de tudo, eu precisava de frescor e veracidade."

Para tanto, Parker aproveitou uma idéia do próprio livro de Roddy Doyle. Como no romance, em que o personagem Jimmy Rabbitte (um biscateiro com sonhos de ser empresário de rock, um pai fanático por Elvis e a reputação de ter sido "o primeiro do bairro a ter o disco de Frankie Goes To Hollywood") acha os músicos da banda através de um anúncio de jornal, Parker fez exatamente a mesma coisa.

Em poucos dias, ele tinha 1 500 candidatos para os onze papéis principais, quase todos integrantes das milhares de bandas de rock da cidade. "Existe alguma coisa em Dublin que, simplesmente, se presta a gerar esta enorme quantidade de música, boa música, música verdadeira, não manufaturada", diz Parker. "Algo a ver com a tradição musical do país, com a extrema juventude da população, com os índices altíssimos de desemprego."

Com exceção do veterano ator de teatro Johnny Murphy, todos os demais Commitments vieram de bandas tão ou mais obscuras que a inventada por Doyle (exceção seria Maria Doyle, ex-integrante dos Hothouse Flowers, e que faz o papel da vocalista Natalie. Hoje está numa banda menos conhecida, a Black Velvet Band).

E, curiosamente, com exceção do excepcional vocalista Andrew Strong que, aos dezesseis anos, soa como um jovem Van Morrison ou Joe Cocker, nenhum deles jamais havia tomado contato com *soul music*.

No filme, soul é o estilo de escolha dos Commitments, de acordo com um tortuoso raciocínio de Jimmy Rabbitte, segundo o qual, se os irlandeses são os negros da Europa, e os irlandeses operários de Dublin são os mais negros entre os negros, então soul é a sua música.

Ironicamente, muitos dos Commitments na vida real — incluindo Maria Doyle e Robert Artkins, que faz Jimmy Rabbitte — são fãs entusiasmados de rap, provando que, afinal, Rabbitte não estava tão errado assim.

A.M.B.

TAPAS & BEIJOS

Antes e depois do seu aniversário é o tal inferno astral, e eu não acredito nestas coisas, mas cara, que mês maluco.

Claro que não ajudava em nada o fato de todo dia eu chegar na BIZZ e ler umas dez cartas dizendo que eu era um corno sifilítico e coisas do gênero. O pior é que a maioria das cartas eram muito burras, tipo "como a revista tem coragem de falar mal do Guns e depois dar capa para eles." A revista não fala mal de ninguém, as pessoas que trabalham nela, sim. E o fato de o editor não gostar de um grupo não quer dizer que este não mereça uma matéria ou até a capa.

E também tinham cartas dizendo que, no *Ao Vivo* de julho, eu teria detonado os Engenheiros do Hawaii. Ô meus filhos, vamos aprender a ler? As comparações com Lulu Santos, Roberto Carlos e tal foram elogiosas, não deu para sacar não?

Ah, mas tudo bem. O mês teve lá seus momentos. Porradas de cartas de apoio (a maioria bem inteligente, aleluia), uma leitora que me chamou de "guru", o show do Deep Purple, o papo com o Roger Glover, o filme do Schwarzenegger... escrevo isso às vésperas de tirar uma semana de folga, estou cheio de amor no coração, como convém à minha formação carcacristã. Portanto vocês estão todos perdoados, meu rebanho, mesmo os pulhas mais repulsivos entre vocês.

Beijos etc.

ANDRÉ FORASTIERI

VIPER

O sistema metálico tem lá suas surpresas. O quarteto paulista Viper nunca poderia imaginar que um disco enviado para um fanzine japonês acabaria caindo nas mãos de um empresário alemão, Limb Schnoor (ex-manager do Helloween). E que ele arranjaria um contrato com a JVC para o lançamento de *Theatre Of Fate*, último disco da banda, em CD no Japão — e mais onze países do Oriente (leia-se Vietnã, China etc.

Nem mesmo podiam esperar que o disco, que ainda não encostou nas vinte mil cópias vendidas no Brasil, alcançasse o nono lugar no *playlist* nipônico, na frente de Van Halen, Warrant e outros bacanas.

A mistura de thrash e rococó que o Viper vinha fazendo na época de *Theatre*... parece ter agradado em cheio os japs. Tanto que as revistas do lado de lá do mundo estão entupidas de matérias e entrevistas com a rapaziada do Brasil. A gravadora também apostou firme no sucesso dos caras, e investiu dignamente em anúncios de página inteira para o lançamento do CD do Viper.

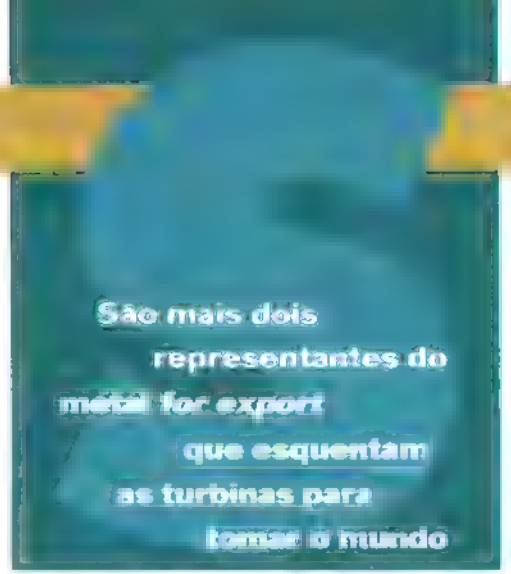
Empolgados com o sucesso lá fora, Felipe Machado, Renato Graccia, Yves e Pit Passarell já se prepararam para o novo disco, o terceiro na carreira do grupo, e enfrentam um novo temor. O estilo do Viper mudou muito depois de *Theatre Of Fate*, que foi gravado em 89.

O antigo cantor André Matos tirou o time, e o baixista Pit assumiu a dupla função. A banda ganhou muito em peso e violência. "Nosso som agora está mais cru. Mais direto. A gente tem até medo de não corresponder às expectativas criadas por *Theatre Of Fate*", diz Felipe, guitarrista que virou uma espécie de porta-voz internacional do grupo, por ter um inglês mais fluente.

Apesar de assustar o próprio Viper, as mudanças que tem acontecido prometem que *Evolution*, o próximo disco, será uma boa pedrada. Afinal, crueza, violência e simplicidade são elogios de primeira em se tratando de metal.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Eric des Haas/Azul



São mais dois representantes do metal for export que esquentam as turbinas para tomar o mundo

KORZUS

Eles começaram bem antes da moçada provocar a explosão thrash que assola o país. Tanto que hoje é comum se ouvir comentários do pessoal das bandas que andam assombrando por aí citando o Korzus entre suas influências. E os caras amargaram para chegar ao novo disco, *Mass Illusion*, o quarto na carreira do grupo paulista.

O Korzus foi vítima da euforia de mercado pré-Collor. Saltaram da independente Devil para a Eldorado, cozinharam lentamente em banco-maria à espera do OK para gravar. Quando ele veio, foi na forma de uma proposta econômica, como os novos tempos obrigam.

Não tiveram dúvida. Cordialmente, deram tchauzinho para a Eldorado e resolveram novamente encarar a Devil. De volta à independência explícita retomaram o fôlego, requisitaram a ajuda do amigo Roger Moreira, do Ultraje, para a produção. E preparam um disco de olho no mercado internacional. O cantor, Pompeu, se dedicou até a tomar umas aulinhas de inglês para aprimorar o sotaque. "Cantar em português é mais legal. A gente gostaria de fazer as duas versões do disco, mas ainda não dá", diz Pompeu.

A mudança de idioma começou no disco anterior, *Pay For Your Lies*, junto com o abandono de temas satanistas que predominavam nas letras dos dois primeiros. Estas foram apenas algumas das transformações que o Korzus sofreu depois do suicídio do antigo baterista, Zema. Ele foi substituído por Roberto Sileci, e acrescentada a guitarra de Marcello Nicastro.

Pompeu atribui os papos diabólicos das letras antigas à falta de assunto, coisa adolescente. "Eu era moleque, não sabia escrever e ficava inventando abobrinhas sobre o diabo."

Para o lançamento de *Mass Illusion*, o Korzus se armou de todo potencial bélico ao seu alcance. Descolaram até uma verba de cinqüenta mil dólares para gravar um clip da música "Agony", e participar do panteon pop do universo MTV.

Depois do disco e clip lançados, a meta é embarcar para a Bélgica, onde o grupo é bem conhecido, e esticar uma turnê pela Europa. "Vamos cair nos *squats* e metrôs. Vamos sair com os instrumentos nas costas sem saber o que vai rolar", anuncia o guitarrista Silvio Golfetti. E mais uma banda brasileira que dá adeuzinho.

C.E.M

Angelo Pastorello

HARD HEAVY THRASH

A coisa mais querida, linda, gostosa, sexy, tesão e bocuda do hard rock é uma loiraça chamada Susie Hatton. Ela só tem um defeito: namora o cantor do Poison, Bret Michaels, que produziu o disco de estréia da mocinha, *Body And Soul*. • Ignorância geral. Os grupos de grindcore, Carcass e Cadaver, e a gravadora dos dois, Earache, estão sendo processados por obscenidade nas capas de seus discos. Açougue perde. • Les Warner, ex-baterista do Cult, e o guitarrista do Zodiac Mindwarp, Trash, armaram uma banda chamada Hellfire Club. Deve vir pedrada da boa por aí. • Barbada. O DJ inglês Neal Kay foi incumbido pela japonesada de fazer uma seleção de novos grupos britânicos para uma coletânea a ser lançada na terra do sol nascente. Aqui está o endereço do sujeito: Neal Kay, Samurai Studios, 24a Southwark street, Southwark, London, SE1 1TU. Entupam a caixa de correio do gringo de demos e torçam para que ele se anime a convencer os olhinhos puxados a lançarem uma coletânea de peso brasileiro. Lembrem-se do Sepultura... • Por falar nos caras, estão lançado lá fora um *home video* gravado no show que fizeram em julho, em Barcelona, e algumas imagens da mega-apresentação na praça Charles Muller, em São Paulo. Rezem para que alguém se digne a lançar a fita por aqui.

EVIL OTTO

TRINOMIC
QUEM DISSE QUE
O HOMEM
NÃO FOI FEITO
PARA VOAR?
PUMA.
TRINOMIC VISION
FACHTS MIT QUALITÄT
Trinomic Vision é o novo tênis da Puma. E foi feito exclusivamente pra quem pratica jogging. Por causa do seu sistema Trinomic, você vai ter mais estabilidade, mais flexibilidade e muito mais aderência ao solo na hora de decolar. Fora que, provavelmente, vai ter o tênis mais bonito da pista. A gente não vai pedir pra você ir voando comprar um. Mesmo porque você não vai conseguir voar com esse seu tênis aí. Mas bem que você podia ir correndo. Trinomic Vision vai ficar pouco tempo nas lojas.
W/Brasil

dez anos depois

A primeira banda do rock 80 a chegar aos dez anos de estrada recorda toda a sua história. Na primeira parte, Frejat e cia. lembram o início da banda, a chegada do [illegible] e a presença de Cazuza

Como um gato de sete vidas, o Barão Vermelho tem renascido mais forte depois de cada golpe. Do quinteto original, formado em outubro de 81, no Rio, só restaram Roberto Frejat e Guto Goffi. Ao lado do percussionista Peninha, do guitarrista Fernando Magalhães e do [illegible] do grupo, e um dos mais demolidores do rock no Brasil, *Na Calada Da Noite*.

Em 91, com as músicas do último LP ainda rodando, eles preferiram a estrada. Só voltam aos estúdios agora no verão, para um disco previsto para abril do ano que vem. Antes, porém, a partir de novembro, retornam às principais capitais brasileiras com a turnê que comemora [illegible].

Aproveitando o registro, a BIZZ conta a história da banda. Na verdade, é o próprio grupo que relembra desta tumultuada jornada rock adentro, sucessos e percalços, amor e trovões, união e dissidência, mordidas e beijos. Não só os membros atuais como também dois ex-barões dão seus depoimentos: o tecladista Maurício Barros (hoje no Buana 4) e o baixista Dé (que largou as gravações de *Na Calada...*, em meio a pesado tiroteio verbal, para formar o quarteto Telefone Gol, com o ex-Ultraje Sérgio Serra).

Outro que não podia faltar é Ezequiel Neves, o eterno "sexto barão", produtor, "madrasta", eventual letrista e eminência parda, que se apaixonou pelo grupo desde a primeira hora. Guto Goffi não esquece a reação do então Zeca Jagger ao ouvir a primeira fita demo, na casa de Nelson Motta. Ele simplesmente seqüestrou a fita e disse: "Você vai me desculpar, Nelsinho, mas esta fita, a partir de agora, é minha. Você não vai se envolver com estes meninos, quem [illegible]!"

Fica faltando Cazuza, é claro. Mas o primeiro cantor e letrista que marcou profundamente a banda com sua verve e talento é freqüentemente lembrado pelos ex-companheiros. Sem hipocrisia, eles contam do clima neurótico e egocêntrico que se instaurou com o sucesso de *Maior Abandonado* (até hoje o único Disco de Ouro do grupo!, entre 84 e 85).

Aqui estão as histórias do BV, em versões às vezes divergentes, registradas em sessões individuais com cada cabeça. Como o próprio Frejat resume: "A história do Barão só pode ser contada se ela tiver várias versões. Não existe uma versão só. Eu tenho uma história, o Guto tem uma e o Dé tem outra. Em vários momentos elas se encontram, em outros se separam". Portanto, misture tudo e mande.

ANTONIO CARLOS MIGUEL

GUTO A gente tinha uns quinze anos, eu e o Maurício, quando decidimos ser músicos. No início dos anos 80 já existiam algumas bandas de rock aqui no Rio, mas todas estavam completas, sem lugar para baterista e tecladista. Então resolvemos formar o nosso próprio grupo, e dei o nome de Barão Vermelho. Eu e Maurício estudávamos na ProArte, uma escola de música em Laranjeiras (Zona Sul do Rio), onde também estudavam o Dé e o Frejat. A gente não se conhecia, mas alguns amigos em comum os sugeriram.

FREJAT Antes de conhecer o Maurício e o Guto eu já tocava em outras bandas, nada profissional. Tive até uma banda instrumental onde o George Israel, do Kid Abelha, também tocava. Eu estava numa dos grupos quando o Maurício e o Guto ligaram, me chamando para um show na Feira da Providência.

GUTO A gente tinha chamado o Léo Jaime para cantar e ele falou que já tinha dois grupos, Nota Vermelha e João Penca e seus Miquinhos, mas acabou passando lá no ensaio, na casa do Maurício, no Rio Comprido. Só que era muito esporro e o Léo falou que tinha um amigo perfeito para o grupo, um cara que adorava Janis Joplin, gostava de gritar, que era punkão... Liguei para o telefone que ele me deu e atendeu o Cazuza, que topou no ato. Aí que realmente começou o grupo, era outubro de 81.

DÉ O show na Feira da Providência acabou não rolando, mas fizemos outro num condomínio da Barra, já com o Cazuza. Foi uma merda, mas gostamos, e aí o Cazuza já estava compondo. Porque até aquele momento o repertório era de dois caras que também passaram pela banda: o Catatau, que agora é criador de búfalo na Ilha de Marajó, e o Tom Roqueiro, que deve estar preso (risos), um puta guitarrista, mas maluco.

FREJAT Lembro ainda que o Léo também tinha dito: "Ele é filho do João Araújo". E eu: "Mas quem é João Araújo?" A gente não tava ligado em gravadora, só queria tocar.

GUTO Tocamos em todos os locais underground da época e logo fizemos uma fita demo, com seis músicas, que passamos para o Nelson Motta, tentando abrir o show da Sandra Sá no Morro da Urca. Ele até falou em nos contratar para o selo que tinha na época, Hot, que lançou o primeiro compacto da Gang 90. Mas o Ezequiel ouviu a fita e tomou dele.

EZEQUIEL Fiquei enlouquecido, um grupo totalmente visceral, com letras que diziam coisas maravilhosas. Eu nunca tinha visto o rock and roll em português com aquela força, nem nos Mutantes. Como o Nelsinho e o Leo (Leonardo Netto) estavam pensando em organizar um pau-de-sebo pediram para eu ver se tinha alguma coisa aproveitável naquela fita. Bem, ouvi e comecei a fazer escândalo, eram só hits... Só o Barão aguentaria o Cazuza. Na época o João Araújo gostava da voz do filho, mas queria que ele cantasse... aquele do bumbum... Milton Nascimento.

FREJAT Eu e o Cazuza ficamos meses tentando mudar o nome, no início eu detestava, mas como não apresentamos nada melhor ficou Barão mesmo. Acho que o Barão começa a ser Barão quando começamos a fazer as nossas músicas. Eu e Cazuza vimos que gostávamos das mesmas coisas, no rock e na música brasileira: Melodia, Angela Ro Ro, Alceu, Novos Baianos, Jimi Hendrix, Iggy Pop, Joe Cocker, Clash...

DÉ O primeiro disco foi muito mal gravado, mas tinha as letras do Cazuza, que eram fortes.

FREJAT Eu adoro, é um dos discos do Barão que mais gosto. Dentro do rock brasileiro, são poucos os registros de uma banda nascendo, tão sinceros, ingênuos e puros. O engraçado é que ele é melhor em mono do que em estéreo. Na hora da mixagem abriram as duas guitarras: a guitarra em linha direta está num lado e a com amplificador está noutro. Quando você ouve em mono, as guitarras se somam dos dois lados e o disco fica mais encorpado.

GUTO A gente não sabia o que era gravar um disco. E acho que a estratégia do Zeca foi explorar esta ingenuidade. Por isto que o disco é tão bonito, e com aquela porrada de defeitos que são até qualidades hoje. Era muito sujo para tocar em rádio, o contrário do que acontecia na época, bandas como Blitz e Rádio Taxi, que faziam pop.

FREJAT Muitos grupos que começaram com a gente não sabiam tocar no início. Mas no Barão todos tinham três aulas de música, e isso é uma coisa que faz diferença, principalmente na evolução de cada disco. E o segundo tem uma sonoridade muito melhor do que o primeiro, graças em parte ao trabalho do Andy Mills, engenheiro de som e co-produtor. Mas o disco ficou um pouco frio. Em troca dessa eficiência foi perdido um pouco da inocência do outro disco.

GUTO A evolução da estréia para o *2* foi uma evolução até careta, ficou chato e a capa era horrível. O título inicial seria "Bicho Humano" e a capa seria uma idéia do Cazuza, cada um com um urubu de pelúcia, rosa, num quarto rosa, meio de menina. Mas não aceitamos, achamos

"Fiquei enlouquecido: um grupo totalmente visceral com letras maravilhosas. Nunca tinha visto rock'n'roll em português com aquela força, nem nos Mutantes"
Ezequiel Neves

Bombas explodem no comitê Tancredo Neves

EMBOLADA A TAÇA RIO

O DIA

BARÃO VERMELHO PRESO POR DROGA

GABARITOS DO SUPLETIVO

Líder manobrava extraditado de madrugada

Do alto: o último ano de Cazuza à frente do Barão (85), Maurício, Frejat, Cazuza, Guto e Dé na assinatura do contrato de *Maior Abandonado* (84), sob o olhar de Ezequiel Neves; Dé visita o camarim de Cazuza solo (86); *O Dia*, edição de 22/10/84; o Barão no especial para a TV *Fluxo*, *Fluxo Zero* que iria ser a maior viadagem (risos). Este segundo disco já estava morrendo, a gravadora não acreditava mais, quando as rádios descobriram a nossa gravação de "Pro Dia Nascer Feliz", que o Ney Matogrosso também tinha acabado de gravar. E esse foi o primeiro sucesso do Barão. Mas a gente realmente estourou com o compacto "Bete Balanço", que vendeu mais de 80 mil cópias.

FREJAT O Barão, em dois momentos da carreira dele, alternou dois extremos para fazer a verdade, que está sempre no meio, no terceiro disco. Foi o que aconteceu do primeiro e do segundo para o terceiro, *Maior Abandonado*. E depois, do *Declare Guerra* (86) e do *Rock'N'Geral* (87) para *Carnaval* (88). E o sucesso de *Maior Abandonado* vem de boas apresentações, da execução de "Pro Dia Nascer Feliz" e "Bete Balanço", da gente ser uma das bandas mais rock and roll daquela época. A gente fez coisas muito bonitas nessa época, como o show Barão e Blitz com a Orquestra Sinfônica na Praça da Apoteose; dois ótimos shows no Rock In Rio; fomos a primeira banda do rock brasileiro a excursionar o Brasil todo com som e luz de primeira.

DÉ A gente dançou em São Paulo, no auge do sucesso de *Maior Abandonado*, na noite de estréia do show em São Paulo, em outubro de 84. Estávamos num andar inteiro do Hilton e depois do show demos uma festa lá. Eu dividia o quarto com o Guto e, de manhã, ele estava no banho, quando tocaram na porta. Acordei e quando abri estava lá o próprio delegado Fleury, com uma arma na minha cara e eu nu. Ficamos na delegacia das três da tarde às oito da noite. A gente tinha dois shows naquela noite, pagamos a fiança e fomos direto para o Juventus, lotado. O Cazuza entrou no palco e falou: "Quem tem um sonho não dança", de "Bete Balanço", e o público delirou. No dia seguinte quase todo o grupo voltou para o Rio de trem e, chegando na Central do Brasil, todas as bancas traziam a capa do jornal *O Dia* (o mais popular do Rio), com a enorme manchete: "Barão Vermelho preso!", algo assim. Aí ficamos famosos.

FREJAT O único que não dançou foi o Cazuza. Ele ficou puto da vida por não ter dançado. A po-

Ibiza achou que ia encontrar de tudo. E, nada, plantaram lá um pouco de fumo.

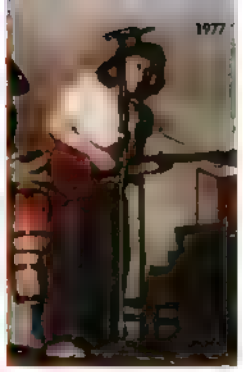
EZEQUIEL Era uma armação do Fleury para se promover. Antes de entrar no hotel ele já estava dando entrevista para as televisões. Eles tentaram de tudo para pegar o Cazuza, que era o mais escandaloso, a vitrine do grupo. Mas o Cazuza nunca comprou maconha, cocaína, davam para ele, porque ele gostava é de birita.

GUTO Foi um período difícil e no fim todo mundo estava brigando entre si. O final da época com o Cazuza foi uma das coisas mais horríveis. No ônibus, de manhã, nas turnês, já estavam todos de mau humor, era uma neurose pura. Foi uma fase criativa, mas também prejudicial para a saúde mental do grupo. Seria mentiroso continuarmos juntos. Para mim foi muito triste, mas ele saiu na hora certa.

DE Eu morri de medo, mas acreditei que o grupo pudesse sobreviver. Muitas coisas influíram na saída dele. O Frejat queria cantar uma música e o Cazuza morria de ciúmes. E, desde o primeiro disco, ele ouvia: "isso desse grupo, que é uma merda, você que é o máximo", sempre existe esse tipo de voduzinho. Fizemos uma turnê pelo sul que foi uma neura só, todo mundo sabia que ele ia acabar saindo. E eu nem me lembro direito, porque a gente andava muito louco.

EZEQUIEL Como eu sou madrasta tentei segurar ao máximo o Cazuza dentro do grupo. Só que as duas partes estavam se prejudicando. A gente ia entrar no estúdio, para fazer o sucessor de *Maior Abandonado* e vi que era impossível. Rolava uma briga horrorosa e eu chorando pelos cantos do Brasil inteiro, vendo os últimos shows, que eram agressivíssimos. Os camarins eram um absurdo, saía todo mundo na porrada. Uma semana antes do início das gravações conversei com o Cazuza, que se sentia culpadíssimo e disse: "Eles casaram, estão comprando casas, têm filhos, como é que vou deixá-los na miséria". E eu: "Eles têm força e você vai cair fora agora!" Aí, no dia da gente assinar o contrato para o quarto disco, eu e Cazuza fomos para a reunião e anunciamos que ele estava fora. Não dava mais para sustentar aquilo, o Barão seria destruído por aquela farsa. Os garotos ficaram pasmos, porque rolava muito dinheiro, eles estavam no top. Era gravar um novo disco e voltar ganhando mais, muito mais. Mas isso tem mentira no rock and roll.

Na próxima edição: a ressurreição do Barão Vermelho; as novas mudanças e crises; o reencontro com o rock and roll e o sucesso em Ao Vivo e Na Calada Da Noite.



ROBERTO FREJAT
(Rio, 21/05/62)

Aos quatro anos pediu para o pai comprar seu primeiro LP, *Rubber Soul*, que conheceu através de um primo mais velho, beatlemaníaco. Ganhou um violão no aniversário de dez anos e teve algumas aulas, "sem muito saco para aprender a ler música. O que vim a fazer mais tarde".
"Sempre ouvi muito rock, Alice Cooper, Santana, Grand Funk, Deep Purple, Black Sabbath, Slade. Progressivos também, mas morri de tédio no show do Genesis. Nessa mesma época, 76, assisti aos Novos Baianos e pirei. Mas já curtia Chico, Caetano e Gil. O que me fez virar guitarrista mesmo foi o blues. Aquele disco do John Mayall com Eric Clapton, e Jeff Beck, Jimi Hendrix... é quando entram também os Stones, B.B. King..."
Signo: Gêmeos
Religião: não tem
Estado Civil: casado, sem papel, com Alice
Política: interessado, mas sem ligação partidária
Time: Flamengo
Bebida: conhaque, Remy Martin
Comida: japonesa, italiana e brasileira
Hobby: música
Mulheres: várias, esteticamente as mulatas e negras
Leituras: quadrinhos eróticos, Mário Manara, *Guitar Player* e *Musician*
Vídeo/Cinema: policiais, Jack Nicholson, Robert De Niro, europeus
Som: todo tipo de música, que seja boa
Drogas: uma questão individual, cada pessoa que decida o que quer
Grupo de Rock: Stones, Experience e Who.

GUTO GOFFI (Flávio Augusto Goffi Marquesini, Rio, 09/08/62)

Cresceu ao lado da quadra da Escola de Samba do Salgueiro e, antes de tocar bateria, já gostava de uma batucada. Primeiros discos: Chico Buarque (*Construção*) e Martinho da Vila. "O rock entrou depois, influência do Mauricio (Barros), meu colega no colegio. Ele gostava de alguns discos hilários, como o Procol Harum, Premiata Forneria Marconi. E depois comecei a abrir mais. O Ezequiel (Neves) e o Cazuza, mais tarde, também foram fantásticos, mostraram toda uma coisa de poesia, de arte. Se hoje sou fã de Dylan, Lou Reed, Jack Kerouac... foi porque eles jogaram a semente em mim. Podia hoje estar achando o Sidney Sheldon o máximo."
Signo: Leão
Estado Civil: pai solteiro, de André, 5 anos"
Religião: fé
Política: existência
Time: Flamengo
Bebida: uísque
Comida: "como de tudo"
Hobby: escrever letras
Mulheres: "que me ama muito, a minha"
Leituras: Jack Kerouac
Vídeo/Cinema: Luis Buñuel
Som: Lou Reed
Drogas: "odeio cocaína"
Grupo de Rock: Barão Vermelho

NADA SUBSTITUI O TALENTO DA ESTRELA.

Chegou a hora de você mostrar toda sua criatividade. A Estrela está lançando Talento: as grandes idéias da propaganda em jogo. Imagine que você é um grande criador: à sua frente uma foto e cinco frases na mão para você escolher a mais genial, irreverente e engraçada.

Depois, sem que os outros vejam, cada um passa a sua frase para o mediador. É hora de votar! Se a sua for a mais criativa, o talento é todo seu. Revele o seu talento. São 75 fotos e 400 frases que vão mexer com a sua imaginação.

PROMOÇÃO JOGUE TALENTO COM BIZZ

ESTRELA®

COLOQUE TODO SEU TALENTO EM JOGO.

FOTO A

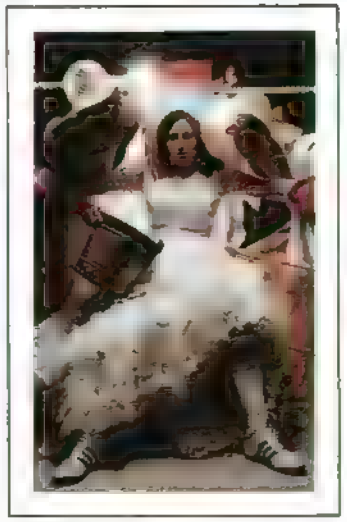
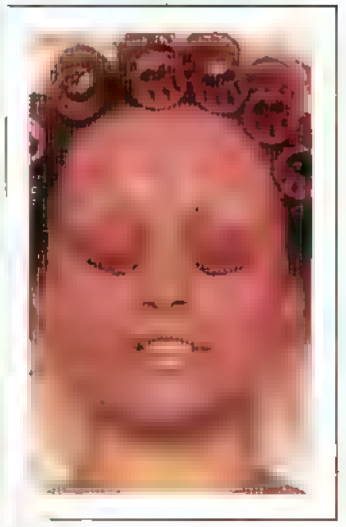


FOTO B

FOTO C



OTO D

A promoção "Jogue Talento com Bizz" vai revelar e premiar toda a sua criatividade. Para participar é só você criar frases engraçadas, absurdas e criativas para estas fotos. Solte a sua imaginação e concorra aos nossos prêmios. Afinal, você tem ou não tem talento?

OS PRÊMIOS

REGULAMENTO

1) A promoção "Jogue Talento com Bizz" é um concurso artístico-cultural promovido pela Estrela/Revista Bizz, aberto à participação de qualquer pessoa residente em território nacional.
2) Para participar o leitor deverá escrever uma (01) ou mais frases para uma (01) ou mais fotos dentre as colocadas nesta página.
3) Cada frase deverá ser enviada com cupom ou xerox deste para "Revista Bizz", Av. das Nações Unidas, 5.777 CEP 05479, São Paulo - SP. Só concorrerão cupons corretamente preenchidos.
4) As frases devem ser enviadas até o dia 12/11/91. Vale a data de postagem do correio.
5) Caberá a uma comissão julgadora, formada por profissionais de reconhecida competência, selecionar as frases ganhadoras.
6) A comissão levará em consideração a criatividade e originalidade de cada frase concorrente.
7) A decisão da comissão julgadora é soberana e irrecorrível.
8) O julgamento será feito no dia 19/11/91, às 14 horas, na sede da Editora Azul, Av. das Nações Unidas, 5.777, São Paulo.
9) Serão escolhidas 15 (quinze) frases, que, por cessão de direito, receberão os seguintes prêmios:
   15 camisetas Bizz/Talento
   15 assinaturas da revista Bizz
   15 jogos Talento
10) Os vencedores serão avisados por telegrama e terão seus nomes publicados na edição nº 78 do mês de janeiro do ano de 1992 da revista Bizz.
11) Nenhuma das frases enviadas será devolvida pela Estrela, que se reserva o direito de utilizá-las ou não a seu exclusivo prazo.
    O envio da frase constitui automaticamente cessão definitiva de seu direito de uso, que passará a ser exclusivo da Estrela.

Promoção exclusivamente artística e cultural, sem qualquer modalidade de sorte ou pagamento pelos participantes, nem vinculação destes à aquisição ou uso de qualquer bem, direito ou serviço; aberta a qualquer pessoa que queira participar, com exceção dos funcionários ou parentes dos funcionários da Estrela, Editora Azul e Better Comunicação, de acordo com a lei nº 5768, decreto nº 70.951, art. 30.

NOME:

DATA DE NASCIMENTO:

ENDEREÇO:

_____ CEP _____

CIDADE: ESTADO: _____

MINHA FRASE É _____

PARA A FOTO A ☐ B ☐ C ☐ D ☐

Porrada planejada

Em sua esperadíssima volta ao vinil, o METALLICA abandonou as epopéias sonoras e partiu para a simplicidade: um disco de rock rápido e pesado. O baixista Jason Newsted revela as dificuldades da produção deste adeus ao thrash, que está sendo considerado o melhor disco da banda

METALLICA

A única coisa que indica que o homem à minha frente é o baixista de uma das maiores bandas de rock do planeta é seu anel: uma caveira rodeada de serpentes, em ouro.

Jason Newsted acaba de acordar — na verdade ainda está meio dormindo. Ele se joga no sofá, ajeita os óculos e suspira. "Já fizemos dois shows desta turnê Monsters Of Rock — amanhã em Donnington é o terceiro. Ainda estamos nos aquecendo... depois de tanto tempo longe dos palcos, é difícil." Ou seja: o Metallica está de volta — e com um disco aclamado como o melhor de sua carreira.

Para quem andou se perguntando onde estava a banda, a resposta é simples: depois de um ano e meio na estrada promovendo o álbum *And Justice For All*, eles pararam para descansar. Casaram, construíram casas, cuidaram da vida.

Depois de um tempo bateu a necessidade de retomar o grupo. Jason, o vocalista/guitarrista James Hetfield, o guitarrista Kirk Hammett e o baterista Lars Ulrich se uniram novamente para começar a trabalhar no seu quinto disco. Depois do sucesso de crítica e vendas do álbum duplo *Justice*, não deve ter sido fácil.

Pois eles conseguiram: superaram *Justice*. *Metallica*, o disco, entrou direto no primeiro lugar da parada britânica; o single "Enter Sandman" entrou direto em quinto lugar. Nos Estados Unidos, o single é uma das músicas mais pedidas nas rádios.

"Chame-nos de thrash, speed, o que quiser. Eu prefiro 'música rápida e pesada'."

Uma novidade importante: em vez de temas longos e elaborados, o disco apresenta doze músicas curtas, diretas. Provavelmente por influência de Bob Rock, produtor do disco, que trabalhou antes com o Cult, Mötley Crüe e Bon Jovi. Mas que ninguém pense que a presença de Bob amenizou o ataque do Metallica. Eles continuam rápidos e pesados — só que agora em canções de três minutos, não dez.

A recepção excelente que o álbum recebeu não caiu do céu. A gravadora planejou o marketing do álbum cuidadosamente, e até a capa de *Metallica*, bolada pelo próprio grupo, se encaixa neste esquema.

A famosa capa é uma idéia de gênio: nada de monstros ou cores fortes. Ela é totalmente negra, se você forçar a vista, verá o nome da banda num canto e uma serpente em outro.

Mas o Metallica não estaria vendendo tão bem, nem estaria na capa de *Melody Maker*, *NME*, e até *Q* e *Time Out* que geralmente ignoram totalmente este gênero musical, se o disco não tivesse sido verdadeiramente bem recebido por quem realmente interessa: os fãs.

Acima, os melhores momentos da entrevista com Jason. Ele recorda todos os passos na produção de *Metallica*: do período de preparação ao estouro, da colaboração de Bob Rock à concepção do novo estilo do grupo. De quebra, relembra o Brasil, analisa o metal atual, elogia Police e Rush e revela seus discos prediletos no momento — você acreditaria em Ziggy Marley e Tom Waits?

ANAMARIA G. DE LEMOS

Lars e Jason, com James e Kirk ao fundo

© White Onyx

PAUSA PARA MEDITAÇÃO

"Depois de dezoito meses na turnê de *...And Justice For All*, estávamos esgotados. Precisávamos parar e gastar um pouco de dinheiro."

"Foi um período importante para nós. Compramos casas, tentamos dar um jeito em nossas vidas domésticas. É importante ter uma âncora. Tocar numa banda é como viver duas realidades diferentes. Quando estou em casa me pergunto como é que consigo fazer show após show. Mas depois de dois dias na estrada, já esqueci onde minha casa fica!"

A PRESSÃO DA VOLTA

"Ninguém de fora nunca tentou interferir com a 'fórmula' do Metallica. Mas nós nos impomos um certo padrão ideal. Sabíamos que tínhamos que criar nosso melhor álbum. Reposicionar o Metallica para os anos 90... queríamos começar esta década com a força anterior."

FAZER SUCESSO SEM SE VENDER

"É uma coisa muito positiva, poder compor e [illegible] alcançar tanta gente. Nunca dissemos 'vamos escrever músicas curtas para agradar as rádios e a *MTV*'. Produzimos um disco mais acessível, mais audível porque quisemos."

"O importante para nós é que o disco tivesse um bom groove, mais alma que os anteriores. O groove aconteceu com nossa tentativa de simplificar. Fomos jogando fora tudo que era supérfluo, indo direto ao assunto."

"Chega de músicas com vinte partes, sem mudanças de tempo, toda aquela coisa progressiva! O Lars começou a tocar de maneira mais básica, eu fiquei mais solto, deixando as guitarras fazerem o que tinham de fazer, e os vocais do James ficaram mais cheios de emoção."

A PRODUÇÃO DE BOB ROCK

"Queríamos uma pessoa com idéias novas e diferentes. E quando conhecemos o Bob, vimos que ele era a pessoa certa. É tão diferente ter alguém no estúdio que tenha know-how, sem falar em seu incrível ouvido. Ele sabe obter os resultados que quer: sabe que botões apertar, que máquinas usar."

"É óbvio que o Bob conseguiu fazer com que déssemos o melhor de nós. Foi incrível assistir às mudanças que ele trouxe ao James: ele foi se soltando, deixando as emoções fluírem."

ESTÚDIO

"No total, passamos nove meses e meio no estúdio. Houve momentos de tensão, um quase estrangulando o outro. Mas sabíamos aonde estávamos indo. E acho que, no final, conseguimos a melhor qualidade de som jamais produzida em metal."

A CAPA

"Tivemos a idéia da capa preta quando estávamos trabalhando nos títulos. A idéia inicial tinha mais detalhes, mas, como na música, fomos tirando tudo que era desnecessário. Não queríamos nada que desviasse a atenção da música."

"É engraçado como as pessoas interpretam o que vêem numa capa. Se você vê os monstros, espera um certo tipo de música. Nós também temos culpa, somos parcialmente responsáveis pela criação daquelas imagens típicas do heavy metal."

EVOLUÇÃO

"Não dá para ficar se repetindo ano após ano. Todas as grandes bandas — como o Black Sabbath, o Led Zeppelin, o Police, o Rush — davam ou dão um passo à frente com cada novo disco. Crescem como músicos, compositores, pessoas."

THRASH

"Não quero parecer arrogante, mas acho que o Metallica está totalmente sozinho no que faz. Chame de thrash, speed, o que quiser. Eu prefiro 'música rápida e pesada'... Talvez tenhamos começado o movimento thrash nos Estados Unidos, mas não podem nos culpar pelo que as outras pessoas fazem *(risos)*."

BANDAS

"Toda nova música é uma reciclagem de algo anterior. Antes de nós havia tanta gente! Mas poucas bandas no gênero são tão distintivas quanto o Metallica. O Slayer é uma delas, apesar de não concordar com tudo que eles dizem. De Anthrax..., bem, não sei se conseguiria identificar uma música deles."

"O Faith No More... naquele disco eles conseguiram ir em tantas direções diferentes! Da última vez que falei com o Jim (Martin), ele disse que estava feliz com algumas coisas, infeliz com outras, das gravações do novo disco. Ele estava tentando fazer a coisa ficar mais pesada. Quanto ao Primus, é fantástico."

"Do Sepultura ouvi pouco, através do Phil, do Sacred Reich, mas gostei do que ouvi. Tem tanta coisa acontecendo no rock e no heavy metal! Tantas combinações! Olha só o Mordred: guitarra pesada, baixo funky e scratching... Todo mundo está explorando, e é assim que deve ser."

BRASIL

"Foi uma loucura! Foi bem no final de uma turnê de dezoito meses. Estávamos acabados. O engenheiro de som ficou doente, o Kirk ficou doente. Mas foi legal. Só queremos voltar e mostrar do que realmente somos capazes."

TOP 5

"Meus discos prediletos? O novo de Ziggy Marley, *Jahmekya*, *The Early Years*, do Tom Waits, *Legend* do Bob Marley... gosto de *tudo* do Bob Marley. Thin Lizzy, *Bad Reputation*, *I Stand My Ground* do Clarence Gatemouth Brown. E qualquer coisa da Motown: Jackson Five, Temptations etc. As únicas bandas pesadas que ouço são o Sacred Reich e o Violence. Talvez se eu ouvir mais o Sepultura eles entrem na lista."

COMO RESISTIR A UMA CAIXA DE BIS.

OS REIS DO LIXO

Se existe uma coisa boa que esta profissão desgraçada de jornalista permite é a de contato com os ídolos. Numa curta experiência profissional, eu, por exemplo, já tive a felicidade de conversar pessoalmente ou por telefone com vários deles: Ozzy, Steve Harris, Lemmy, Brian Setzer, Joey Ramone, Mick Jones, Paul Simonon, Jello Biafra e alguns outros menos votados. Falar com Poison Ivy, no entanto, foi a mais legal de todas.

Por quê? Bom, em primeiro lugar porque os Cramps, junto com os Ramones, os Stooges e o Black Sabbath, são as maiores bandas de rock de todos os tempos. Ninguém me convence do contrário.

Segundo, porque existe em torno dos Cramps uma motivante aura de mistérios e lendas, que beira o culto. Mesmo na imprensa internacional são poucas as matérias feitas com a banda. No Brasil nem se fala.

Foi só no ano passado, quinze anos após sua formação, que os Cramps ganharam sua primeira biografia, *The Wild Wild World Of The Cramps*, escrita por Ian Johnston. Livro obrigatório.

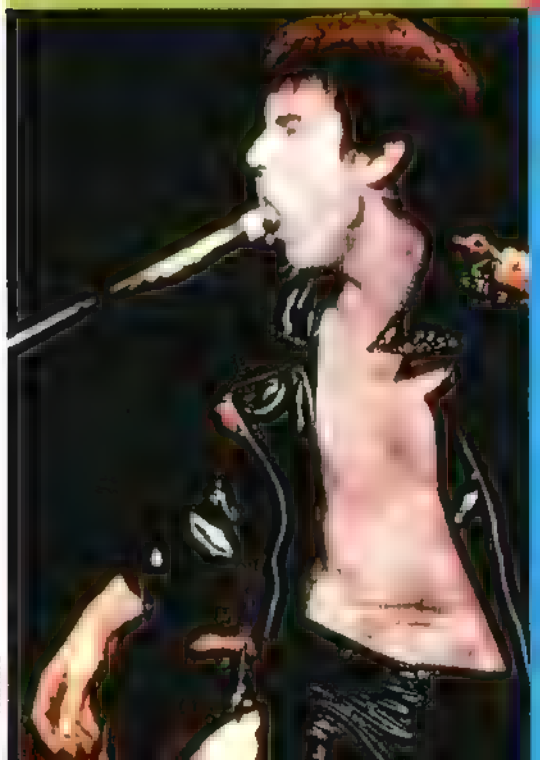
Comigo, a banda fez jus à imagem enigmática e misteriosa – mas pelas razões erradas. Foi a entrevista mais difícil de conseguir da minha vida. Não que Poison seja uma dessas estrelas mal-humoradas, muito pelo contrário.

O problema foi burocrático. Ligando para a gravadora da banda, atendia sempre a secretária eletrônica. "Este telefone não pertence mais à Enigma. A gravadora faliu. Pedimos desculpas."

Foram dois meses atrás dos desgraçados. Um belo dia, um companheiro de profissão, repórter da *Rolling Stone*, deu a dica: "Parece que os Cramps assinaram com a I.R.S." Palpite certo. A partir daí foi moleza: novo telefonema, entrevista pedida, entrevista marcada.

Na hora combinada, o telefone toca em alguma colina de Hollywood. Uma voz suave e gentil responde. Era Poison Ivy.

Ser um dos CRAMPS não é fácil. É preciso gostar de filmes antigos, rock psicodélico, distorção no pior, filmes de terror classe B e todo tipo de lixo cultural. Mas só isso não basta. Também é preciso ser a melhor banda de psychobilly do planeta durante quinze anos



Fotos: Reprodução

Foi difícil falar com vocês, estou tentando há um tempão...

Foi porque a gravadora falia. Ficamos sem assessoria de imprensa sem nada. Mas agora já está tudo resolvido, assinamos com a I.R.S. . Já trabalhamos com eles antes nos discos *Psychedelic Jungle* e *Bad Music For Bad People*

Vocês estavam fazendo o lançamento de *Stay Sick*?

Sim. Estávamos em turnê quando soubemos do problema com a gravadora

Parece que esse foi o disco de vocês que mais vendeu...

Sim, é verdade. Foi o primeiro disco que lançamos por uma gravadora grande. Todos os nossos discos anteriores saíram por selos pequenos, que tinham problemas de distribuição. *Stay Sick* vendeu bem porque foi bem distribuído... e porque é nosso melhor disco

É um disco muito pesado e violento...

Era essa a nossa intenção, fazer o disco mais violento e doente possível. *Stay Sick* é perfeito. Foi a primeira vez que conseguimos soar em vinil como soamos ao vivo.

O nome do disco, *Stay Sick* (*Mantenha-se Doente*) é uma filosofia de vida dos Cramps?

Rindo: É lógico. Considerando que a maioria dos humanos se julga normal, preferimos ser anormais. *Stay Sick* significa "não seja normal, mantenha seu bom humor, seja diferente dessa humanidade chata e conservadora".

Os Cramps são muito influenciados pela cultura trash, como filmes B e quadrinhos de terror. Como começou essa adoração pelo lixo cultural?

Em primeiro lugar o que nos influencia é o humor negro. Tudo que fazemos é relacionado a ele. Desde adolescentes gostamos de filmes de baixo orçamento e de terror. Nada melhor que um orçamento reduzido para incentivar a criatividade. Quando você assiste a um filme de terror dos anos 50, sabe que as pessoas que o fizeram são de verdade, entende? Não me interesso por efeitos especiais perfeitos e produções caras. Isso desumaniza a arte.

Se os Cramps fossem um filme em vez de uma banda, que filme seriam?

Meu Deus, uma pergunta difícil. Deixa eu pensar... Acho que seríamos uma mistura de *Faster Pussycat Kill! Kill!* com os filmes de Herschel Gordon Lewis. Teria também um pouco de *Evil Dead 2*, de Sam Raimi, e de um filme chamado *The World's Greatest Sinner*, sobre um homem que larga seu emprego, muda seu nome para "God" (*Deus*) e vira astro de rock. (*Nota: Faster Pussycat Kill! Kill! é um filme de Russ Meyer sobre um grupo de mulheres que barbarizam com seus carros em pleno deserto. Já Herschell Gordon Lewis é considerado o pai do estilo "sangue e tripas", o mais violento do terror. Em 63 filmou* Blood Feast, *filme precursor do gênero*)

E seus ídolos musicais?

Os músicos que mais me influenciaram foram músicos da década de 50, como Link Wray e Duane Eddy. Ouvi muito também os guitarristas de rockabilly e ses de cor o catálogo da Sun. O rhythm & blues inglês dos anos 60 também foi uma grande influência, até ficar progressivo demais. Depois dessa onda progressiva, pouca coisa chamou minha atenção. Stooges, New York Dolls, T-Rex e Ramones

E as bandas de surf music, tipo Trashmen e Surfaris?

Sem dúvida. Os Trashmen são uma das maiores bandas da história. Gravamos "Surfin' Bird" no lado B do nosso primeiro compacto. Acho que é a maior música jamais feita. É energia pura! Dá vontade de sair quebrando tudo (*risos*)!

Alguma banda nova te impressionou nos últimos tempos?

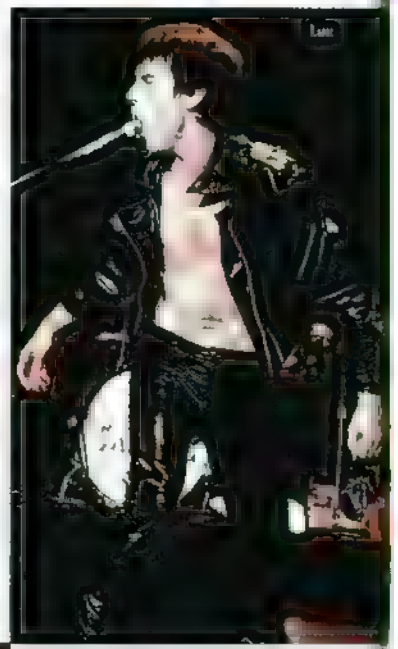
Para falar a verdade, não escuto muita coisa nova. Gosto do Sonic Youth, do B-52's e do último disco do Iggy Pop (*Brick By Brick*), que é outro ídolo nosso. Ah, sim! Me lembrei de uma boa banda nova, o Flat Duo Jets, que tem aberto alguns shows para a gente

E as letras dos Cramps? São, digamos, "ousadas"...

Rindo: Acho nossas letras muito sexy e imaginativas. Lembram as letras de alguns blues men, como Howlin' Wolf

Os Cramps sempre foram influenciados pelo psicodelismo. Hoje muitas bandas, de estilos que vão do heavy à dance, se dizem influenciadas também...

Isso tudo me parece uma grande armação. Veja o caso dessas bandas de Manchester: põem uma batidinha dance aqui, um vocalzinho sussurrado ali e vendem como se fosse psicodelia. Sou uma especialista em psicodelia, por isso sei o quanto é artificial e desonesto. Sabe com tanta banda louca por aí, ouvir essas coisas? Com certeza não é o que eu gostaria de ouvir se estivesse chapada. (*risos*)



O que você quis dizer com "especialista em psicodelia"?

Rindo: Digamos que são anos de experiência. Sabe, quando eu estou tocando, entro em transe psicodélico, tenho visões e coisas desse tipo (*mais risos*)

Você e Lux vivem há dez anos em Los Angeles, que é o paraíso dos poseurs. Como é ser vizinha do Guns N'Roses e do Skid Row?

Moramos aqui porque é bem tranqüilo. Sobre essas bandas que você citou, não gosto. Eles ficam posando de roqueiros maus e drogados, mas são uns conservadores, racistas e pró-governo

"O psicodelismo das bandas de Manchester é artificial e desonesto. Não é o que eu gostaria de ouvir chapada"

Por falar em governo, qual é a posição política dos Cramps?

Sempre evitamos letras sobre política e coisas desse tipo. Rock'n'roll para nós é só diversão. Para as bandas inglesas contemporâneas nossas tipo Clash e Sex Pistols fazia sentido falar sobre isso. Eles vinham de um país frio e repressor. Enquanto eles estavam desempregados e passando fome, nós estávamos vendo filmes de terror e lendo gibis.

Você acredita em movimentos do tipo Live Aid?

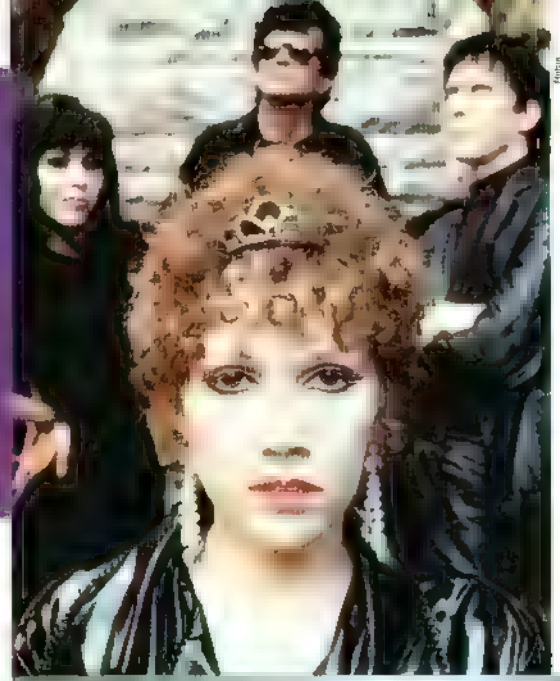
Não. Acredito na bondade humana, mas acredito também na esperteza dos empresários que dizem esses eventos só para se promover

Mudando um pouco de assunto: se você fosse para uma ilha deserta e só pudesse levar cinco discos, quais você levaria?

Só cinco? Vamos ver... Acho que levaria uma coletânea do Link Wray, o álbum ao vivo dos Trashmen (*Live 65-67*) e a caixa de blues da Sun com músicas de Howlin' Wolf e Junior Parker. Levaria também um disco dos Stooges, talvez o *Funhouse* que é o meu preferido. Ah, não poderia deixar de fora a Korla Candid. Você não conhece? É uma organista que faz um som muito louco, ótimo para se ouvir olhando o por-do-sol

Por-do-sol? Então no fundo você é uma romântica?

Rindo: Às vezes. Sabe, Lux e eu estamos numa ótima fase, realmente apaixonadas um pelo outro. Temos esta bela casa que nos adoramos, onde ficamos assistindo a filmes e ouvindo discos. Tem sido ótimo.



Ivy, com Candy Del Mar, Nick Knox e Lux, na formação do grupo que duro desde 85 até hoje. Abaixo, o banda na época do primeiro LP: Knox, Brian Gregory, Ivy e Lux

Ser um Cramp não é fácil. Ser um Cramp significa gostar de lixo, amar coisas que a maioria das pessoas acha repulsiva e ridícula. É necessário amar os filmes classe Z, desses de orçamento reduzido e efeitos especiais de quinta categoria. É necessário adorar o rock'n'roll cru e básico do rockabilly. É preciso gostar de coisas que não fazem sentido e de letras que não dizem nada de útil para a humanidade.

Pessoas com todas estas qualidades são raras. Um dia, em 72, duas pessoas destas se encontraram. O resultado foram os Cramps.

Tudo começou em Akron, Ohio, numa das zonas industriais consideradas as mais poluídas dos EUA. O jovem Erik Lee Purkhiser, filho de uma típica família de classe média, passava seu tempo lendo as HQs de terror *Tales From The Crypt*, ouvindo o programa de rádio de Mad Daddy e assistindo na TV ao show de horrores de Ghoulardi.

Um dia, com medo de ser convocado para a guerra do Vietnã, Erik resolveu se mandar de Akron. Pegou seu carro e foi para Sacramento, na Califórnia. Lá foi hippie e andou metido em zen-budismo.

Um dia deu carona na estrada para uma menina, Kristy Mariana Wallace. Foi amor à primeira vista. Ao contrário de Eduardo e Mônica, Erik e Kristy gostavam das mesmas coisas: filmes de terror, quadrinhos sanguinolentos e muito rockabilly.

Erik voltou para Ohio levando na carona sua nova namorada. Um ano e meio depois, já autobatizados de Lux Interior e Poison Ivy Rorschach, se mudaram para Nova York, com a idéia de formar uma banda.

Em NY conheceram as bandas do underground: Ramones, Dead Boys, Heartbreakers, Television, Suicide e Blondie. Lux arrumou emprego numa loja de discos. Lá encontrou o estranhíssimo Brian Gregory, um fanático pelos Stooges.

A banda estava precisando de um baixista, já que Ivy estava aprendendo a tocar guitarra. Gregory insistiu em também tocar guitarra. Assim os Cramps ficaram com dois guitarristas e sem baixista. Permaneceram sem baixista até 86.

A estreia foi em novembro de '76, no Dia de Finados, abrindo um show de Suicide no CBGB. A baterista era Miriam Linna, velha amiga de Detroit. Em julho de 78, Miriam largou a banda e foi substituída por Nick Knox, Nicholas George Stepanhoff.

Em 78 lançam seu primeiro single, com as covers de "Surfin' Bird" dos Trashmen, e "The Way I Walk" de Jack Scott. O primeiro LP só viria em 80, *Songs The Lord Taught Us*. Em maio desse mesmo ano, Brian Gregory simplesmente some. Sua saída dá início a um rodízio quase interminável de guitarristas: Julien Griensnacht, Kid Congo Powers, Ike Knox, primo de Nick, e Clint Mort não funcionaram.

No álbum *A Date With Elvis*, de 86, a banda usou pela primeira vez um baixo em uma gravação, com Poison Ivy fazendo as vezes de guitarrista e baixista. O problema acabaria com a entrada de Candy Del Mar, que assumiu o baixo dos Cramps e estabilizou a formação da banda.

Knox, Lux e Ivy com o baixista Fur, que acompanhou a banda na turnê de *A Date*.

Estes últimos anos foram ótimos para os Cramps. Apesar do problema das constantes trocas de gravadora, viram seu público crescer. No ano passado, fizeram o melhor disco do planeta *Stay Sick*, e fizeram sua maior excursão, tocando para quarenta mil pessoas como a atração principal do Festival de Reading, na Inglaterra.

Os Cramps são uma das poucas bandas da história do rock que pode se orgulhar de realmente ter criado um estilo. Ao fundir os riffs rockabilly e surf de uma banda como os Ventures com a psicodelia e o peso de um Stooges, a banda criou o "psychobilly" ou "rockabilly voodoo". Sua música suja, agressiva e bem-humorada e hoje uma unanimidade, capaz de agradar de góticos a rockabillies, passando por punks e headbangers.

Pelas letras, dá para se ter uma idéia da filosofia: diversão a qualquer custo dos Cramps. Eles esnobam a arte dita séria: "Eu não sei nada de arte. Mas sei do que eu gosto", em "I Ain't Nuthin' But A Gorehound" (83), abominam o messianismo do rock: "Eu gosto do rock'n'roll maldito. Aquele que não salva almas", "God Damn Rock'N'Roll" (90), e fazem questão de se distinguir das pessoas ditas normais: "As pessoas não gostam de mim. O porque eu não sei", em "People Ain't No Good", de 86.

O show dos caras, quem viu garante, é matador. Poison Ivy, do lado direito do público, mascando ciclete e soltando aquela microfonia que faz o Jesus And Mary Chain parecer a Banda de Pífaros de Caruaru. À esquerda, Candy detonando o baixo trovejante. Ao fundo, Nick Knox, com cara de quem está permanentemente de saco cheio, segura a batida rockabilly.

No centro, o mestre-de-cerimônias, Lux, só de tanguinha e sapatos de salto alto, fazendo gargarejo com uma garrafa de vinho barato e cuspindo de volta no público, se arrastando feito uma lacraia pelo palco, com metade do microfone enfiado na boca. De arrepiar.

A nós, pobres brasileiros, resta assistir aos vídeos, ouvir os discos até furar e torcer por uma miraculosa aparição nesta terra abençoada por Belzebu. Num país onde a FMI-Odeon divulga na imprensa que vai lançar o *Stay Sick* e depois simplesmente desiste, tudo é possível.

ANDRÉ BARCINSKI

SEUS PÉS VÃO DEIXAR DE SER MEMBROS INFERIORES.
AMERICAN STAR

TERROR, TORTURA E PSICOSE

O ESTRANHO MUNDO DOS CRAMPS

THE CRAMPS

• O guitarrista Brian Gregory era o único membro do Cramps realmente ligado em magia negra. Ele costumava usar um colar feito de ossos, em que pendurava pequenos recipientes com terra, recolhida dos cemitérios das cidades onde a banda visitava.

• Em 84, Lux e Poison foram passar as férias numa fazenda em Plainfield, no Wisconsin. Vinte e sete anos antes, mais precisamente em 17 de novembro de 1957, na mesma local, Ed Gein foi descoberto pela polícia. E ele havia matado varias pessoas, entre elas a mãe da vizinha da cidade, e arrancado suas peles para forrar os moveis de sua casa. A história de Gein inspirou filmes como *Psicose* (1960), de Hitchcock, e *O Massacre da Serra Elétrica* (1973), de Tobe Hooper, além de musicas como "Deadskin Mask", do Slayer. A casa onde Gein "trabalhou" em suas vítimas foi queimada pelos moradores de Plainfield, mas Lux e Poison conseguiram levar como recordação um pedaço da parede da casa, pesando 25 quilos, que guardam até hoje. (Internado em um sanatório, Gein morreu em 26 de julho de 84.)

• O logotipo do Cramps é inspirado na de "Tales From The Crypt", famosa série de quadrinhos de terror dos anos 50. Lux tem a coleção completa.

• O fã-clube do Cramps na Inglaterra foi fundado em 79. Um dos fundadores era um jovem chamado Steven Morrissey, que depois ficaria famoso como líder dos Smiths.

• Durante alguns meses do ano de 85, Lux se correspondeu quase que diariamente e visitou John Wayne Gacy. Mais conhecido pelo apelido de "Killer Clown", Gacy estava preso, condenado a morte por torturar, sodomizar e matar 33 jovens. Na prisão, Gacy se dedicava a pintar quadros retratando "grandes artistas da humanidade", e dedicou uma série inteira a figura de Lux Interior.

• No verão de 78, o Cramps fez um show para os internos do Napa State Mental Hospital, um manicômio perto de San Francisco. O show foi gravado pela Target Video. Os loucos já sabem na palco, cantam e dançam com Lux, que inicia o show assim: "Algumas pessoas me falaram que vocês eram loucos, mas parecem normais para mim."

Todos essas histórias e muitas mais estão no livro The Wild Wild World Of The Cramps *(1990), de Ian Johnston, primeira biografia da banda. O livro pode ser encontrado na SBS, Rua Augusta, 1206, CEP 01304, São Paulo, SP. Tel. 231 2452.*

DISCOGRAFIA

Álbuns

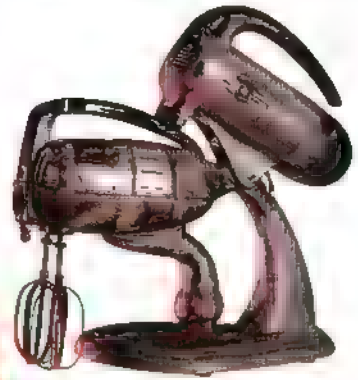
Songs The Lord Taught Us (Illegal, 80)
Psychedelic Jungle (RS, 81)
Off The Bone (Illegal, 83)
Smell Of Female (Big Beat, 83)
Bad Music For Bad People (RS, 84)
A Date With Elvis (Big Beat, 86)
Rockinreelinauklandnewzealandaux (ao vivo, Vengeance 669, 87)
Stay Sick! (Enigma, 90)

Participações em coletâneas

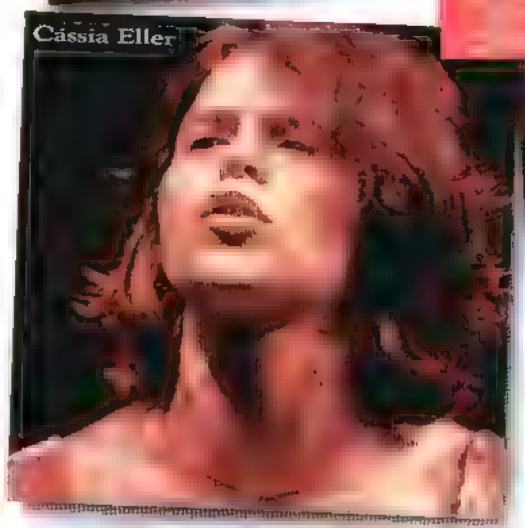
Urgh! — A Musical War (A&M, 81)
Rockabilly Psychosis And The Garage Disease (Big Beat, 84)
Return Of The Living Dead (trilha sonora, Big Beat, 85)
The Last Temptation Of Elvis (NME, 90)

ROCK PRA VOCÊ CAIR DE QUATRO.

EVANDRO MESQUITA



QUE SEXUAL DOS ELETRODOMÉSTICOS E OUTROS ANIMAIS



Cláudio Zoli, Evandro Mesquita, Cassia Eller e X-Rated. Quatro sugestões da pesada pra você cair no rock com tudo em cima. Ou com tudo em baixo. Você é que escolhe.

PolyGram

MELANCOLIA MODERNA

ImpulSionado por dois hits dancE-porém-tristonhos, Seal emerge dAs pistas de dança como um dos Luminares pop de 91

Aos 28 anos e um metro e noventa de altura, Sealhenry Samuel é uma estrela. Mais conhecido como Seal, ele chegou aos olhos e ouvidos do público via "Killer", uma colaboração sua com Adamski. Mais de um ano depois, Adamski está temporariamente fora do circuito, mas o LP de estréia de Seal, sem título, está vendendo feito água.

Nos vídeos, fotos, letras, capa do LP, Seal parece sempre tão sério, introspectivo, meio cabisbaixo. Às vezes a gente até suspeita que ele é uma alma torturada, um poço de angústia existencial. Bem, ou é tudo imagem, marketing ou hoje foi uma exceção e Seal teve uma noite de sono tranquila. Ele parece feliz, despreocupado e completamente frívolo.

"Sabe o que eu odeio mesmo? Aquele pano que eles usam para forrar as cadeiras dos ônibus... aquele xadrez amarelo e vermelho. Pior que isso só marzipã." Sua namorada, Sasha, que acaba de chegar carregada de sacolas de várias butiques, ri e olha para Seal com adoração.

Entre uma frase e outra, ele pega seu violão elétrico e toca, invariavelmente, seu hit "Crazy". "Deus do céu, não, hoje não é o meu dia. Cadê o cara que parece se levar tão a sério como *artista sério*? E este que quando eu faço perguntas age como se estivesse com a cabeça em Júpiter? Este que levanta várias vezes no meio da entrevista e vai dar uns beijinhos na namorada?

Tudo parece ter acontecido do dia para a noite para este cantor do norte de Londres, cujos avós por parte de pai são brasileiros. "Mas a verdade é que passei uns quatro anos compondo, cantando e tentando arranjar um contrato. E eu tive que, quando as coisas finalmente aconteceram, elas estourarem."

Foi uma questão de estar no lugar certo, na hora certa. O lugar foi um parque no sul de Londres. A hora: madrugada, voltando de uma *rave*. Foi então que Seal conheceu Chester, um rapper que estava trabalhando com Adamski.

O resultado foi uma amizade — que Seal jura ainda existir, apesar dos boatos — e um mega hit. "Killer" permaneceu número um durante quatro semanas, e a voz de Seal conquistou milhares de pessoas. Logo depois ele já estava contratado pela ZTT, de Trevor Horn. "Minha música evoluiu bastante... antes eu não sabia estruturar uma música, não sabia nada de arranjo. Agora aprendi a ser mais conciso."

"A gravadora investiu bastante no meu LP", diz Seal modestamente, ao tentar explicar seu sucesso. "E eu me esforcei bastante."

Parte do esforço deve ter sido para trabalhar com Trevor Horn, famoso não só por ter criado Frankie Goes To Hollywood e produzido ABC e Grace Jones, mas também por ser um dos produtores mais meticulosos e lentos do pop. "É verdade, e às vezes eu perdia a paciência. Mas os resultados mostram que valeu a pena."

Para gravar parte do disco, Seal foi direto para Los Angeles. "É um lugar ótimo. Alguns dos melhores estúdios e músicos do mundo estão lá. E o sol! Ele me animava a trabalhar, porque eu sabia que quando saísse do estúdio o tempo ainda estaria bom. Se eu não tomo sol, fico pálido. Juro!"

Foi durante um jogo de basquete — a última moda entre as estrelas de Beverly Hills — que ele conheceu Wendy e Lisa, taquelas que tocavam com Prince, que acabaram participando do disco. Apesar das vendas fenomenais do álbum, teve gente que esperava pura dance music e se decepcionou. Há faixas totalmente acústicas e intimistas.

"Infelizmente, é um clichê ou estigma ligado a artistas negros. As pessoas me dizem que é por causa de 'Killer'... sei que esta música nasceu da cena dance, mas... eu estava numa discoteca quando ouvi Killer em público pela primeira vez, e as pessoas pararam de dançar. A pista ficou vazia."

O engraçado é que Seal só ouve dance quando vai para *nightclubs*, e mesmo assim. "Gosto de rock, para dançar. Sou capaz de dançar a noite inteira ao som de 'Whole Lotta Love'."

Como influências principais, ele cita Bob Dylan, Stevie Wonder, Joni Mitchell e Burt Bacharach.

Não resisto à tentação. Quero saber o que são as marcas no rosto de Seal. Ele olha pela quinquagésima vez para a namorada, pisca, e jura não saber. "São um mistério para mim. Elas não existiam cinco anos atrás. Mas agora fazem parte de mim. As pessoas me reconhecem por causa delas."

Mentira: Seal seria reconhecido mesmo sem suas cicatrizes. Ele é uma estrela, sabe disso e se comporta como tal. Falando português claro, ele se acha o máximo. Coisas da ascensão fulminante. Sorte ou talento, ele chegou lá e promete ficar. No topo. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

CINCO EXPERIÊNCIAS MAIS "CRAZY" NA VIDA DE SEAL

- Levar uma bitz em Los Angeles.
- Quando "Killer" chegou em primeiro na Inglaterra. Ele se trancou no banheiro do restaurante em que estava quando ficou sabendo e ficou viajando na situação.
- Conhecer a cinzenta Varsóvia, na Polônia.
- Ter que usar uma roupa quatro números menor no vídeo de "Killer".
- Nintendo.

PHILIPS

PHILIPS

TRÊS OPÇÕES DE CD PLAYER PARA DEIXAR VOCÊ COM APENAS UMA OPÇÃO DE MARCA.

CD CHANGER AK 701

Uma dos maiores conquistas da Philips foi ter criado o CD que revolucionou o mundo do som. Daí, somente o seu inventor poderia oferecer um CD Player com carrossel para 5 discos com tantos recursos. O AK 701 foi desenvolvido para você ouvir a fidelidade do mais puro som durante muito mais tempo. Ele reproduz até 6 horas de música daquele jeito que você sempre sonhou, sem nenhuma interrupção. Para facilitar ainda mais, o AK 701 permite a troca de até 4 discos do carrossel sem precisar parar a música que está tocando. Se você já tem o System Powerplay AS 9400 (Skyhawk), pode usar o seu controle remoto para operar também o AK 701. E se o seu repertório é extenso, ele tem programação para até 50 faixas, na ordem que você quiser ou até sem ordem nenhuma, através de uma programação aleatória.

COMPACT DISC PLAYER AK 601

É só ouvir o AK 601 para entender por que a Philips se destaca tanto no mercado de CD Players. Como todos os outros modelos da linha, o AK 601 impressiona pela qualidade de som, sempre impecável. E basta que você tenha o System Powerplay AS 9400 (Skyhawk) em casa para utilizar o mesmo controle remoto e operar também o CD. Ou seja, quem já estava feliz com a qualidade e performance do Powerplay vai ficar ainda mais satisfeito com a pureza de som deste CD Player e as vantagens de usar um único controle remoto. O AK 601 também tem memória programada, com capacidade para até 32 faixas.

CD PLAYER AK 603 COM CONTROLE REMOTO

Você tem um som mas não tem um CD Player? Agora tem. AK 603. Ele pode ser conectado ao equipamento de som que você tem em casa, mesmo que ele não seja um Philips. O AK 603 possui controle remoto próprio, para você operar todas as funções do CD Player sem ter que sair daquela poltrona macia. Com memória para 32 faixas e os mesmos recursos do AK 601, o AK 603 se encaixa perfeitamente às suas exigências de qualidade.

Todos os modelos da linha Philips de CD Players são compatíveis com os CDs de 8 cm (3") e possuem um design tão arrojado quanto o estilo de vida que você gosta de ter. Além de todas estas atrações, existem muitos outros recursos comuns a todos os CD Players da linha. Um deles é o **Shuffle**, que possibilita a reprodução das músicas do disco em ordem aleatória. Com o **Introscan**, você pode ouvir os segundos iniciais de cada faixa do disco. Para garantir a precisão da leitura e reprodução, **Sobreamostragem Quadrupla** e conversor analógico digital de 16 bits. Quer ouvir tudo de novo? Use o **Repeat**. Mas a gente não precisa repetir mais a opção de marca que você deve ter, precisa?

CD PLAYER PHILIPS SÓ QUEM INVENTOU O CD PODERIA TER ESTA LINHA.

dupla de comadres

JOHNNY saiu dos Smiths e começou a tocar com todo mundo: Bryan Ferry, Pretenders, The The. Mas nada o satisfazia. Graças aos céus, reencontrou um vizinho dele lá de Manchester que também andava meio entediado com seu grupo, o New Order. Os dois conversaram e acabaram descobrindo que tinham muitas coisas em comum — até o mesmo cabeleireiro! Papo vem, papo vai, começou a parceria entre o ex-Smith e **BARNEY**

ELECTRONIC

Eu não tenho nada a ver com Rod Stewart [illegible] be? Jamais consideraria a possibilidade de trabalhar com ele.

Não. Rod não convidou Bernard Sumner [illegible] voz e guitarra do New Order [illegible] para trabalhar. O [illegible] me do ex-coveiro, ex-vocalista *extra* [illegible] re, atual *bon vivant* profissional, veio a baila quando Sumner revisitou a ideia de que o Electronic [illegible] o combo formado com o ex-Smiths Johnny Marr, que acabou recebendo colaborações estelares dos Pet Shop Boys [illegible] seria um super-grupo no molde dos anos 70, uma agremia[illegible] [illegible] pelo cache ou pela badalação do que, necessariamente, pela convicção ou pelas inclinações artísticas de cada um.

Não, mesmo. O Electronic não é um super-grupo", defende-se Sumner com um jeito pausado de falar. Johnny [illegible] a quinze minutos da minha casa. Não comecei a trabalhar porque ele era famoso, entendeu?

Superdupla, sim, talvez seja o termo mais apropriado. Com raras exceções, Sumner e Marr [illegible]puseram e tocaram tudo que consta do álbum de estreia do Electronic, dez faixas de pop e dance music sofisticado e *state-of-the-art*. Duas das exceções são Chris Lowe e Neil Tennant, co[illegible] [illegible]endos por Pet Shop Boys [illegible] autores de "The Patience Of A Saint" e "Getting [illegible] With It" [illegible]

Bernard e Johnny já se conheciam [illegible] quando Sumner estava produzindo uma gravação para o grupo Quando Quango, de Manchester, e Marr ap[illegible] respecti[illegible] [illegible] se esbarraram inúmeras vezes na estrada e tal [illegible] importante [illegible] como explica Bernard. Nada m[illegible] [illegible] portanto, que os dois acab[illegible] sem trabalhando [illegible]

Eu já havia começado a trabalhar nesse [illegible] [illegible]zinho", explica Bernard por telefone [illegible] [illegible]ado da fronteira dos Estados Unidos com o México, em San Diego, onde foi [illegible] a estação de rádio alternativa do local, a 91X, depois de uma breve passagem por Da[illegible] divulgando o álbum *Electronic*. "E isso já faz um tempo, pouco antes do final da turnê americana do álbum *Technique*. Todo domingo, após a turnê [illegible] trancava na sala de ensaio do New Order para [illegible] sozinho. Como tinha ensaios no dia seguinte, dormia no chão da sala. E lá perto [illegible] um enorme cemitério, os co[illegible] [illegible] uivando a noite [illegible] aquilo tornou-se um pouco demais par[illegible]" Bernard precisava de alguém junto dele.

Eu gostava muito dos Smiths [illegible] Sumner. "Achava que eles eram muito bons, músicas como The Boy With A Thorn On His Side e How Soon Is Now. Isso era parte do motivo de querer trabalhar com Johnny."

A outra parte é que, com o Electronic eu posso ser realmente obsessivo, em relação à música, e nada democrático. São apenas dois trabalhando junto. Enquanto no New Order você tem que agradar a todo mundo. Por exemplo, se quisesse gravar uma música, só eu e um sintetizador. Johnny não se aborreceria. Mas com o New Order todo mundo iria querer tocar nessa música, e se eu dissesse que preferia que eles n[illegible] [illegible]cassem ia se criar à maior cena. Outra vantagem do Electronic é que podemos convidar outros músicos para [illegible] com a gente ao vivo, como os Pet Shop Boys.

De fato, Neil Tennant e Chris Lowe subiram ao palco do Rose Bowl, em Pasadena — cidade vizinha de Los Angeles — quando o Electronic abriu um par de shows para o Depeche Mode, uma combinação explosiva para os fãs locais.

E a colaboração com os Pet Shop Boys se repetira quando o Electronic excursionar sozinho [illegible] que cinco shows na Europa e cinco nos Estados Unidos podem ser chamados de turnê. Possivelmente a gente tocará até no Brasil [illegible] ameaça, antes de comentar o carinho que sente pelo país onde esteve tocando com o New Order [illegible] especialmente por São Paulo. Por que [illegible] Paulo? Sei lá. Talvez porque tivesse sido [illegible] passear pelas rua[illegible]

Vem dos Pet Shop Boys [illegible] com o Electronic Andrew Robinson, tecladista e também programador do álbum, Ian Marr (sim, irmão de Johnny) e dois bateristas, Donald Johnson (do A Certain Ratio) e Kester Ma[illegible] [illegible] de dezessete anos.

A reação ao primeiro álbum do Electronic foi [illegible] intensamente positiva que uma revista [illegible] ing-esa VOX [illegible] chegou ao ponto de pôr no papel que "agora não sentiremos mais falta do New Order, caso a banda acabe". Sumner timidamente comenta a unanimidade em torno do disco.

Essa é a opinião deles. Sinto-me bastante leal [illegible] New Order, da mesma maneira que Johnny é leal ao The The. E não vamos desapontar as duas bandas. Acho que nunca vou conseguir exprimir o quanto o New Order é importante para mim [illegible] são meus amigos, não vou virar as costas para eles.

Pa[illegible] acha que [illegible] New Order pode [illegible]ar. Sumner traz boas novas, a banda já tem três faixas prontas para o novo álbum que lan[illegible]ra entre fevereiro e março. Enquanto isso, a outra metade do Electronic [illegible] com o The The de M[illegible]

"Sobre a reação ao disco", Bernard conclui, "sei lá, se existir uma crítica negativa, tenho certeza de que vou conseguir encontrá-la e crer nela [illegible]

JOSÉ EMILIO RONDEAU

UMA ONDA DE QUATRO PÉS QUEBRANDO LONGE DA PRAIA

PROJETO RONDON

James Cassidy observa, pela janela do ônibus que nos transporta, uma multidão de fãs: "Olhe essas meninas, como são lindas! Em nenhum lugar do mundo tem essas quantidade!"

É mesmo fantástico. Vamos passando pela multidão e só dá elas. Perdição total. O melhor é que o calor de Belém justifica sempre um mínimo de roupa. Dá-lhe shortinhos, minissaias, decotes, bermudas, minibluisas etc. James: "Seria tão fácil ser um cafajeste aqui no Brasil! Olhe todas essas meninas ávidas para tocar na gente! Sorte delas que nós temos moral e princípios... e eu, além disso, tenho namorada."

Não é banca de estreia. A coisa lá fora lembra cenas de *beatlemania*. Gente esmurrando o ônibus, batendo nos vidros, gritando a plenos pulmões, chamando pelo grupo. Policiais e seguranças em pânico. É mais uma típica apresentação do Information Society em solo brasileiro.

Durante o show, o público foi até Marte e voltou. Assim que acabou, corri para trás do palco, brandindo minha credencial. A segurança já havia formado um cordão protegendo o trecho do camarim ao ônibus. Os fãs se esmagavam contra os armários humanos. Consegui me enfiar no meio, o chefe da segurança me pegou pelo braço e aos gritos disse: "Entra logo no ônibus!"

Já no conforto do ar condicionado e da poltrona do veículo, ouço uma súbita onda de gritos estridentes. É o grupo saindo do camarim. Parece que nem toda a força bruta do mundo consegue barrar um fã decidido. Imagine dois mil. Aos poucos começam a entrar no ônibus os membros da equipe e do grupo. Dão a impressão de terem atravessado uma zona de guerra.

Kurt Valequen demora para subir. Alguns berros ensandecidos explicam: "Pô, esse cara não pode tirar um pouco essa porra de patins???"

Realmente, patins em cima de terreno acidentado, com gente fora de si (fãs e segurança) puxando e empurrando, não são muito apropriados.

Agora que todo mundo está a salvo é com o motorista: ele tem que atravessar um oceano de gente descontrolada e cuidar para que ninguém vá parar embaixo das rodas. A segurança implora para que ninguém ouse abrir uma janela.

No caminho para o hotel, alguns ainda seguem o ônibus de carro, acenando e buzinando. O ambiente no ônibus é de muita satisfação. Todo mundo ri à toa. Mais um sucesso estrondoso.

Durante o trajeto, nos dedicamos a falar mal de Lenny Kravitz e Guns N'Roses. Sem dúvida, os caras do Insoc são muito legais.

Mas o tempo para distração é pouco. É quase meia-noite e, em três horas, a banda recomeça sua epopeia brasileira embarcando para Manaus. Depois de doze cidades, ainda estão na metade da excursão.

Belém é a cidade-sauna. Quente e úmida, não se *sente* simplesmente o calor. Aqui ele abraça o corpo.

A população é muito bonita, resultado da contínua mistura entre portugueses e índios. Soube que Mauro Borges do Que Fim Levou Robin? se deu mal quando falou sobre os "indiozinhos" da cidade. Muita gente ficou ofendida, o que foi uma grande tolice. Coisa de classe média, com complexo de terceiro mundo, que precisa se sentir "europeizada", branca e repudiando qualquer vínculo indígena.

Em Belém, não são os branquelos que chamam a atenção. São as pessoas com traços indígenas e pele escurecida. E é isso que os torna belos ao mínimo, longe do comum.

A atmosfera é amistosa e alegre. Não encontrei aqui o mau humor e a indiferença rotineiros em São Paulo, onde muitas vezes parece que estão fazendo um grande favor em servir o café.

Mas parece que ninguém bota dinheiro na cidade. Asfalto podre, muitas favelas e barracos de madeira.

E esse... CALOR!

Uma das principais trilhas sonoras é dance music. Muitas rádios se dedicam ao gênero, das quais se destaca a Belém FM, que promoveu o show do Insoc. Segundo me disseram, há pelo menos uma festa especial por semana e muitos clubes noturnos legais. Os DJs Irai Campos e Marcelo Mansur, paulista e carioca, abriram filiais de suas lojas de discos importados, juntando-se às especializadas já existentes. O material dance que rola por aqui é tão atualizado quanto o do Sul do país. Belém está, inclusive, mais perto do primeiro mundo. Fora isso, há uma explosão de bandas de rock locais, muitas com discos lançados.

As gravadoras deveriam começar a prestar atenção na cena de Belém. Não havia sinal de bandas cover. Pelo jeito, a moçada aqui ainda acredita em fazer sua própria música. Aparentemente, também não há preconceitos: ouve-se dance, rock, reggae, tudo que for divertido (não há góticos).

Flashback. Chegando do aeroporto ao hotel, jogo minha bolsa no quarto e avanço para o frigobar para a providencial Coca. Vou encontrar o grupo no quarto do seu empresário, Rick Mehno. Estão todos lá, menos Kurt Valequen. Todos estirados, em estado de torpor, enfrentando o calor com refrigerantes e cervejas. Segundo Rick, "Fortaleza estava tão quente quanto aqui, mas pelo menos não era úmido".

Só se fala besteira. "Cuidado", brinca James, "estamos na presença de um jornalista." Em cima de um móvel, uma revistinha de porno ginecológico. "Meu Deus, ele viu a revista. Sujou!"

É hora de descer para a coletiva com a imprensa local. Eles já conhecem o repertório de trás para frente: "Como vocês começaram?", "Conhecem música brasileira?", "Essa temporada no Brasil vai influenciar o trabalho futuro do grupo?" e por aí vai.

Digo a James que eles deveriam gravar uma música para a Floresta Amazônica no próximo disco. Além de "politicamente correto", sossegaria essas pessoas que tanto insistem numa influência brasileira no trabalho do grupo. Ele apenas ri.

É hora do passeio. James, o baterista Ed, a tecladista Cherry e eu embarcamos numa perua.

Primeira parada: uma loja de artesanato indígena no centro. Cocares, chocalhos, colares, lanças, cerâmicas, cestos, redes, tudo para turista ver e gastar. Seria tudo autêntico ou feito numa fabriqueta da periferia?

Cherry se interessa por um colar mas quando fica sabendo que são dentes de macaco devolve: "É contra meus princípios. Devem matar o macaco só para tirar os dentes!"

Vamos comprar produtos para a pele — mais precisamente um famoso sabonete de gordura de tartaruga, usado por estrelas como Xuxa a Daryl Hannah. Ninguém sabe informar se o produto é ecologicamente correto. Pelo que eu sei, as tartarugas são uma espécie ameaçada.

Noutra perfumaria, explico para os rapazes as maravilhas do guaraná da Amazônia. Eles compram sementes para mascar e cápsulas. James, depois do show, viria a comprovar os poderes da fruta.

Em seguida, outro programa inevitável: tomar sorvete daquelas frutas que só tem por aqui. Acerola, açaí, bacuri, cupuaçu... essas coisas exóticas. Acerola é eleito, por unanimidade, o mais gostoso.

É hora de fazer a passagem de som. No caminho, Cherry observa que Belém lembra Nova Orleans. Faz sentido: muitas construções coloniais decaídas, a localização junto à desembocadura de um rio enorme, os mosquitos, o clima úmido.

Fotos Washington Alves Azul

Divinópolis, Sorocaba, Aracaju, Uberlândia, Teresina, Maringá... Foram 25 cidades, a maior turnê pop já realizada no Brasil. Acompanhe um dia desta maratona: passado na maior metrópole do Norte do país, uma sauna ao ar livre chamada Belém do Pará, Kurt Valequen, James Cassidy e Paul Robb a seu dispor.

INSOC

O local do espetáculo, num tal de Entroncamento Rodoviario, é deprimente. Me disseram que ali geralmente acontecem exposições agropecuarias. Um grande descampado de terra batida, cercado por muros brancos sujos. O palco parece ter sido montado no dia anterior. É cheio de tábuas bambas e de ligações eletricas com mau contato. O camarim não tem tomadas nem espelhos.

É surreal ver o sofisticado maquinario do Insoc instalado nesse barracão. O grupo é bem-humorado o suficiente para observar todos estes defeitos sem criar caso. O show deve continuar.

Há dezenas de seguranças no local. A equipe se chama Gang Mexicana. O logotipo nos coletes pretos mostra um punho cerrado esmurrando uma mão aberta. O Insoc gosta e faz questão de levar alguns coletes de lembrança.

As oito e vinte está todo mundo no restaurante do hotel pronto para o jantar. Mosquitos aos montes. O que mais se ouve são tapas na mesa seguidos de vitoriosos "peguei mais um!"

Com uma certa urgência para cumprir o horário de saída para o show nove e quinze, chega o momento de lutar contra o serviço ineficiente do hotel. Nem todas as explicações do mundo conseguem fazer os funcionarios entenderem a pressa do grupo.

Um dos garçons perde o controle e começa a agir de modo grosseiro. Fabio, o interprete do grupo, está quase pegando o cara pelos colarinhos. Eu pergunto como é que o hotel conseguiu suas quatro estrelas.

Kurt responde: "Uma coisa que a gente descobriu nesta turnê é que quatro estrelas no Brasil não é o mesmo que quatro estrelas nos EUA. Minha teoria é de que o maximo de estrelas no Brasil é trinta. E alguns hoteis em que temos ficado só tem merecido quatro."

Como você percebeu, se alguém esperava uma materia reveladora com sexo, drogas e sacanagem de bastidores, dançou.

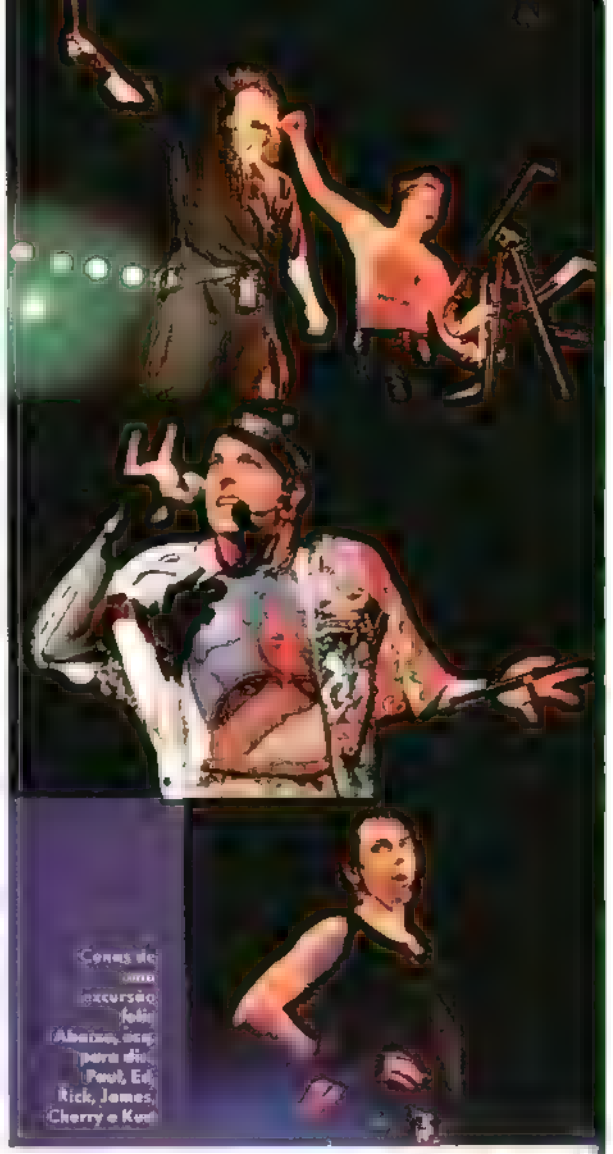
Os membros do Insoc têm um cotidiano completamente sem surpresas. Bebem pouco, são fiéis às namoradas e dormem cedo. Tanto que não consegui arrancar nem de Paul nem de James nenhuma historia sensacional jornalisticamente falando, sobre a excursão.

Kurt é o mais fechadão, o tipo que seria chamado de "esquisito" na escola. Fala pouco, pausadamente e passa muito tempo sozinho. Não quis dar entrevista, e passou quase o tempo todo trancado no quarto.

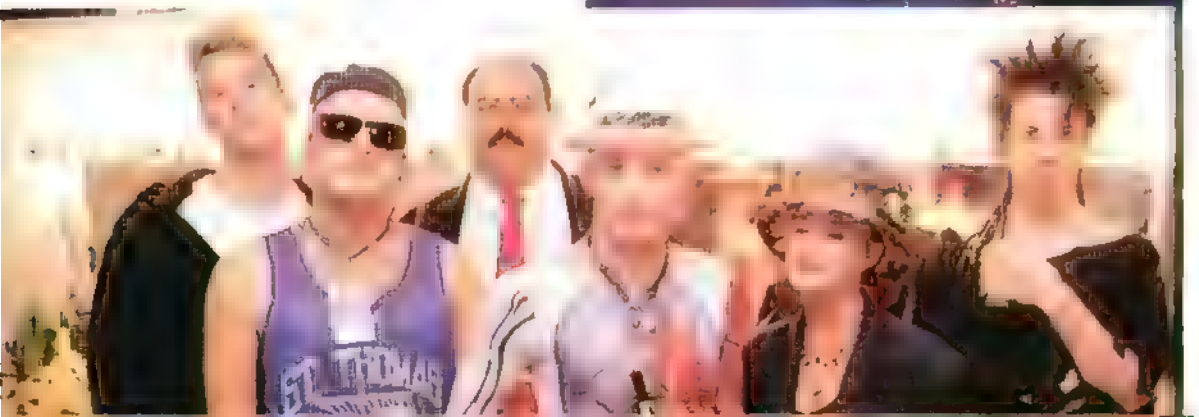
James e Paul são tipicos universitarios: boa gente. Bem-humorados, simpaticos e acessiveis. Paul é mais sério, gosta de conversar por este ângulo. De humor muito sofisticado, tem mais jeitão de "adulto". James é o "garotão". Gosta mais de rock e é um grande tiracor de sarro. O que mais fala besteira é o mais amigavel.

Resumindo: Kurt Valequen é o cara que você jamais convidaria para tomar uma cerveja. Paul Robb é o cara que você convidaria. E James Cassidy é o cara que convidaria você.

CAMILO ROCHA



Coisas de uma excursão: Abaixo, sentados, para direita: Paul, Ed, Rick, James, Cherry e Kurt



JAMES CASSIDY

Qual a cidade que você mais gostou até agora?

Salvador foi especial. Eu já tinha estado lá em férias. Foi divertido voltar, tenho um amigo que é dono de um bar. Fomos a um candomblé na celebração do dia dos pais: foi espetacular.

Aracaju também foi muito legal. Andamos de bugey nas dunas de uma praia deserta e isolada. Excitante. Era noite, chovia muito e podia dar sujeira com a polícia. Andávamos a toda velocidade pelas dunas. Fortaleza foi muito especial também. As praias são maravilhosas.

Pelo jeito, o Nordeste foi a melhor parte...

No Sul rolou muita coisa legal também. Foi diferente. Gostamos muito de Ribeirão Preto. É uma cidade bem legal, somos muito populares lá e fizemos alguns amigos, como esse casal dono de um restaurante. Também estamos ansiosos para voltar para Belo Horizonte. Conhecemos gente lá também. O show foi muito bem recebido.

Recife foi loucura total na plateia. Mais de quarenta PMs cercando nosso ônibus e o povo querendo avançar.

Vocês gostariam de estourar nos EUA como fizeram no Brasil?

Bom, vendemos mais discos lá. O primeiro album vendeu 950 mil, enquanto aqui chegou a 250 mil. *Hack* vendeu 450 mil lá e 350 mil aqui. Mas, como a população americana é muito maior, proporcionalmente vendemos menos. Seria bom ter mais êxito nos EUA, mas a concorrencia é muito maior, entre os estilos e dentro do seu proprio estilo. Seria bom pelo dinheiro, mas eu pessoalmente gosto de viajar, ver gente diferente.

Mas vamos falar de algumas obsessões locais. A crítica no Brasil nutre um forte preconceito contra dance music em geral e qualquer genero que usa e abusa da tecnologia. O que você acha disso?

Graças a Deus nos EUA este tipo de preconceito é coisa do passado. Pelo amor de Deus, até Bob Dylan usa samplers no seu LP. É um fato. As coisas hoje são assim, não adianta fugir que a tecnologia não existe.

Quando o piano apareceu, as pessoas pensaram que era um instrumento do demonio. A guitarra elétrica... Estas pessoas reagem como seus pais. A garotada hoje não diferencia se a música é eletrônica ou acustica porque cresceu junto com ela. A molecada que curte a gente não dá a mínima para isso.

O som da guitarra eletrica já é artificial. Um grupo como Guns N'Roses tem suas guitarras totalmente processadas via eletrônica, passando por unidade de distorção, duplicadores de potencia e toda essa tecnologia digital. É a mesma coisa.

"O som da guitarra eletrica é artificial."

PAUL ROBB

O tipo de público que voces atraem no Brasil é diferente do que nos EUA? Aqui parece mais pop...

Nos EUA somos mais conhecidos como um grupo alternativo. "What's On Your Mind" chegou em terceiro, e tivemos mais alguns singles nas paradas americanas, mas ainda somos mais conhecidos como um grupo alternativo.

Acho que nosso publico no Brasil é mais jovem. Nos EUA é uma moçada de faculdade, gente mais velha.

Mas o sucesso em massa nos EUA vai depender do proximo album.

O que pode nos dizer sobre ele?

Bem, começamos a gravar assim que voltarmos para Nova York. Gostaria de terminar antes do Natal, mas não sei se será possivel.

Estamos tentando trazer o 808 State para produzir algumas faixas. Eles são distribuidos pela nossa gravadora nos EUA, a Tommy Boy. Mas não há nada certo.

Parece uma grande combinação...

Certamente soa bem, mas ouvi dizer que esses caras têm egos enormes. Não sei se seria facil trabalhar com eles.

Parece que o mais acessivel é Graham Massey, justamente o cérebro do grupo. Eu sei que eles realmente gostam das coisas que fazemos. Um cara da nossa gravadora esta na Inglaterra conversando com eles. Mas não há nada definitivo.

Alguem mais na lista de convidados?

Também estamos pensando em David Z (*muito ligado a Prince, membro da banda Family*). Cogitamos também Stephen Hague (*ja produziu Pet Shop Boys, OMD, Siouxsie e Communards*) e Flood, que trabalhou no último disco do Depeche Mode e fez algumas coisas com o U2.

Pode-se dizer que, assim como o rap bundamole de Vanilla Ice pode introduzir muitas pessoas ao rap mais autentico, voces podem fazer o mesmo com a música eletrônica...

Isso tanto é verdade que, nos EUA, uma boa parte do nosso publico curte coisas pesadas como Front 242, Nitzer Ebb, Nine Inch Nails e aquelas coisas do selo Wax Trax (*aliás, coluna Eletro — CR*).

Por outro lado, queremos ganhar dinheiro, então temos que dar um lado pop, acessivel para nossa musica (risos). Eu mesmo gosto dessas coisas eletronicas radicais, são todas iguais. Tiramos elementos de estilos mais alternativos e tentamos fazer pop com base neles.

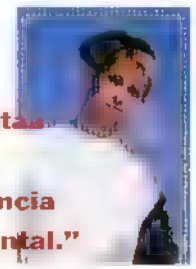
Nosso primeiro disco, por exemplo, se inspirou muito no *latin hip hop* de grupos hispanicos dos EUA.

Eu notei também uma forte conexão com o hip hop da fase *electro*, coisas como Afrika Bambaataa. Muitos fãs seus escreveram indignados, dizendo que eu tinha falado besteira...

Mas é isso mesmo. Afrika Bambaataa, aquele tipo de som foi uma influencia fundamental. Uma das primeiras musicas que compusemos em 82/83, era uma melodia romântica, meio inglesa, com a batida de "Planet Rock" de Afrika Bambaataa. Ele, por sua vez, partiu de Kraftwerk para chegar naquele som, então tudo está interligado, é um ciclo.

Acho perfeitamente compreensivel que uma parcela de nossos fãs fique furiosa com a associação. Existe uma parte deles que odeia coisas como funk, rap, batidas negras, mais suingue e essa moçada que também curte Front 242 e *electronic body music*.

Muitos fãs nos disseram que não gostaram tanto de *Hack* porque tinha suingue demais. E gente que prefere um bum-bum-bum rigido. Bem, nos fazemos isso também, mas eu adoro um som funkeado. Minhas preferidas de *Hack* são aquelas mais suingadas.



"Afrika Bambaataa foi uma influência fundamental."

Ao vivo

Criado há catorze anos com o objetivo de incrementar o turismo na Jamaica, o Sunsplash provou ser bem mais que isso. Durante uma semana, em shows das nove da noite até o amanhecer, veteranos como Gregory Isaacs e aspirantes como Shabba e Cutty Ranks se revezam no palco do Bob Marley Center, Montego Bay, e dão uma geral em a quantas anda o ritmo no mundo.

A maratona é encarada num alegre clima rasta-grilo, formado por jamaicanos de todos os estilos e turistas vindos dos quatro cantos do planeta. Alguns se deixam levar e exibem horríveis dreadlocks em seus cucurutos branquelos.

Mas o segredo da descontração é fácil de matar: boa música, fartos goles de Red Stripe — a cerveja número um da Jamaica — e ganja. Até dizer chega.

Se no ano passado o dancehall imperou nas performances de Shabba e Ninjaman, o que se viu este ano foi uma espécie de "revolta dread", ou a retomada da consciência *roots*.

O primeiro grande desfalque foi Ninjaman. O garoto das armas e tiros, que fecharia com chave de ouro a Dance Hall Night, estava dando um concerto exclusivo para o FBI... Ninja dançou nos EUA por porte e tráfico de armas. Em seu lugar entrou Yellowman, que há tempos perdeu sua coroa para DJs mais jovens.

Quanto a Shabba, o atual rei do dancehall, foi promovido à condição de superstar e se apresentou na International Night, ao lado de lendas vivas do reggae.

Pena que o maior poder de fogo que mostrou foram as bolas flamejantes que anunciaram sua entrada. Shabba veio prosa e dançante, cantou fora de tom e mesmo assim levantou a massa. Bons momentos, só quando os convidados mais-que-especiais Maxi Priest e Coco Tea dividiram o palco com ele.

Para a infelicidade de Shabba, Ziggy Marley é que veio logo depois. Na banda se destacava o veterano guitarrista Earl "Chinna" Smith e o trio vocal formado pelas irmãs Cedella e Sharon, além da garota Erica Newell — uma versão mais jovem e sexy das I-Threes.

O "filho do homem" fez uma apresentação impecável. Cantou músicas de seus três últimos discos e sucessos do velho Bob (aí teve uma canja do irmão Stephen).

Fotos Adriano Pinto/Agif

A noite internacional também reservou seus momentos de glória para outro talento da família Marley: Julian, filho de Bob com uma de suas outras mulheres, apesar da pouca idade (dezesseis anos), provou ter a boa música de Jah no sangue.

Entre os consagrados, Third World e Shinehead foram os donos da bola. O primeiro é da antiga, mas anda com os ouvidos ligados na modernidade. Apoiado pelos *toasts* do tecladista Ibo Cooper, o grupo mistura tudo numa festa dançante, em que há espaço até para a música clássica.

Em um dado momento do show, o guitarrista Cat Coore pega num violoncelo e toca Shabba Ranks, Junior Reid e outras feras. O vocal de Rugs é cheio de soul e a cozinha formada por Richie (baixo) e Wilbe (bateria) é matadora.

Shinehead é energia em estado bruto, além de ser o melhor representante do raggamuffin, a fusão reggae rap, que os porões da Jamaica já produziram. O homem sai do meio do povão direto para o palco sem perder o pique.

E imitou Gregory Isaacs de uma tal forma que muita gente deve ter pensado que estava ouvindo o "Cool Ruler" em pessoa. De quebra, mostrou ao público sua versão de "Englishman In New York", do amigo de Razia. Virou "Jamaican In New York".

Essas figuras foram apenas uma pincelada do que aconteceu de mais interessante no festival. Nem dá para descrever a emoção de assistir a um John Holt, a imponência de um Mutabaruka, a convicção rasta de Junior Reid, além de Dennis Brown e Gregory Isaacs — e isso só para ficar entre os mais conhecidos —, sem transformar este *Ao Vivo* num livro.

Mas a grande personagem deste Sunsplash foi mesmo Lucky Dube, um sul-africano que tem uma voz parecida com a de Peter Tosh. Casando elementos da música africana — como danças e letras em zulu — e uma adoração infinita a Marley e a Tosh, ele traz idéias novas para o *roots reggae*. E promete ser uma força nova para a consciência rastafári.

JAI MAHAL/SÉRGIO MARTINS

BOB DYLAN

Merci, merci... bon soir. Foram as únicas palavras que Bob Dylan dirigiu ao público durante todo seu show de estréia no Palace, em sua segunda vinda ao Brasil. O tom lacônico repetiu-se não só na apresentação da noite seguinte como na surpreendente "coletiva" que a antecedeu, concedida a apenas sete jornalistas, em grupos de dois e três.

Não é fácil evitar o constrangimento na presença de uma lenda como Dylan. Mas o sentimento ainda aumenta com a visão da figura. Seus cinqüenta anos deixaram marcas profundas, desde as muitas rugas do rosto até a postura arqueada e vacilante.

Esparramado numa cadeira do camarim, durante menos de cinco minutos ele limitou-se a responder as poucas perguntas quase por monossílabos ou então desconversando, num misto de displicência e tédio supremo.

Quando perguntei a respeito das diferenças musicais entre seus dois últimos álbuns, *Oh Mercy* e *Under The Red Sky*: "Quem escolhe os músicos dos meus discos são os produtores, não eu", foi tudo que disse.

Este foi um dos lados de Dylan, aquele do mito pouco disposto a dispensar um mínimo de atenção aos meros mortais. Mas fazendo jus a todas as contradições e estranhezas que sempre cercaram sua trajetória, uma outra faceta do velho Bob revelou-se assim que ele entrou em cena, muito diferente do resmungão rabujento da entrevista.

O andar meio capenga, o corpo encurvado sobre o microfone, as tradicionais "sopradas" de gaita e solinhos desajeitados de guitarra... Mas acima de tudo isso, um artista que no íntimo conseguiu preservar intacto o antigo carisma!

Como se ele, mesmo sentindo o peso da idade, ainda encontrasse fôlego para forjar releituras emocionantes de clássicos como "All Along The Watchtower", "Don't Think Twice, It's Alright", "Highway 61 Revisited" e "Ballad Of A Thin Man". Um pique no qual até canções de sua "fase cristã" ("Gotta Serve Somebody") e bobagens como "Wiggle, Wiggle, Wiggle" não destoavam, tocadas em arranjos mais pesados.

Parte importante deste mérito, coube com certeza ao trio acompanhante — John Jackson (guitarras), Tony Garnier (baixo) e Ian Stewart (bateria). Sua interação com Dylan obteve um resultado diametralmente oposto ao da catastrófica apresentação do compositor feita por aqui em 90 no estádio do Morumbi. Os desencontros de então deram lugar a um perfeito entrosamento, expresso principalmente no oportuno *set* acústico do quarteto, que compunha a parte central do show.

Até números óbvios como "Blowin' In The Wind" e a ressuscitada "Knockin' On Heaven's Door" escaparam do lugar-comum ao serem revistas por novos arranjos. Por tudo isso, cabe aos detratores aguardarem um bom tempo para enterrar a obra do velho Bob.

Mesmo aparentemente meio acabado, ele ainda é imprevisível o suficiente para nos arrebatar com um grande show.

E se for para ficar com uma imagem do homem, que seja a dele brilhando no palco.

CELSO PUCCI

Fotos: Rui Mendes Azul

QUE FIM LEVOU ROBIN?

Palace (SP)

Imagine um público formado por yuppiezinhos mais bem-comportados do que o Kevin Costner. Coloque esse pessoal todo num lugar absurdamente careta como o Palace. Agora tente fazer uma festa dance. Sentiu o drama?

Só mesmo duas atrações de muito peso poderiam transformar esse AS Dance Music numa noite memorável. *Leia mais sobre o evento na seção* Dance Music. A primeira, claro, foi a demonstração de *vogue dancing*. Os fantásticos Luís, um dos dançarinos de *Na Cama Com Madonna*, David e Derrick Xtravaganza esbanjaram técnica, charme e elasticidade nos escassos minutos em que estiveram no palco.

Mas o dono da festa foi, sem dúvida, o Quem Fim Levou Robin? Quem já viu o grupo no palco sabe do que estamos falando, uma explosão incontrolável de alegria e dança, detonada pelos incandescentes Mauro (vocais), Bebete (backing), Claudia e Elis (*dancers*). A diferença é que aqui *tinha Chanel* — leia-se uma produção bem-cuidada, nunca vista nos tempos da *disco* Nation, o berço do grupo.

Um telão em que eram projetadas imagens do menino-prodígio serviu de fundo para a apresentação da primeira música, o quase-hit "Que Fim Levou Robin?". A sua frente, a dança frenética de Mauro, Claudia e Elis — irrepreensíveis em suas roupas colantes pretas — desafiava quem ainda tentava ficar parado.

Em "O Rei E A Rainha Do Shopping Sem Ter", confetes, apitos e balões gigantes instauraram a loucura geral. E "Dancing Days", e assim que se faz uma cover, celebrava o êxtase da dança que finalmente tomava conta do Palace.

Mas o melhor ainda estava por vir. A apresentação de Luís, Derrick e David havia deixado todo mundo de água na boca. Como seria vê-los em condições normais, ou seja, complementando um show e não sozinhos num palco vazio? "Aqui Não Tem Chanel" trouxe a resposta: mil vezes melhor. Chamados por Mauro ao palco, Luís e Derrick se integraram naturalmente ao espetáculo, num clímax dançante nunca sonhado pelos fãs do grupo ou de Madonna.

Mais um show impecável, mais uma vez a pergunta no ar. O grupo certo na hora certa, um dance-pop acessível e criativo, um show competente, vários hits potenciais. "Aqui", "Dancing Days", "Tia", Objeto De Uso Pessoal". Por que o QFLR não é um estouro nacional?

MARISA ADAN GIL

VOCÊ JÁ "VIU" ESSE SOM?

Se você é bem informado, assiste à MTV e exige que [illegible] conhece o grupo **EXTREME**. Claro, o **EXTREME** [illegible] estourou mundialmente com um artístico revolucionário. [illegible] **Words**, uma canção [illegible] principais [illegible] do mundo.
A música está nesse disco, que está na MTV e nas lojas de [illegible]

PolyGram

O pior O pior O pior O pior Eu poderia passar uma tarde escrevendo "O pior" neste computador e ainda assim não teria expressado bem como Mr Ice é ruim.

Vanilla é fabricado. É mal-fabricado. Até os New Kids têm mais credibilidade, muito mais. "Mas ele compoe e participa na produçao de suas próprias músicas", diria algum babaca. E DAI??? E DAI??? Ele é ruim. Katrin Quinol, do Black Box, não compõe nem sequer canta, e BB é o máximo.

Vanilla procura se cercar do melhor para seu show. Bom baterista, bom saxofonista, bom DJ e estupendos dançarinos. Fazem tudo para ele. Se acabam de dançar, agitam a platéia, até cantam e rapeiam. Na hora H ele entra, vomita seu rap bem decorado, faz os passos mais fáceis, atiça a libido das garotas e sai exausto por quase nada.

Ele se acha absurdamente ótimo. O máximo, o mais gostoso. Por quê? Com esse físico, franguinho? Vi uma foto dele sem camisa. parece raquítico. Não entendo os suspiros das meninhas. Eu seria muito mais exigente.

Durante todo o show ele não tirou seu larguíssimo e grosso moleton. Os quatro dançarinos (todos mais baixos que ele) tiraram suas camisas.

Este primeiro show foi uma novela para começar. Começava às nove, ele chegou às oito. Queria fazer a passagem de som — que se faz à tarde — com gente entrando na casa. O Olympia não deixou. Resolveu não fazer o show. O Olympia ameaçou processo, seus seguranças saíram no braço com os da casa, ele tentou fugir, patético. No fim ele entrou. Por volta de onze e quarenta. Já tinha gente gritando "FDP".

Mas tudo foi perdoado. As garotas (talvez oitenta por cento do público) engoliram o sapo e cansaram a garganta de tanto urrar.

Mas nem tudo é má notícia. Seu recém-lançado disco ao vivo, *Extremely Live*, não foi bem em vendagem nem na Europa nem nos EUA. Seus últimos singles "I Love You" e "Rollin'In My 5.0" fracassaram. As perspectivas são boas. Em 92 ele terá sumido do mapa.

CAMILO ROCHA

INFORMATION SOCIETY

"Think", "What's On Your Mind", "How Long", "Repetition", "Walking Away", "Running". Com a quantidade de hits que eles têm, podiam subir no palco, ligar um DAT e bocejar que agradariam. Mas não. O grupo dá o sangue.

Muitos grupos que trabalham no estúdio com programação, tendem no palco a substituir parte dos seqüenciadores por instrumentos. Assim o público pode ver o músico suando e fazendo esforço. Se ele está pressionando teclas e botões não há o mesmo impacto.

Por que uma platéia gosta de ver um cara se matando lá em cima até merece um debate mais profundo mas não aqui.

O Insoc não troca os instrumentos, transporta toda a eletrônica para o palco. Mas consegue conferir uma atitude... ahnn... visceral, para a execução das máquinas. Quando o Insoc martela seus diversos dispositivos, fazem as mesmas caretas, trazem a mesma "porrada" de um guitarrista de rock mandando veneno nas cordas.

Outra acusação que ninguém pode lançar contra o Insoc é a de fazer um show fácil, os hits e pronto. Seria cômodo. Mas eles intercalam os sucessos com frenéticos instrumentais, beirando a *eletronic body music* e o *noise* percussivo.

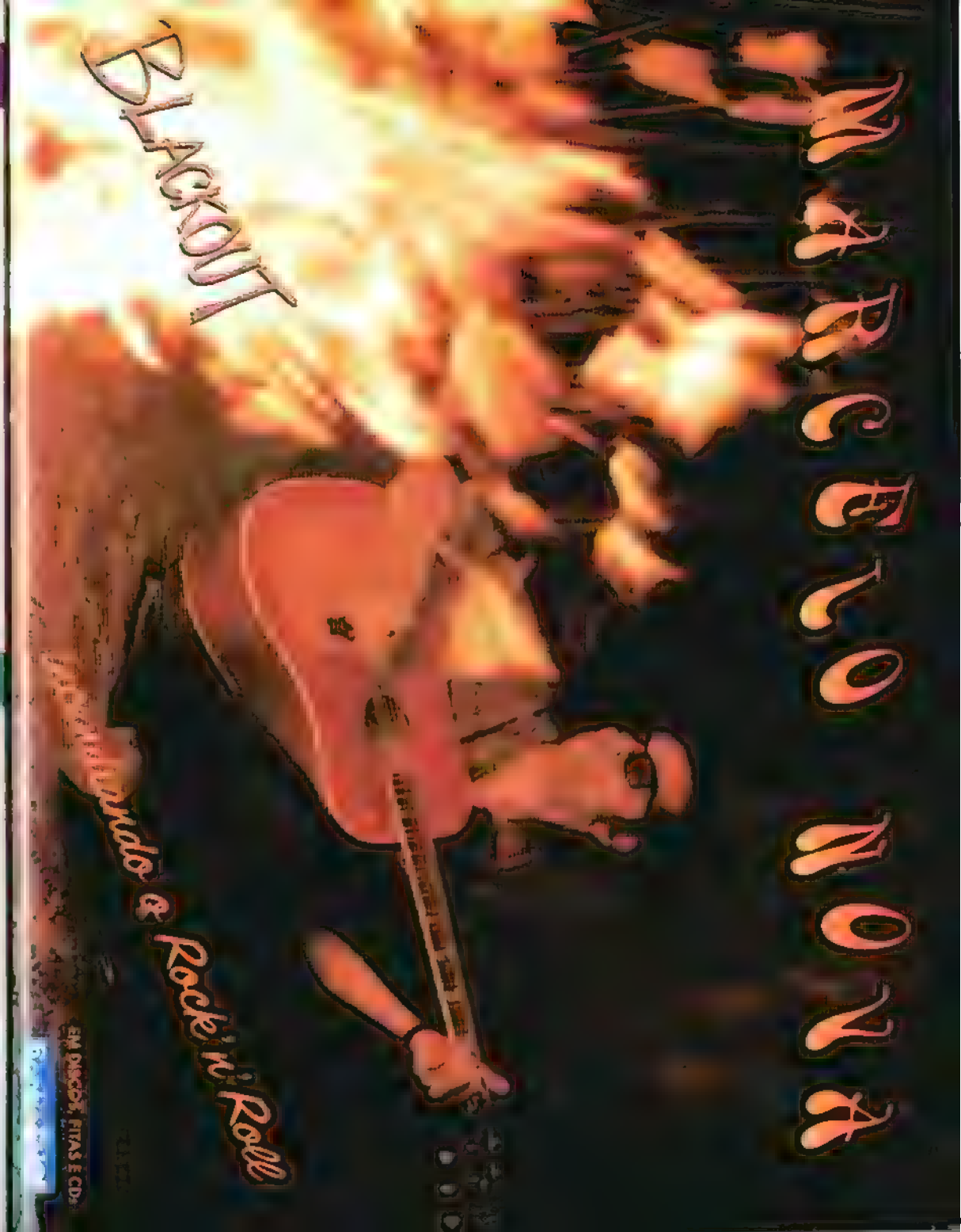
Nessas horas, a platéia de Belém ficava meio sem ação, sem saber se gostava ou não. Deviam estar achando meio chato e com razão. Chegou um ponto em que o Information estava indo longe demais nas suas sinfonias para usina de força.

Tirando esses deslizes rápidos, todo o resto funcionou. A garotada não se continha de tanta excitação. O som estava bom e os graves, com certeza, mudando nossos órgãos internos de lugar.

Eles preferiram não tocar suas covers de praxe: "Lay Your Love On Me", do Abba, e "Heroes", do Bowie. Motivo: a fiscalização de direitos autorais faz marcação cerrada em cima de grupos estrangeiros cheios de dólares.

Information Society em disco nunca me agradou. Mas o show são outros quinhentos. Uma animada celebração ao suor e à melodia.

C R



JUKEBOX

SUE THOMPSON

O ano era 1960 e as cantoras de rock pop, com raras exceções, tinham a irritante mania de cantar feito criança, forçando uma ingenuidade que hoje ficaria ridícula até em meninas de dez anos.

Sue Thompson não precisava parecer menina. Sua voz era naturalmente de adolescente, mas com a afinação, a segurança e o equilíbrio que nenhuma adolescente teria. O que pouca gente atinava é que — na época que começou a gravar "para jovens" — já era uma senhora de 35 anos de idade. Maquiada feito uma modelo de fabrica de cosméticos, estava muito longe do estereótipo Sandra Dee Annette Funicello perseguido por todas.

Desde menina Sue cantava country profissionalmente. Já adulta em San Francisco, no começo dos anos 50, participou como atração fixa do *Hometown Havride*, então o mais popular show country da TV americana. Segura assim, uma carreira discreta nos limites da *country music*, gravando nos selos Mercury, Columbia e Decca.

A virada se deu em 60. Pouco antes, o lendário cantor compositor country Roy Acuff havia fundado em Nashville seu próprio selo Hickory. Ligado a RCA e à sua poderosa editora musical Acuff Rose. Basicamente um selo country, mas aberto às influências pop, o Hickory atraiu excelentes compositores e interpretes como Roy Orbison, Joe Melson, Don Gibson, Felice e Boudleaux Bryant e John D.Loudermilk.

Sue gravou seu primeiro single — a balada "Angel, Angel" — para a Hickory no final de 60, mas foi no ano seguinte com "Sad Movies (Make Me Cry)" que se tornou um grande sucesso pop. A canção foi escrita por John D.Loudermilk, iniciando uma longa associação com Sue. Ela aos poucos foi retornando à segurança da *country music*, gravando duetos com Don Gibson — de quem já havia gravado os clássicos "I Can't Stop Loving You" e "Oh, Lonesome Me" e as menos conhecidos "It Has To Be", "Big Hearted Me" e "Give Myself A Party". Mas antes nos legou encantadoras baladas amalgamadas em rock pop e country como "James (Have A Good Time)", reciclagem de um hit de Bobby Eckstine, "Norman", "Big Daddy", "Willie Can".

Em 65 Sue teve seu último hit pop, a balada de Loudermilk "Paper Tiger". Permanecendo na Hickory voltaria à parada country em 68, 72 e 76. Com a mesma incrível voz de menina, foi ainda e um fenômeno de longevidade. Talvez esteja esquecida por aqui, mas foi muito admirada no Brasil. "Sad Movies" e "Norman" fizeram muito sucesso, a primeira também em versão "Filme Triste", hit de Demetrius e Trio Esperança. Já a versão de "Norman" foi um modesto sucesso com Wanderley Regina pela Musidisc em 62. Celly Campello fez uma impecável cover de "Angel Angel", cuja melodia até recentemente ouvia-se adaptada no jingle do programa de Hebe Camargo.

RENÉ FERRI

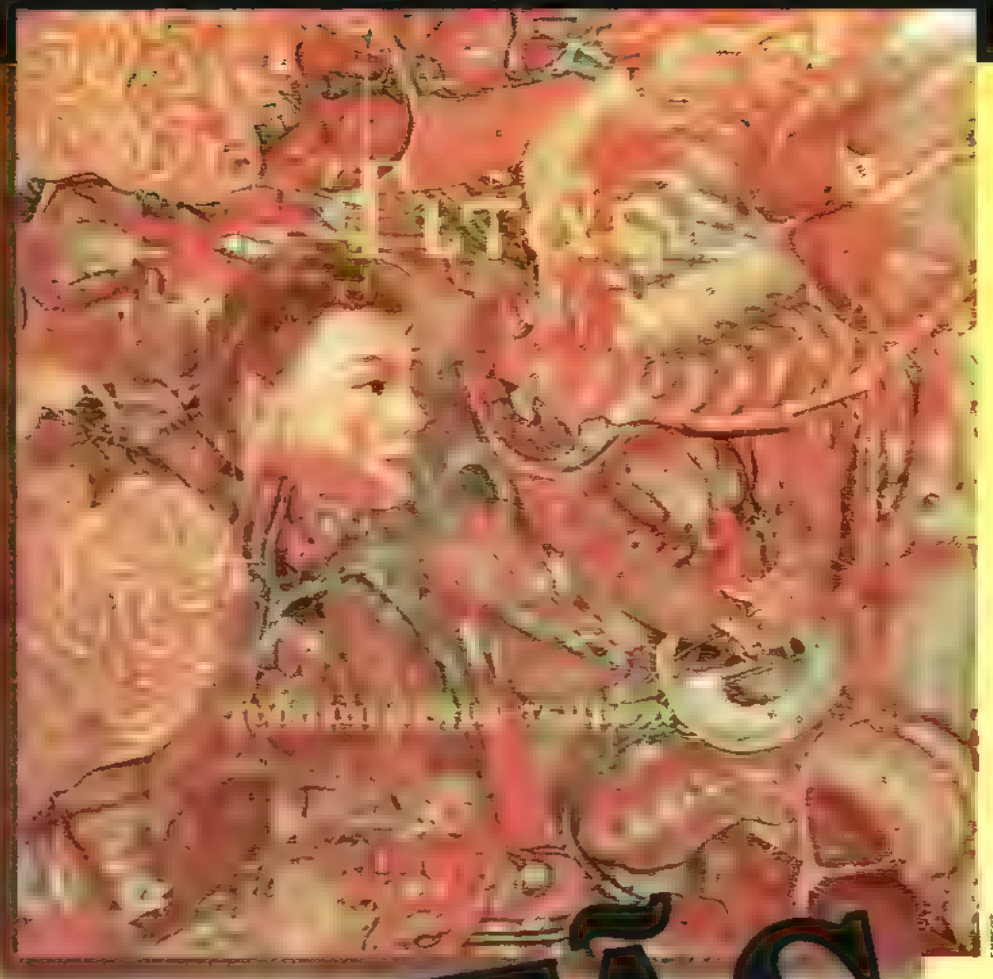
DISCOGRAFIA SELECIONADA

LP
Meet Sue Thompson
(Hickory, EUA, 61)
Paper Tiger
(Hickory, EUA, 65)

CD
Greatest Hits
(Curb, EUA, 91)

No Brasil, além dos hits editados em 78 rpm, um único LP: Two Of A Kind (63).

Se você pensa que já ouviu tudo...



TITÃS
TUDO AO MESMO TEMPO AGORA

EM CD - LP - K7

WARNER MUSIC

A MELHOR COISA QUE VOCÊ PODE FAZER É PASSAR A VIDA PRATICANDO ESPORTE.
A PIOR É ESQUECER DE VIVER POR CAUSA DISSO.

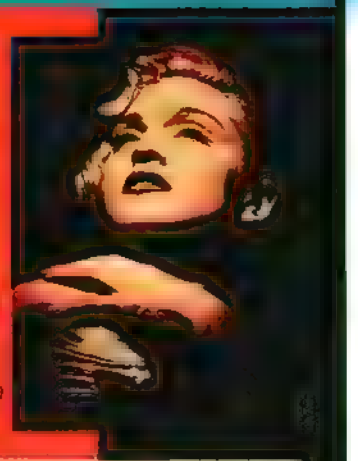
Tênis COOPER

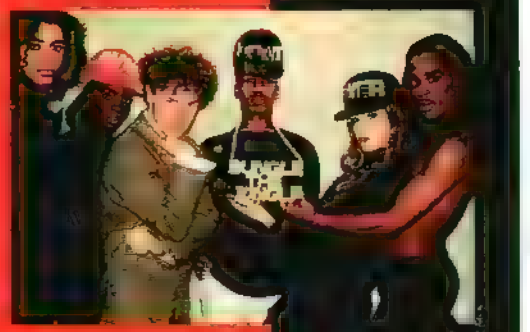
P R A Q U E M V I V E O E S P O R T E

DANCE MUSIC

vogue

LUIS XTRA VAGANZA





1 Madonna: dama com atitude
2 Malcolm McLaren: em voga? (3.º da esq.)
3 Derrick e Luis Xtravaganza

Foto Marcelo Arno

Quem viu não acreditou. Luis Xtravaganza não tem ossos, mas borracha no corpo. Luis, 21 anos, é o mais famoso e sorridente dos dançarinos da "família" conhecida como House Of Xtravaganza. É uma turma/equipe/agregado de Nova York que há dez anos se dedica a dançar vogue.

Madonna recrutou os melhores talentos desta casa para o clip de "Vogue" e a turnê *Blond Ambition*. Luis, José e outros do Xtravaganza podem ser vistos com todo fulgor em *Na Cama Com Madonna*. Luis veio ao Brasil com dois outros membros do Xtravaganza, Derrick e David Ian (que não trabalharam com Madonna), para o festival AS Dance Music acontecido em São Paulo e Rio no início de agosto.

Manhã seguinte ao show de São Paulo, toda a trupe está nos estúdios da MTV gravando uma aparição no *Dance*. Luis, nascido em NY, filho de porto-riquenhos, cara de moleque sacana, está pronto para dar uma aula de vogue.

O *vogue dancing* encontra definição perfeita em suas palavras. "Uma mistura de danças modernas, um monte de poses de modelo, ginástica e muita atitude". Não existem passos definidos, segundo ele, e sim muita improvisação.

O vogue foi inventado há uns trinta anos pelas *drug queens* (transformistas caricatas onipresentes na noite de NY) do Harlem. [illegible] assim permaneceu até os 80. Foi aí que alguns vídeos e shows começaram a incluir números de vogue. Luis e outros do Xtravaganza excursionaram até pelo Japão em *club tours* (excursões por casas noturnas do mundo com DJs, artistas de dance music, dançarinos etc.). Malcolm McLaren explorou o filão no seu LP *Waltz Darling*, especialmente na faixa "Deep In Vogue". E no ano passado Madonna introduziu o mundo inteiro ao vogue.

Madonna conheceu os rapazes do Xtravaganza através de um amigo em comum, conta Luis. Foi duro ensinar Madonna a dançar vogue? Aliás, vogue dá para aprender ou é [illegible]?

"Não dá para ensinar, dá para mostrar ou introduzir, mas para dançar ou você tem jeito ou não. Madonna tinha jeito, não foi difícil para ela pe[illegible]."

E, no geral, como foi trabalhar [illegible]?

"[illegible] realmente maravilhoso."

Vamos, diga algo que a gente não saiba... Nem adianta tentar. É claro que ele não terá palavras que não sejam positivas sobre sua pro[illegible]. E [illegible] *Semanário* para querer chafurdar. Mas o que ele achou do resultado do filme? Suponho que todos estavam a par do que estava sendo pre[illegible].

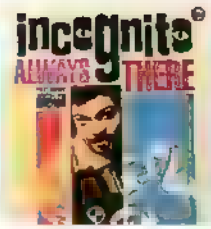
"É claro que sabíamos de tudo. Eu adorei o filme, fiquei muito feliz com o resultado. Gosto de ser [illegible]."

E [illegible] com vogue, não?

"[illegible]."

(Leia nesta edição o Ao Vivo do AS Dance Music.)

nas PISTAS



DAVID de PINO

Acompanhando a trupe Xtravaganza para o AS Dance Music, estava o DJ nova-iorquino David De Pino. O DJ Timmy Regisford — que no currículo inclui trabalhos com Blaze, Soul II Soul, Ten City — não pôde vir. Sua mãe estava no hospital, em coma.

De Pino, 35, só começou a discotecar faz sete anos. Forma com o padrinho da house Frankie Knuckles a dupla que comanda a pista do Sound Factory. A pista de Nova York atualmente. Produziu "Elements Of Vogue", de David Ian, segundo ele o primeiro disco de vogue da história, além de *dance tracks* por Pump Inc. e Criminal Element Orchestra. Sua discotecagem no Palace, basicamente composta de obscuridades *garage house*, deixou a pista perplexa, sem saber bem o que fazer. Ele observou que músicas com rap, hip hop ou hip house parece ir bem por aqui. O que ele achou do público?

"Eu diria que eles estão quase prontos. Mas ainda não arriscam. A culpa não é deles. São os DJs locais que parecem não ter confiança em lançar coisas novas, ficam com medo de esvaziar uma pista e optam pelo mais seguro."

Mas um DJ não tem que fazer a pista dançar? E isso não implica em colocar o que a pista gosta?

"Sim, mas ele tem que ensinar, mostrar coisas e fazer as pessoas gostarem dessas coisas. Ele precisa ter confiança no que está colocando, não ficar apavorado ao ver todo mundo sair da pista e jogar [illegible] só para enchê-la de novo. O DJ tem que comandar a pista, e não o contrário. Se ele deixa a pista mandar, o resultado é que ele só vai tocar coisas do rádio, da MTV."

Uma tese a se discutir longa e calorosamente. Sugiro que o ideal seria um mix equilibrado de faixas consagradas e novidades anônimas. Ele concorda sem muita convicção. O seu ideal é mesmo não fazer concessão nenhuma. De Pino disse que tocou em São Paulo coisas tão novas que nem NY dançou ainda.

Ele fala com a experiência de quem já rodou o mundo excursionando como DJ em *club tours*. Quais os melhores cenários de clubes que ele já viu?

"Nova York é imbatível. Mas, surpreendentemente, Tóquio também anda queentíssima."

"Got A Love For You" **JOMANDA** As divas continuam no comando. Isso é garage house dos bons, com a mão do mestre Steve 'Silk' Hurley nos comandos.

"A Roller Skating Jam Named Saturdays" **DE LA SOUL** Uma das melhores faixas do último álbum. Dois remixes: jazz-funk por Youth ou disco pulsante por Dave Morales.

"Everyday People" **ARETHA FRANKLIN** A música é Sly And The Family Stone, o remix é Shep Pettibone e a voz... precisa dizer?

"Rebel Woman" **DNA feat. JAZZI P** Sampleando "Rebel, Rebel", de David Bowie, o DNA retorna com material eficiente, mas não espetacular.

"7 Ways 2 Love" **Cola Boy** Produzido pelos talentos do ST Etienne, um carnaval eletrônico histérico que move montanhas.

"Always There" **INCOGNITO feat. JOCELYN BROWN** Versão para o clássico jazz-funk 70 de Ronnie Laws. A voz é estrondosa, a música é house sofisticado e o remix é de Dave Morales. É o topo.

"Fess Up To The Boogie" **GREGG DIAMOND & BIONIC BOOGIE** (78) Antológico é pouco! Um dos maiores e mais subestimados edificadores de grooves de todos os tempos foi Mr. Diamond. Baixo arrasador e uma excelente amostra do trabalho do músico.

PARADAS

EUA Billboard 24/8
"Such A Good Feeling" BROTHERS IN RHYTHM (4th & B'Way)
"Things That Make You Go Hmmmm..." C + C MUSIC FACTORY (Columbia)
"Now That We Found Love" HEAVY D & THE BOYZ (Uptown)
"The Beat Is Hot" BG THE PRINCE OF RAP (Epic)
"What Would We Do" DSK (ffrr)

INGLATERRA DJ agosto
"Always There" INCOGNITO (Talkin Loud)
"Let The Beat Hit'Em" LISA LISA & CULT JAM (Columbia)
"The Whistle Song" FRANKIE KNUCKLES (Ten)
"Move Any Mountain (Progen 91)" SHAMEN (One Little Indian)
"Things That Make You Go Hmmmm..." C + C MUSIC FACTORY (Columbia)

EUROPA EDF agosto
"I Wanna Sex You Up" COLOR ME BADD (Giant)
"Gypsy Woman" CRYSTAL WATERS
"7 Ways To Love" COLA BOY (Arista)
"Anasthasia" T99 (XL)
"Last Train To Transcentral" KLF (KLF Communications)

DJ Amandio (Bootleg, Rio) e cinco absolutamente infalíveis
"Sympathy For The Devil (five)" ROLLING STONES
"3 A.M. Eternal" KLF
"Unbelievable" EMF
"Last Dance" DONNA SUMMER
"Like A Prayer"/ "Like A Virgin"/ "Into The Groove" MADONNA (megamix)

LASERDISC EXPRESS

O seu CD em casa

- Discos Laser
- Vídeo Laser
- Fitas VHS Musical
- Assessoria para Lojas e Locadoras
- Remetemos para todo o Brasil

Os Títulos que Todo Mundo Tem e os que Ninguém Tem Você Encontra Aqui.

Consulte-nos

MATRIZ:
Caixa Postal 18385 CEP 04699

S.PAULO - S.P. Tel. (fax)(011) 543.4938

FILIAIS: Blumenau - (0473) 22.9674
Joinville - (0474) 26.0687
Recife - (081) 326.6341
B.Horizonte- (031) 334-9393
João Pessoa (083) 222-5968

DISCOS

USE YOUR ILLUSION I & II
GUNS N'ROSES

(Geffen/BMG-Ariola)

São dois álbuns duplos, trinta canções, mais de duas horas e meia de música corrida. Percebe-se que o furo no orçamento não será o único problema para a imensa legião de cultuadores dos *Guns N Fucking Roses* como o grupo vem se anunciando eventualmente. A questão, mesmo para o fã mais xiita, é encontrar tempo — e disposição — para encarar esta verdadeira maratona musical.

Basta pensar em quantos álbuns de rock mereceriam realmente um formato duplo, sem se perderem em excessos e repetições. Bob Dylan *Blonde On Blonde*, Beatles *Album Branco*, Rolling Stones *Exile On Main Street* e Led Zeppelin *Physical Graffiti* seriam alguns dos poucos nesta lista restrita. Mesmo o Clash que poderia comparecer com *London Calling* já havia extrapolado este conceito ao lançar praticamente todas as sessões que fez para o triplo *Sandinista!*. Se bem que o fizeram com as melhores intenções, deixando claro o despojamento do projeto e vendendo o pacote a um preço inferior ao do disco simples.

Com os dois volumes de *Use Your Illusion*, a pretensão abunda em ambos. Os truques parecem se repetir com extrema premeditação. Em cada um, há baladões que rondam os nove minutos. "November Rain", com coro e cordas entrelaçadas, e "Estranged", a infalível canção melosa. "Don't Cry", uma versão com letra diferente em cada álbum, covers descoladas, "Live And Let Die", de Paul McCartney, e um novo mix para "Knockin' On Heaven's Door", de Dylan. E até excentricidades como um épico que lembra Metallica ("Coma") ou — pasmem — Axl passando-se por rapper ("My World").

Claro que as influências mais manjadas do grupo não ficariam de fora. Elas se deslocam do Aerosmith ("Back Off Bitch") ao Led Zeppelin ("Locomotive", sem esquecer dos Stones ("Dust N Bones") e a balada "Yesterdays") e de Alice Cooper (que aparece nos vocais de "The Garden", no volume I). A maior surpresa do disco não reside na diversificação de instrumentos, nem na efetivação do tecladista Dizzy Reed como membro do grupo, mas na aparição do segundo guitarrista Izzy Stradlin com composições de destaque como "You Ain't The First" e "14 Years".

Só isso, porém, não basta para garantir o sucesso de tamanha empreitada. Prestes a ser reforçada, ainda por cima, com o lançamento de um EP apenas com versões de grupos punk como os Sex Pistols ("Black Leather"), Damned ("New Rose"), UK Subs ("Down On The Farm"), Dead Boys ("Ain't It Fun"), Misfits ("Attitude") e Fear ("I Don't Care About You"). Haveria tanta gente interessada em tantos discos de uma mesma banda ao mesmo tempo?

Para reforçar este delírio mercadológico, a estratégia de moldar a imagem de bad boys tem sido intensificada. Já não basta detonar hotéis e esmurrar fotógrafos. O apetite "destrutivo" dos rapazes extravasa-se em letras como a barra pesada de "Perfect Crime" e "Get In The Ring", onde Axl, literalmente, chama para a briga um monte de gente da imprensa musical.

Pode ser que o plano funcione, enquanto a "rebeldia" dos GN'R estiver contraposta aos outros estereótipos disseminados pela mídia. Mas não há ilusão de que dure para sempre. Ou como o próprio Axl avisa em "Don't Damn Me": "Você não quer me ouvir, negar que sua satisfação está nas minhas ações. Mas as desilusões são suas, não minhas". Ainda bem que ele admite.

CELSO PUCCI

VANGE
Vange Leonel (Epic/Sony)

Vange é calculado, pretensioso e chato. Tem como objetivo soar contemporâneo. Assim, opta pela mistureba: pop, rock, MPB e, claro, o último grito, a dance music. Uma combinação calculada até passa, mas o modo como foi feita é imperdoável.

Os grooves não se desenvolvem, não pegam fogo. Em "Noite Preta" a linha de baixo parece uma eterna introdução. Outras referências dance também pecam: metais funk assépticos ("Mulher Lobo") e programações de bateria datadas ("Esse Mundo").

No lado pop faltam melodias que colem, ganchos. A exceção é "Noite Preta", irritante, mas com inegável apelo. O rock é sempre decorativo, supérfluo, como a guitarra em "Divino Maravilhoso", de Caetano e Gil. Seu lado energético é dispensado. A MPB esta ali em nome do charme eclético do trabalho.

Considere os produtores, Nando Reis e Charles Gavin: vanguardeiros, cabeções pensantes, membros dos "transgressores" Titãs. Hippies com embalagem modernosa. Sua pretensão impede qualquer tentativa de fazer pop, dance, rock, MPB que simplesmente soe como tal. Seria muito óbvio. O dedo vanguardista tem que entrar, em nome da "arte", e conferir aquela aura de sério e artístico. E maçante.

Exagero? Olhe a foto do encarte. Traz Vange com o indicador na têmpora, como se dissesse: "Sou esperta, uso a cabeça". E por que tanta foto de coração? Para reiterar que "vem tudo de dentro"?

As letras são um compêndio de clichês poéticos. O mundo precisa de outro artista angustiado gritando "por que?" E o discurso contra as "armações" da indústria em "S/A". "Fabriquem outro ídolo/Agora eles duram minutos!" Contratada da Sony e com música-tema em novela da Globo, ela cospe no prato *ao mesmo tempo* em que se farta! E há a ecológica de praxe: "Luzes artificiais/Cadê a noite preta?" Não sei, mas a bola preta está aqui. *CAMILO ROCHA*

THIS IS OUR ART
Soup Dragons (Sire/Warner)

Tem alguma coisa errada com este disco. A versão de Sean Dickson — segundo ele, a Sire tena juntado vários demos para fazer o álbum de estreia do grupo escocês —, continua não fazendo sentido. O que dizer de uma banda capaz de soar como uma imitação de Black Sabbath, Lloyd Cole e Beach Boys, tudo no mesmo álbum? Das duas uma: ou eles estavam perdidos, ou queriam um contrato a qualquer custo. Pegue seu *LoveGod* — ou o single de "I'm Free" — e esqueça. *M.A.G.*

COLLECTION
New Model Army (EMI-Odeon)

Depois do mini-álbum *White Coats* (87), o rock militante da bngada de "Shade The Leveller" Sullivan parecia vir perdendo seu poder de fogo. *Thunder & Consolation* e *Impurity* bem que tinham suas faixas bacanninhas, mas também deslizavam na auto-repetição. A última, *Collection*, na dúvida, arruma a casa até o próximo: reduz os dois discos às suas melhores músicas, mas as duas melhores de *White Coats* e a clássica do NMA, "51st State". Autocrítica e isso. *A.A.*

HEY STOOPID
Alice Cooper (Epic/Sony)

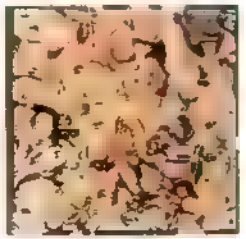
Em *Trash*, seu álbum anterior, Alice Cooper tentou em vão voltar a fazer um disco decente. Com *Hey Stoopid*, a história se repete. Mas, ao menos desta vez, ela chamou convidados mais divertidos que o chato do Bon Jovi. Entre as participações especiais estão figuras como os guitarristas Joe Satriani e Vinnie Moore. Além da parceria com o discípulo Zodiac Mindwarp em "Feed My Frankenstein", a melhor do disco. Agora, cômico é ouvir o Slash e Ozzy Osbourne em uma canção antidrogas ("Hey Stoopid"). Quem dirá! *C.E.M.*

MAGRELLOS (Epic/Sony)

Como eu queria que este disco fosse bom. A dance music nacional precisa crescer e aparecer. E a idéia de fazer de Rosana uma diva dance merece aplausos. Mas, infelizmente, ele tem pecados demais. Apesar de alguns grooves legais, faltam soluções mais personalizadas. Os raps e letras precisam de uma injeção de originalidade. Seus temas lembram aqueles bregas punks mas simplistas. A produção é a melhor coisa aqui, de tirar o chapéu. Ou melhor, o boné. *C.R.*

SUPERSTITION
Siouxsie And The Banshees (Polydor/PolyGram)

Siouxsie e os *partners* de sempre, Budgie e Severin, abandonaram o excessivo teatralidade *vaudeville* do disco anterior, *Peepshow*. Aderiram a climas mais discretos, providenciados em boa parte pela tecladista Martin McCarrick (colaborador do This Mortal Coil). Mas continuam bem distantes da inspirada economia de recursos de *Kaleidoscope* (80), do vigor de *Juju* (81) ou das nuances psicodélicas de *A Kiss In The Dreamhouse* (82). Nem bem nem mal, normal. *A.A.*



REEK OF PUTREFACTION
Carcass (Earache/Rock Brigade)

Splatter, gore, nojeira... Qualquer dos rótulos é pouco para classificar a pedreira que é este disco. Dê-se ao (desprazer de ouvir o Carcass. A capa já diz o que eles vieram: amontoado de corne putrefata e sanguinolências diversas são a mais exata tradução visual do *grindcore* esculhambado do grupo. Sinta o nome de algumas faixas: "Genital Grinder", "Carbonized Eye-Sockets", "Vomited Anal-Tract" e "Manifestation Of Verrucose Urethra". É mole? *E.O.*

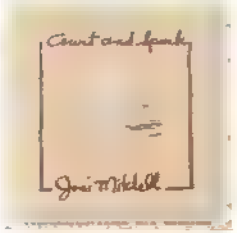
BODY TO BODY
Technotronic (ToCo/PolyGram)

Em 2011, o álbum *Pump Up The Jam* estará frequentando discotecas básicas. Ya Kid K, MC Eric e Jo Bogaert conceberam ali um mix de techno, new beat, pop e hip house antológico. Depois Bogaert demitiu os dois. Agora, com a cantora/rapper Reyane Magloire, fez um disco parecido — mas sem o charme de antes. A marca ficou, a qualidade disse adeus. *C.R.*

MIGHTY LIKE A ROSE
Elvis Costello (Warner)

Quinze anos de lide frenética e cerca de treze álbuns seriam o bastante para esgotar 99% dos artistas pop. Mas não é esse o caso de Elvis Costello. Em 89, quando muitos o julgavam liquidado, ele se sai com o belo e multifacetado *Spike*. *Mighty...* é de matriz idêntica, mas pende para a faceta cínico-desesperançada do autor.

Com riqueza de arranjos, climas perversamente ambíguos e acompanhantes escalados a dedo, o disco roça o genial no apocalíptico "Hurry Down Doomsday", bem como na crudelíssima surf song "The Other Side Of Summer". Ou, para MacManus, os espinhos da rosa fascinam mais que o perfume... *A.G.C.D.*



COURT AND SPARK
Joni Mitchell (Asylum/Warner)

NIGHT RIDE HOME
Joni Mitchell (Geffen/BMG-Arola)

A veterana musa country aparece por aqui com uma reedição e com seu novo álbum. Mas o melhor, neste caso, é que ambos os discos se sustentam por suas qualidades.

Court And Spark (74) não chega a ter a mesma inspiração de *Blue* (71), talvez o melhor LP de Mitchell. Mas é importante na discografia da compositora canadense por retratá-la na transição entre o country simples de seus primeiros álbuns e as influências jazzísticas que iriam caracterizar os trabalhos posteriores.

Já Night Ride Home demonstra que o brilho de Mitchell não se esmaeceu com o tempo. Dominando a maioria dos instrumentos e a co-produção (com seu marido e baixista Larry Klein), ela fez um álbum repleto de climas introspectivos e intimistas, que remetem ao *modus operandi* de um Daniel Lanois, por exemplo. Neste contexto sutil e *clean* de arranjos, surgem canções memoráveis de Mitchell, como a eterna "Come In From The Cold". *C.P.*

METALLICA (Vertigo/PolyGram)

Caramba, como esses caras são mal-humorados. Escuta, se você fosse membro de uma das raras bandas de heavy metal que simultaneamente têm dinheiro, apoio da crítica e adoração dos fãs, não ia ser feliz? Não ia relaxar na praia, curtir a vida boa, arrumar uma modelo gostosona para ficar te passando bronzeador?

Ia, claro. Somos apenas humanos — e o Metallica finge que não é. Esses caras acabaram comprando a própria imagem pública — a de monumento vivo da simplicidade, da militância e da integridade roqueira. É um vício sério de todo o thrash, que no Metallica bate especialmente pesado. Ô coisa mais jacu.

Mas, sei lá, funciona. Tanto que, apesar do disco novo ter sido produzido por Bob Rock (o mesmo do Bon Jovi e Motley) e das músicas serem curtinhas e não aquelas pentelhações sinfônicas de antigamente, ninguém teve cara de pau para dizer que o Metallica está diminuindo seu ataque para fazer mais sucesso — o que é, claro, exatamente o que está acontecendo.

O que não faz de *Metallica* um disco ruim, imagina, isto sim é que era trilha para o *Terminator 2*. Tem o exato clima de *no future* futurista necessário. Tem peso, atmosfera, influência clara (não chupação) do Black Sabbath, arranjos complicados que funcionam a favor da porrada e não contra (como nos dois ou três últimos discos). Possui também uma engenharia de som primorosa (bate com o que Jason Newsted diz na entrevista que está nesta edição: "Este é o disco de metal com o melhor som jamais produzido"), argumento irrefutável da necessidade de todo mundo comprar o CD o quanto antes.

O disco todo é massacrante. Especialmente dignas de nota são o single "Enter Sandman", a apavorante "Sad But True", a quase-balada "Nothing Else Matters" (com arranjo orquestral de Michael Kamen, trilheiro profissional que fez entre outras coisas a música dos dois *Máquina Mortífera*) e uma bela homenagem à mitologia estradeira, "Wherever I May Roam".

Metallica é metal moderno para quem leva metal a sério, produzido por uma banda que se leva *extremamente* a sério e embalado pelo melhor marketing que o dinheiro pode comprar. Há investimentos piores. *ANDRE FORASTIERI*

CASSETE COMPACT DISC

THE GLOBE
Big Audio Dynamite II (Columbia/Sony)

O BAD sempre se pareceu um pouco com um Clash aleijado. Como se Mick Jones, o brilhante contraponto pop/funky que iluminava o furioso punk de Joe Strummer, não conseguisse dizer, sozinho, ao que vinha. O BAD II, totalmente reformulado, finalmente ganha em ataque. Há um certo exagero na utilização dos *samples* ("Rush", por exemplo, simplesmente para no meio para dar espaço a uma colagem sem pé nem cabeça). Mas a coisa toda pega bem, e promete ainda mais. *A.A.*

DIALECT (Faunus)

Nelson Coelho é veterano dos porões paulistas, tendo emprestado sua guitarra incisiva a vários grupos (Lux, AMT-1, Zero) desde o começo dos anos 80. Hoje, além de integrar o Ópera Invisível, ele e Andrei Ivanovic (baixo *fretless*) e Miguel Angel (bateria) levam o Dialect. Neste seu *debut*, o trio mergulha em longos e bem urdidos improvisos, que encontram intersecções com o som do *one-man-band* Vinnie Reilly e a vertente progressiva (não-rococó) dos anos 70. Um trabalho arrojado, viril e bastante estimulante. *A.G.C.D.*

DERELICTS OF DIALECT
3rd Bass (Def Jam/Sony)

Vinhetas e samples espertos, letras inteligentes e engraçadas, estilo de rap OK, balanços estremecedores. 3rd Bass são brancos fazendo um hip hop que destrói qualquer estigma surgido com Vanilla Ice (aliás, uma das vítimas prediletas do grupo). Só que o álbum duplo não segura a onda. É pretensão, mania de grandeza, forçação de barra. Para que dividir seu talento por 21 faixas quando ele renderia muito mais em nove? *C.R.*

IN THE HEART OF THE YOUNG
Winger (Atlantic/Warner)

Depois dizem que fumar faz mal à saúde. Mal mesmo fazem músicas como aquela do Winger que toca numa propaganda de cigarros. Não fosse por estes comerciais, o rock boba deste quarteto para pouco serviria, pois quase todo o resto do LP segue na mesma linha. Com muita boa vontade dá para ouvir duas músicas: "Loosen Up" e "Little Dirty Blonde", que mesmo assim não justificam disco nenhum. E ainda tem quem bote pecha de grande cantor em Kip Winger. Ora, convenhamos... *C.E.M.*

THE REMBRANDTS
(Atlantic/Warner)

Imaginem dois figurinhas que lembram uma versão norte-americana de Leandro e Leonardo (descontada a fama), tomam emprestado o nome do famoso pintor holandês e tocam um pop já caduco há pelo menos dez anos. São os Rembrandts — Danny Wilde e Phil Solem — que só não estragam este álbum de estréia por não insistirem em new wave rançosa em todas as faixas. Quando deixam de ser modernosos, como em "Someone" e "Goodnight", conseguem melhor resultado. Bom mesmo, só os vinte e cinco segundos instrumentais de "Moonlight On Mt. Hood". *J.J.E.S.*

WILD AT HEART Vários
(London/PolyGram)

O que acontece quando David Lynch põe suas mãos perversas na música pop? Discos como este, tão pleno de atmosferas e sutilezas quanto a saborosa trilha de *Twin Peaks*. Na verdade, os dois álbuns têm muita coisa em comum — a começar pela parceria Lynch/Badalamenti, responsável aqui por cinco faixas de puro deleite. Nas outras dez, há Strauss, Elvis ("reinterpretado" por Nicolas Cage, numa ousadia insólita de Lynch), Them, Gene Vincent, Powermad e Chris Isaak, que conduzem a viagem por lugares tão sombrios quanto fascinantes. Compre. *M.A.G.*

THE REAL PEOPLE
(Columbia/Sony)

Confesso que até eu, que não agüento essas musiquinhas xaroposas que grande parte dos novos grupos ingleses adoram fazer, gostei do álbum de estréia deste quarteto. Talvez porque eles imitem os Beatles direitinho ou mesmo por outras influências que dá para se notar no som deles: pitadas de Stones, Peter Hammill e uma pá de psicodélicos. Enfim, os rapazes alegres do Real People não têm vergonha de ser pop, e usam o som de violões com o devido descaramento para fazer um disco comercial e agradável. *C.E.M.*

FOR UNLAWFUL CARNAL KNOWLEDGE
Van Halen (Warner)

Por que Schwarzenegger é mais legal que Stallone? Porque ele junta à sua trogodítica senso de humor. Mesma razão por que o Van Halen era muito melhor quando tinha Dave Lee e não esse mala do Sammy Hagar, que canta bem e tal, mas é sem graça. Este *F.U.C.K.* é heavy metal californiano setentão tradicional e, graças a Deus, tem bem menos teclados que os anteriores. A produção tem uma novidade: além do habitual Ted Templeman, foi convocado Andy Johns, o cara que produziu o terceiro e o quarto do Led Zeppelin — o que deu um certo peso *sem-surround* ao álbum. Mas nem isso nem a competência dos músicos envolvidos, nem os dedos supersônicos de Eddie, salvam o disco de ser meio repetitivo. Se você é fã do VH, dá para encarar. Caso contrário, é mais vantagem investir num clássico qualquer da banda, como *1984*, *Women And Children First* ou o disco de covers, *Diver Down*, cuja versão de "Pretty Woman" fará você sair correndo para o Centro Auditivo Telex mais próximo. *A.F.*

PEGARAM JESUS PRA CRISTO
Não Religião (Eldorado)

Me lembro da primeira vez que ouvi o NR. A demo era mal-gravada, sim, mas estranhas dissonâncias e a garra da execução prometiam. Desde então, o grupo gravou um LP mediano e, agora, lança um disco conceitual. É uma espécie de ópera-punk que pretende desancar as instituições com um crossover burocrático e mané. Aqui, só se salvam a capa de Bosch e... o imaginativo release! *A.G.C.D.*

ABSOLUTE TORCH AND TWANG
k.d.lang And The Reclines (Sire/Warner)

Junto com Chris Isaak, Dwight Yoakam, Lyle Lovett e os Cowboy Junkies, a canadense k.d lang — propositadamente sem maiúsculas — faz parte de um punhado de artistas country que vêm revigorando o gênero ao enfatizar as raízes básicas da música, enquanto eliminam a cafonice e o mau gosto que sobrepujou uma das mais importantes tradições culturais dos EUA.

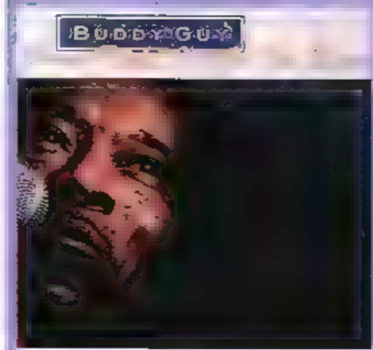
Desde que gravou o álbum independente *A Truly Western Experience* (84), lang segue a linhagem da falecida cantora country Patsy Cline, um parentesco notado na predileção por *torch n'twang* — baladas de fossa impulsionadas por histórias de amor perdido. k.d. também pode ser associada a Roy Orbison, para quem fez vocais de apoio no especial de TV *A Black And White Night*. Dor-de-cotovelo é com eles.

Para tornar o "pacote" mais interessante ainda, k.d. tem o visual e a atitude de uma punk que arrombou a porteira de um saloon, de cabelos espetados e rosto de menino. Combine isso tudo a um vozeirão que mistura doçura feminina e decisão masculina e você terá uma artista country como não se ouvira até hoje.

Shadowland, o álbum anterior, era uma combinação da poderosa voz de lang com as orquestrações boladas por Owen Bradley (o mesmo produtor de Patsy Cline) e com participações de craques country, como Kitty Wells, Loretta Lynn e Brenda Lee. *Absolute Torch And Twang* é um sucessor à altura — mereceu inclusive um Grammy — e uma boa maneira de se conhecer lang.

Acompanhada agora por sua própria banda (The Reclines), lang continua sofrendo de uma tremenda dor-de-cotovelo ("Trail Of Broken Hearts", "Didn't I", "Walkin' In And Out Of Your Arms"), ainda mostra paixão e reverência pelos clássicos do country (com as versões de "Three Days" e "Big, Big Love") e deixa evidente um sadio senso de humor, que se expressa totalmente em "Big Boned Gal", faixa quase autobiográfica que conta a história de uma garota canadense de "ossos longos".

JOSÉ EMILIO RONDEAU



DAMN RIGHT, I'VE GOT THE BLUES
Buddy Guy (Silvertone/BMG-Ariola)

O encontro de *bluesmen* com seus herdeiros do rock'n'roll já rendeu discos memoráveis. A lista inclui *Sonny Boy Williamson And The Yardbirds*, *The Howlin' Wolf Sessions* (Eric Clapton, Steve Winwood, Bill Wyman, Charlie Watts), *Hard Again*, de Muddy Waters (com Johnny Winter). E, com certeza, o álbum que reuniu John Lee Hooker e o Canned Heat (*Hooker N'Heat*, por sinal na *Discoteca Básica* desta edição).

Não seria exagero incluir *Damn Right...*, o primeiro álbum de Buddy Guy em dez anos, na relação acima. Buddy, que se projetou na banda de Muddy Waters, pertence à geração seguinte do blues de Chicago. A riqueza do fraseado de sua guitarra, indo dos ataques cortantes ao extremo lirismo, bastou para que Clapton o considerasse "o melhor guitarrista vivo". Para quem teve oportunidade de presenciar o fôlego de alguma de suas apresentações no Brasil, não chega a ser surpreendente que ele ressurja aqui em grande estilo.

Ao mérito de Buddy, alia-se também o do time dos guitarristas convidados: Eric Clapton (claro!), Jeff Beck e Mark Knopfler. Discretos, eles limitam-se a realçar os riffs do dono da festa.

A banda também exibe uma sintonia surpreendente para um disco com canções gravadas praticamente em um só *take*. Destaca-se a cozinha formada pelo baixista Greg Rzab e baterista do Little Feat, Richie Hayward, além do pianista inglês Pete Wingfield — que estraçalha em faixas como "Five Long Years" e "Black Night", duas baladas *bluesy* capazes de arrepiar a espinha.

As releituras para "Mustang Sally" (Mack Rice) e "Let Me Love You Baby" (Willie Dixon) são irretocáveis, enquanto o blues em 6/4 "Early In The Morning" consegue uma proeza nunca vista nos Yardbirds: colocar Clapton e Beck tocando juntos.

Mesmo a única coisa que poderia parecer forçada no álbum — o número instrumental em homenagem a Stevie Ray Vaughan ("Remeberin' Stevie") — soa como um emocionado e pungente epitáfio. Certíssimo, cara, você tem o blues.

CELSO PUCCI

RÁPIDO E RASTEIRO

A festa começa com a new wave dos **8-52's.** A Reprise/Warner relança em embalagem única as mini-LPs **PARTY MIX!** (81) e **MESOPOTAMIA** (82). Melhor seria reeditarem os dois primeiros álbuns que fornecem os hits para o bom disco de mixes. ● Em sua estréia solo denominada **COMING DOWN** (Beggars Banquet/BMG-Ariola), **Daniel Ash** (ex-Bauhaus e Love And Rockets) mescla psicodelia, dance e tecno num coquetel que varia do palatável ("Not So Fast") ao indigesto (a cover de "Day Tripper", dos Beatles). ● Chamar de sub-Genesis o **Marillion** já virou clichê. Então pior: o que se encontra em **HOLIDAYS IN EDEN** (EMI-Odeon) é um amontoado dos mais datados temas progressivóides com um toque de "pop atual", daquele que se ouve nos discos de **Phil Collins**. E, por falar na peça rara, quem aturou seus dois últimos discos da fase "seria" pode se preparar para mais dois: **12 REMIXES** (Warner) e um de arranjos instrumentais para suas músicas, **THE ROYAL PHILARMONIC ORCHESTRA CONDUCTED BY LOUIS CLARK PLAY HITS OF PHIL COLLINS** (Epic/Sony). De arrancar os últimos fios de cabelo. ● Por fim, o **Yes** vem em dose dupla (com oito membros!) no inominável **UNION** (Arista/BMG-Ariola). Se um dinossauro incomodava muita gente...

CELSO PUCCI

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Faunus — R. 24 de Maio, 186, al. 186, São Paulo (SP) — (011) 222-4921 Roca Brigade — R. Fernando de Albuquerque, 171, São Paulo (SP) — (011) 231-3212

BOLSA DE DISCOS

	THE MIX	AS RAW AS EVER	MENTAL FLOSS ...	THE WHITE DRUM	ELECTRONIC	NOW
JOSÉ AUGUSTO LEMOS (BIZZ)	☺	😐	😐	☺	😐	☺
ALEX ANTUNES (BIZZ)	☺	😐	☺	😐	😐	☺
ANDRÉ FORASTIERI (BIZZ)	☺	😐	☺	☺	☺	☺
ANTONIO [illegible] MIGUEL (BIZZ)	☺	☺	☺	☺	☹	●
JIMI JOE ([illegible])	😐	☺	☺	☹	😐	😐
JOTABÊ MEDEIROS (Folha de S.Paulo)	●	☹	😐	😐	☹	☺
KID VINIL (Radio e TV [illegible])	☺	☺	☺	☺	☺	😐
LUIS CLAUDIO GARRIDO (A Tarde, Salvador, BA)	😐	☹	☹	😐	☺	●

OTIMO ☺
BOM ☺
INTERESSANTE 😐
RAZOÁVEL ☹
FRACO 😐

BRYAN ADAMS WAKING UP THE NEIGHBOURS

WAKE UP! BRYAN ADAMS VOLTOU

WAKING UP THE NEIGHBOURS ("Acordando os vizinhos") é o nome do disco que marca a volta triunfal de **Bryan Adams**. Para você ter uma idéia, a balada (**Everything I do**) **I Do It For You** arrasou nos Estados Unidos e Europa. No Brasil e a invadiu as rádios de norte a sul.

Valeu **Bryan**! Nós já estávamos com saudade de você.

Em CD, LP e MC

PolyGram

QUE FIM LEVOU ARETHA?

O X da questão é o CD duplo **30 GREATEST HITS**, de **Aretha Franklin**. Com edição nacional programada pela Warner para o fim de julho passado, até o fechamento desta edição a coletânea ainda não havia saído e continuava sem nova previsão de lançamento.

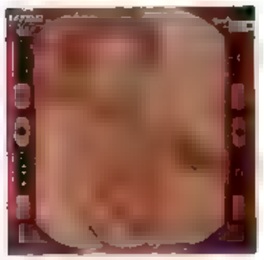
Pena, pois as trinta canções selecionadas cobrem a fase áurea em que Lady Soul gravou pela Atlantic (1967-74), quando esteve associada ao produtor Jerry Wexler, o arranjador Arif Mardin e o produtor Tom Dowd (à exceção de "Angel", co-produzida pela própria Aretha e Quincy Jones em 73).

Ao lado das clássicas "Respect", "Dr. Feelgood", "Chain Of Fools", "See Saw", "Spanish Harlem" e "Rock Steady", as belas recriações de "The Weight" (Robbie Robertson), "Eleanor Rigby" (Lennon & McCartney) e muito mais. Detalhe final: Kim Cooke, o autor da compilação, teve o cuidado de discriminar os músicos das gravações. Um lançamento que não pode ficar só na intenção. *CELSO PUCCI*

POUCAS & BOAS

O fino do CD aqui e lá fora

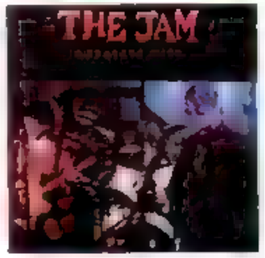
NACIONAIS



ALBERT COLLINS: Frosbite ('80) **Live In Japan** ('84), dois petardos do craque da Telecaster, ambos Alligator/Warner. ● **THE FACES: A Nod's As Good As A Wink (To A Blind Horse)** da Warner. Rod Stewart, Ron Wood & Cia. em grande forma, nos idos de 71. ● **GILBERTO GIL: Expresso 2222** ('72) e **RAUL SEIXAS: Krig Ha Bandolo!** ('73), **Gita** ('75), **Ha Dez Mil Anos Atras** ('76). Dois velhos baianos a todo o vapor num par de discos antológicos (no caso dos dois primeiros). *Gita* ainda pertence à boa fase de Raulzito, mas do antoparodico *Ha Dez Mil Anos Atras* salva-se apenas o profético tango "Canto Para Minha Morte". Lançamentos Philips/PolyGram. ● **DEEP PURPLE: The Compact Disc Anthology** (EMI-Odeon). CD duplo de um dos baluartes do heavy setentista, trazendo 27 preciosidades do período 1968/76. Para suprir a falta de qualquer disco importante do quinteto por aqui. ● **NEW ORDER: Power, Corruption And Lies** (Factory/Warner). Disco de 82 do grupo de Manchester, com uma *bonus track*: "The Beach". ● **THE WHO: Tommy** (Track/PolyGram). A famigerada ópera-rock de Pete Townshend lançada originalmente em 69. Em CD duplo.

IMPORTADOS

THE JAM/STYLE COUNCIL: A Polydor lança em CD as "obras completas" de Paul Weller. São oito discos do Jam — incluindo os importantes **In The City** ('77), **Sound Affects** ('80) e o recente **Greatest Hits** — acompanhados de mais seis do Style Council. Fique com a primeira parte do pacote. ● **THE KINGSMEN: The Best Of The Kingsmen** (Rhyno). "Louie Louie" e mais dezessete singles com o som *trash* do quarteto. ● **THE RIVINGSTONS: The Liberty Years** (EMI). Compilação do quarteto vocal californiano que celebrizou "Surfin' Bird" (revista depois pelos Trashmen e pelos Ramones). ● **MARIANNE FAITHFUL: Faithless** (NEMS/Sony). Album de 77 que marcou o retorno da cantora depois de dez anos sem gravar, fugindo da saudade de Mick Jagger e da heroína. ● **THE SURFARIS: The Surfaris Play/Fun City USA** e **THE CHANTAYS: Pipeline/Two Sides Of The Chantays** (Repertoire). Dois CDs reunindo quatro álbuns dos expoentes da surf music instrumental. ● **JACK KEROUAC: The Collection/Complete Recorded Works** (Rhyno/World Beat). Caixa de três CDs compilando as históricas gravações que o escritor *beatnik* fez com seu sax tenor no fim dos anos 50. *C.P.*



Spider
CD'S
TEMOS EM ESTOQUE

THE CULT - CEREMONY
PIXIES - TROMPE LE MONDE
RED HOT CHILI PEPPERS - BLOOD, SUGAR, SEX, MAGIC
ANNE CLARKE - TRILOGY
LIVING COLOUR - BISCUITS (EP)
R.E.M. - MURMUR/DOCUMENT/RECKONING
BUZZCOCKS - SINGLES GOING STEADY
THE CURE - PORNOGRAPHY
THE GLOVE - BLUE SUNSHINE
FAITH NO MORE - INTRODUCE YOURSELF
SLOWDIVE - JUST FOR A DAY
MASSIVE ATTACK - BLUE LINES
MUDHONEY - EVERY GOOD BOY DESERVES FUDGE
SMITHS - LOUDER THAN BOMBS/QUEEN IS DEAD
HOUSE OF LOVE - A SPY IN THE HOUSE
DREAD ZEPPELIN - 5000000/UN-LED-ED
SOFT CELL - MEMORABILIA
SEX PISTOLS - MINI ALBUM (CGLEN MATLOCK)
MY BLOODY VALENTINE - GLIDER (EP)
808 STATE - EX: EL
CHAPTERHOUSE - WHIRLPOOL
FRONT 242 - OFFICIAL VERSION
PSYCHEDELIC FURS - WORLD OUTSIDE
METALLICA - METALLICA (91)
DINOSSAUR JR. - GREEN MIND
HUSKER DU - FLIP YOUR WIG
PALE SAINTS - CONFORT OF MADNESS
VELVET UNDERGROUND - WHITE LIGHT/WHITE HEAT

CD SINGLES

PRINCE - GET OFF
NITZER EBB - AS IS
CHARLATANS - OVER RISING
SONIC YOUTH - DIRTY BOOTS
DE LA SOUL - ANOTHER ROLLERSKATE JAM CALLED "SATURDAY"

ENVIAMOS PELO SEDEX
R. Visconde de Pirajá, 281 - Slj. 212 Ipanema - Rio
CEP 22410 - Telefax (021) 521-8040

Especial Mountain Bike Boa Forma — essa revista é a maior aventura! Tem de tudo sobre o assunto: acessórios, viagens (turismo, mapas, roteiros, segredos...), as últimas novidades, cuidados mecânicos, manobras, preparo físico. Um verdadeiro guia para quem já encontrou (ou vai encontrar) na bicicleta uma opção de vida, lazer, esporte e liberdade.

ESPECIAL BOA FORMA
MOUNTAIN
BIKE
EDITORA AZUL

B R E V E
N A S B A N C A S

ZONA FRANCA

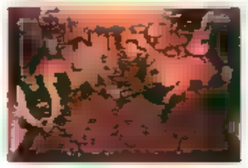
CONSOLIDATED
friendly fascism

No primeiro álbum, *The Myth Of Rock*, este trio de San Francisco atacava a nata do pop viciado em cuches da mídia. Já em **FRIENDLY FASCISM** Network) o **Consolidated** aponta sua fusão electro-noise-rap para o "american way of life" bem como para seu "líder" Mr George Bush. Panfletagem ecologica e discursos de conscientização sobre uma base body music flertada e aprovada por Chuck D (Public Enemy).

Com a produção de Jack Dangers — responsável por outro grupo de rap branqueto, o Meat Beat Manifesto —, este álbum contribui para a "glasnost" musical, onde quem tem rótulo é vidro de remédio.

Só os créditos de samples no álbum **SIELWOLF** (Parade Amoureuse) a estréia do grupo homônimo seriam suficientes para deixar qualquer um curioso. Imagine uma mesma música a bateria de John Bonham com a base de Fripp Eno, o sopro de Miles Davis e — para temperar — a trilha sonora de *2001*! O duro é constatar que para identificar qualquer uma das vítimas você deverá ouvir a faixa ao menos umas três vezes. Desde os Young Gods que o sampler não era tão bem aproveitado. Como num verdadeiro teste à *la* Sherlock Holmes, você ainda poderá encontrar Freddie Kruger (Hendrix, Test Department, UFO e muitos outros). Boa sorte.

ENEAS NETO



Quem assistiu a *Totalmente Selvagem* deve se lembrar bem daquela bandinha de baile que arrasava num rearranjo maluco para "Fame" de David Bowie.

Pois é, o nome dela é **The Feelies**. De tempos em tempos, ela sai de seu refúgio no interior de Nova Jersey para gravar **TIME FOR A WITNESS** (Coyote), seu quarto álbum em mais de onze anos de carreira. E reafirma a garra e a natureza erratica do quinteto. Faixas como "Waiting" e "Sooner Or Later" soam como os Ramones tocando folk rock, e os guitarristas Glenn Mercer e Bill Million continuam suprindo a lacuna deixada pela dobradinha Tom Verlaine-Richard Lloyd. Um discaço!

Com *Prairie School Freakout*, do selo Amoeba, o **Eleventh Dream Day** surgiu em 88 como uma esperança para a revitalização do *guitar rock* tranqüe. Um ano depois, já na Atlantic, este quarteto de Chicago confirmou a expectativa ao lançar *Beet*.

Agora, o recente **LIVED TO TELL** ameaça retirá-lo de vez do restrito circuito das *college radios*. Seu dínamo é Rick Rizzo, um *guitar hero* que faz jus à acepção clássica do termo e cujos riffs esquadrinham as derradeiras fronteiras do território anteriormente demarcado pela tríade Velvet Underground-Television-Dream Syndicate.

Contrapondo melodias tramadas em oboés e violinos aos pulsos dos seqüenciadores, o **Frazier Chorus** saiu de Brighton, na Inglaterra, para tentar o impossível: fazer de seu **RAY** (Virgin) a ponte entre a sonoridade esmaecida da geração pós-4AD (Faith Over Reason, Hinterland, e o vertiginoso groove das pistas de dança. Com a produção de Ian Broudie e uma mãozinha do remixador-mor Paul Oakenfold, canções como "Prefer You Dead" e "Heaven" mostram que o grupo conseguiu seu intento.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Seattle, o torrão natal de Jimi Hendrix, também tem sido responsável pelo surgimento de uma nova leva das mais ensurdecedoras bandas americanas. Soundgarden, Tad, Social Distortion, Nirvana e Dickless estão entre os mais cultuados entre os grupos de *noisy guitar rock*. E todos eles são citados entre os agradecimentos no mais recente álbum do quarteto **Screaming Trees, UNCLE ANESTHESIA** (Epic).

O disco, porem, não revela exatamente as mesmas preferências musicais do resto da turma. Traz sim canções com boas melodias, que às vezes resvalam na urgencia de um Husker Dü ("Bed Of Roses", "Alice Said", "Ocean Of Confusion") ou no apuro harmonico dos dB's ("Lay Your Head Down"). Esta linha é dada em grande parte pelos inventivos arranjos (enfatizados pelo uso de *wha wha* e saturação) do guitarrista Gary Lee Conner. Contando com uma bem azeitada cozinha — seu irmão Van no baixo e Mark Pickerel na bateria — e o vocalista/letrista Mark Lanegan, as "arvores" gritam ainda mais forte quando assumem suas influencias psicodelicas, como na faixa-título e em "Something About Today".

CELSO PUCCI

LOOP
WOLF FLOW

O etereo (e ainda inedito no Brasil) **Loop** ataca de novo nesta seção. Desta vez com **WOLF FLOW** (Reactor), coletânea das Peel Sessions gravadas entre 1987/90. A enxurrada lisérgica de guitarras distorcidas está presente neste como em todos os trabalhos do trio, um dos maiores expoentes do neo-psicodelismo inglês. Dentre os delírios sonoros criados pela banda em seus quatro LPs (*Heaven's End, The World In Your Eyes Fade Out* e *A Gilded Eternity*), este álbum traz versões que muitas vezes superam as originais, como é o caso de "Straight To Your Heart", "Pulse" e "Afterglow", além da cover de "Rocket USA", do Suicide.

LEANDRO FORTINO

VIDEO

SUICIDAL TENDENCIES
Lights... Camera... Suicidal
Direção: varios. 1990.
(43 min., hi-fi stereo. SMV)

O ST faz punk californiano como antigamente — Black Flag, Dead Kennedys, entrou no clima? Esta coletânea de clips é genial, rapidinha e inclui entrevistas com o vocalista Mike Muir "War Inside My Head" e ao vivo a "How Will I Laugh Tomorrow" tem duas versões ótimas. O primeiro video é uma obra-prima: "Possessed To Skate" tem Timothy Leary, Mary Woronov, destruição de propriedade, cara dropando de TV, garotas de biquini dançando shimmy. Lindo. *A.F.*

ELVIS PRESLEY
Aloha From Hawaii
Direção: Marty Pasetta. 1986
(77 min., hi-fi stereo. J.R.)

Show beneficente transmitido via satelite do Havai para meio mundo em janeiro de 73. Recomendavel apenas para os fas mais doentes. Nao contem nem um milionesimo do energia do Rei nem do requinte da filmagem, encontrados no ja disponivel *Elvis E Assim*. O melhor e aguardar os dois volumes de *Grandes Momentos De Elvis*. *J.A.L.*

SNAP!
World Power — The Video
Direçao: Full Swing Prod. e outros. 1990
(37 min., hi-fi stereo. BMG)

No estudio o Snap! criou alguns dos grooves mais avassaladores de 90. Na hora da complicada transposição estudio/palco, mandou apresentações de deixar ate os mais cetticos boquiabertos. Esta coleçao traz a diversão completa: video dos hits, trechos ao vivo, rapidas declarações e cenas de ensaio. *C.R.*

DEPECHE MODE
Strange Too — Another Violation
Direçao: Anton Corbijn. 1990
(30 min., hi-fi stereo. BMG)

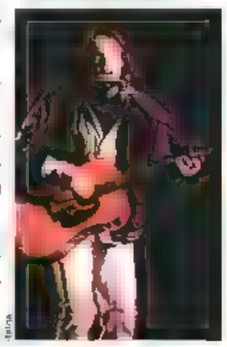
Corbijn, o principal fotografo de rock da Inglaterra, já havia trabalhado com o Depeche Mode no video *Strange* de 88. *Strange Too* filmado em super 8 na Espanha, Portugal, Inglaterra, Suiça e EUA, e um ensaio experimental sobre seis faixas do album *Violator*. Intimista, melancolico e inesperado, utiliza um equipamento obsoleto com resultados sofisticados. *A.A.*

VÁRIOS
Red Hot + Blue
Direçao: varios. 1990
(87 min., hi-fi stereo. BMG)

Quem nao se contentou com o especial pedado e exibido pela Globo pode agora conferir na integra o video do projeto *Red Hot + Blue*. Entre os *clipmakers* estão onecastas como Alex Cox, Wim Wenders ou Jonathan Demme. O que garante boa embalagem visual para uma trilha curiosa e irregular: a obra do centenário Cole Porter recebe um banho de loja pop. Um dos bons momentos é a fotografia p&b, câmera em movimento e cuidadosamente desfocada de Jim Jarmusch, para seu colega Tom Waits desfigurar com estilo "It's A night With Me". *A.C.M.*

IMPORTADOS

DOORS *The Soft Parade (EUA, 50 mm., MCA/Universal)* As reclamações de Ray Manzarek sobre a veracidade (ou a falta de) em *Doors*, o filme, podem ser checadas neste video, habilmente dirigido pelo proprio tecladista. Montado em torno de uma entrevista concedida pela banda em 69, compila sete musicas. Tem material ao vivo, inclusive do polemico show de Miami. Tambem tem cenas ineditas deles em estudio, na estrada, na plateia do Who e uma versao cavernosa do clip de "Unknown Soldier", com fotos de defuntos. Coisa fina. So nao confunda com o video *The Doors*, lançamento Castle Music, com vinte minutos de oportunismo. ● **ABC** *Absolutely — The Videos (Inglaterra, 55 mm., PMV/Channel 5)* **HUMAN LEAGUE** *Hits (Inglaterra, 45 mm., Virgin)* Grande pedida para aquele flashback do começo dos 80: duas coleçoes completas dos clips tecno-romanticos dos grupos ingleses. ● **NEIL YOUNG & CRAZY HORSE** *Ragged Glory (EUA, 24 mm., Warner)* Bem ao gosto de Young: quatro musicas porrada (incluindo o classico instantaneo "Fuckin' Up") embaladas num imaginario filmico doidao, country-surrealista. O ultimo clip ("Mansion On The Hill") mostra, de sacanagem, a morte de um velho guitarrista de rock'n'roll... Curto e grosso. ● **CURE** *Picture Show (Inglaterra, 77 mm., PolyGram/Fiction)* Da eterna parceria entre o Cure e o maluquete diretor Tim Pope, uma compilaçao de dez videos recentes ou remix (pos-*Staring At The Sea*, 86), mais palhaçadas de estudio. A usual camera criativa, que so valoriza a musica da banda. *A.A.*



MARIAH CAREY *The First Vision* (SMV) ● TOTO *Past To Present 1977-1990* (SMV) ● ANDERSON BRUFORD WAKEMAN HOWE *In The Big Dream* (SMV)

A PÁGINA MAIS IMPORTANTE DO ANO... MODÉSTIA À PARTE.

Em CD, LP e MC

Seis anos após o revolucionário "BROTHERS IN ARMS", o DIRE STRAITS volta às lojas com "ON EVERY STREET". Poucas vezes na história, um disco chega tão amadurecido, trabalhado, ensaiado. Mais de 300 músicas foram compostas por Mark Knopfler, até que a banda chegasse a uma conclusão final. Ao longo dos últimos 6 anos, o DIRE STRAITS decidiu fazer não só um disco, mas um épico. Por isso, usou todo o seu talento, aliado aos melhores instrumentos, estúdios e mesas de mixagem do mundo. Valeu a pena. "ON EVERY STREET" é um marco e consagra o DIRE STRAITS como a melhor banda de rock do mundo.
Afinal, Mark Knopfler sempre disse que tem um compromisso com a história e não com instantes. A prova disso está em toda a discografia da banda (relançada em CD no Brasil), que some das lojas todos os dias. "ON EVERY STREET" é tudo o que a genialidade do século 20 pode dar à música. Sem exageros. É uma questão de justiça!

PolyGram
PolyGram do Brasil

LETRAS

JESUS JONES

Phil Ward-Harris

RIGHT HERE, RIGHT NOW

(Mike Edwards)

AQUI MESMO, AGORA MESMO

A woman on the radio talks about revolution	*Uma mulher na radio conversa sobre revolução*
when it's already passed her by	*quando a revolução já passou por ela*
Bob Dylan didn't have this to sing about	*Bob Dylan não tinha um assunto destes para cantar*
you know it feels good to be alive	*sabe, é gostoso estar vivo*
(refrão 1)	*(refrão 1)*
I was alive and I waited, waited	*Eu estava vivo e esperei, esperei*
I was alive and I waited for this	*eu estava vivo e esperei por isso*
(refrão 2)	*(refrão 2)*
Right here, right now	*Aqui mesmo, agora mesmo*
there is no other place I want to be	*não há nenhum outro lugar em que eu queira estar*
right here, right now	*aqui mesmo, agora mesmo*
watching the world wake up from history	*observando o mundo acordar da História*
I saw the decade in	*Vi a década chegar*
when it seemed the world could change	*quando parecia que o mundo poderia mudar*
at the blink of an eye	*num piscar de olhos*
and if anything then	*e aí está*
there's your sign of the times	*o seu sinal dos tempos*
(repete refrão 1)	*(repete refrão 1)*
Right here, right now	*Aqui mesmo, agora mesmo*
(repete refrão 1)	*(repete refrão 1)*
(repete refrão 2 2x)	*(repete refrão 2 2x)*
Right here, right now	*Aqui mesmo, agora mesmo*
there is no other place I want to be	*Não há nenhum outro lugar em que eu queira estar*
right here, right now	*aqui mesmo, agora mesmo*
watching the world wake up	*observando o mundo acordar*

* EMI Music Publishing Ltd (Direitos cedidos para o Brasil a EMI Odeon F.I.E. Ltda (Div. Itaipu)

PARADA

Convenções:
(N) Novidade (R) Retorno ( ) Posição anterior
Leitor! Sua participação é importante
Escreva para "BIZZ Parada Dos Leitores"
Av. Nações Unidas, 5777 CEP 05479
São Paulo SP dizendo quais os discos que você
comprou este mês. Se possível, acrescente
seu nome para que votemos o

LEITORES

1 (1) ***The Real Thing*** **Faith No More** PolyGram
2 (4) ***Arise*** **Sepultura** Eldorado
3 (7) ***Appetite For Destruction*** **Guns N'Roses** BMG-Ariola
4 (11) ***Skid Row*** **Skid Row** Warner
5 (N) ***Live At The Brixton Academy*** **Faith No More** PolyGram
6 (5) ***Out Of Time*** **R.E.M.** Warner
7 (13) ***Hack*** **Information Society** Stiletto
8 (R) ***Anarkophobia*** **Ratos De Porão** Eldorado
9 (12) ***The Immaculate Collection*** **Madonna** Warner
10 (14) ***Mais*** **Marisa Monte** EMI-Odeon
11 (17) ***Flesh & Blood*** **Poison** Warner
12 (19) ***Blaze Of Glory*** **Jon Bon Jovi** PolyGram
13 (R) ***MCMXC aD*** **Enigma** EMI-Odeon
14 (2) ***GN'R Lies*** **Guns N'Roses** BMG-Ariola
15 (6) ***Behaviour*** **Pet Shop Boys** EMI-Odeon
16 (R) ***As Quatro Estações*** **Legião Urbana** EMI-Odeon
17 (20) ***The Doors*** **Trilha Sonora Doors** Warner
18 (8) ***LoveGod*** **Soup Dragons** PolyGram
19 (15) ***No Prayer For The Dying*** **Iron Maiden** EMI-Odeon
20 (R) ***Rust In Peace*** **Megadeth** EMI-Odeon

LOJAS

1 (1) ***Out Of Time*** **R.E.M** Warner
2 (2) ***Live At The Brixton Academy*** **Faith No More** PolyGram
3 (3) ***Arise*** **Sepultura** Eldorado
4 (10) ***Mais*** **Marisa Monte** EMI-Odeon
5 (R) ***LoveGod*** **Soup Dragons** PolyGram
6 (6) ***Anarkophobia*** **Ratos De Porão** Eldorado
7 (20) ***The Simpsons Sing The Blues*** **Simpsons** BMG-Ariola
8 (N) ***Twin Peaks*** **Trilha Sonora Angelo Badalamenti** Warner
9 (N) ***Greatest Hits*** **Eurythmics** BMG-Ariola
10 (N) ***Mental Floss For The Globe*** **Urban Dance Squad** BMG-Ariola
11 (N) ***Holidays In Eden*** **Marillion** EMI-Odeon
12 (N) ***Festamix II*** **Varios** Som Livre
13 (19) ***Schubert Dip*** **EMF** EMI-Odeon
14 (15) ***Coma Of Souls*** **Kreator** Sony
15 (N) ***Tudo E Permitido*** **Kid Abelha** Warner
16 (N) ***Unforgettable*** **Natalie Cole** Warner
17 (4) ***The Doors*** **Trilha Sonora Doors** Warner
18 (18) ***João*** **João Gilberto** PolyGram
19 (N) ***Sugar Tax*** **OMD** EMI-Odeon
20 (N) ***3, 2, 1...*** **Plaza** Continental

Para a Parada dos Leitores, foram consideradas as cartas recebidas até 5/06/91
Lojas consultadas: Cambeo Negro e Caguneio Discos (Belo Horizonte) Pop Som e Casa Cosmo (Porto Alegre) Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro) Tempestade Discos e Jurassic (Curitiba) 220 Volts (Campinas), Barrocos Altos, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos (São Paulo) até 13/06/91

EUA

LPs

1 (4) ***Unforgettable*** **Natalie Cole** Elektra
2 (8) ***Luck Of The Draw*** **Bonnie Raitt** Capitol
3 (1) ***For Unlawful Carnal Knowledge*** **Van Halen** Warner
4 (6) ***Gonna Make You Sweat*** **C - C Music Factory** Columbia
5 (7) ***Out Of Time*** **R.E.M.** Warner
6 (3) ***Spellbound*** **Paula Abdul** Captive
7 (N) ***Robin Hood*** **Trilha Sonora Varios** Morgan Creek
8 (N) ***Boyz II Men*** **Cooleyhighharmony** Motown
9 (2) ***Slave To The Grind*** **Skid Row** Atlantic
10 (9) ***Into The Great Wide Open*** **Tom Petty** MCA

Compactos

1 (N) **"(Everything I Do) I Do It For You"** **Brian Adams** A&M
2 (N) **"Every Heartbeat"** **Amy Grant** A&M
3 (N) **"P.A.S.S.I.O.N."** **Rythm Syndicate** Impact
4 (N) **"It Ain't Over 'Til It's Over"** **Lenny Kravitz** Virgin
5 (N) **"Summertime"** **D.J. Jazzy Jeff & The Fresh Prince** Jive
6 (N) **"Fading Like A Flower"** **Roxette** EMI
7 (3) **"Right There, Right Now"** **Jesus Jones** SBK
8 (N) **"Temptation"** **Corina** Cutting
9 (1) **"Unbelievable"** **EMF** EMI
10 (N) **"I'll Be There"** **The Escape Club** Atlantic

EUROPA

LPs

1 (1) ***Love Hurts*** **Cher** Geffen
2 (N) ***Essential Pavarotti II*** **Luciano Pavarotti** Decca
3 (5) ***Seal*** ZTT
4 (6) ***Greatest Hits*** **Jam** Polydor
5 (2) ***Out Of Time*** **R.E.M.** Warner
6 (3) ***Greatest Hits*** **Eurythmics** RCA
7 (N) ***Spellbound*** **Paula Abdul** Captive
8 (N) ***Pornograffitti*** **Extreme** A&M
9 (R) ***The Immaculate Collection*** **Madonna** Sire
10 (N) ***Unforgettable*** **Natalie Cole** Elektra

Compactos

1 (2) **"(Everything I Do) I Do It For You"** **Bryan Adams** A&M
2 (N) **"Now That We Found Love"** **Heavy D & The Boyz** MCA
3 (N) **"More Than Words"** **Extreme** A&M
4 (N) **"Things That Make You Go Hmmm"** **C C Music Factory** Columbia
5 (N) **"Move Any Mountain"** **Shamen** One Little Indian
6 (N) **"Jump To The Beat"** **Dannii Minogue** MCA
7 (N) **"Pandora's Box"** **OMD** Virgin
8 (N) **"I'm Too Sexy"** **Right Said Fred** Tug
9 (N) **"Love And Understanding"** **Cher** Geffen
10 (N) **"Just Another Dream"** **Cathy Dennis** Polydor

INDEPENDENTE

LPs

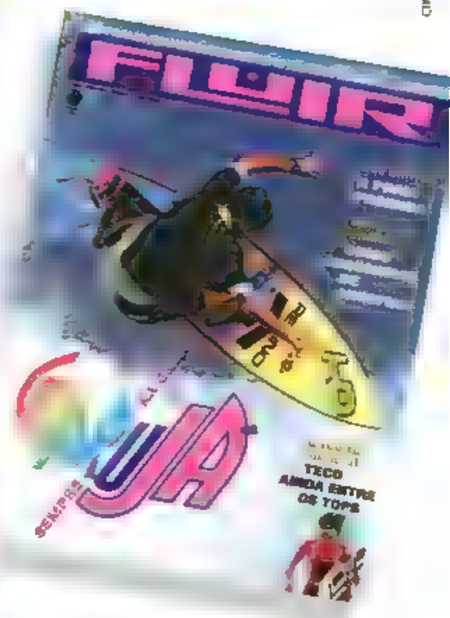
1 (1) ***To Mother*** **Babes In Toyland** Town Zone
2 (N) ***Baby Teeth*** **Therapy** Wrap
3 (N) ***Slow Minds For A Living*** **Jello Biafra** Alternative Tentacles
4 (3) ***Electronic*** Factory
5 (N) ***En Tact*** **Shamen** One Little Indian
6 (N) ***Great White Wonder*** **Pooh Sticks** Cherry
7 (N) ***Vertigo EP*** **Rebel MC** Desire
8 (E) ***Shotgun Blossom*** **Snapper** Avalanche
9 (N) ***Frequencies*** **LFO** Warp
10 (8) ***The White Room*** **KLF** KLF Communications

Compactos

1 (N) **"Move Any Mountain"** **Shamen** One Little Indian
2 (N) **"Flying"** **Telescopes** Creation
3 (N) **"101"** **Fintribe** One Little Indian
4 (N) **"Blindfold EP"** **Curve** Anxious
5 (N) **"Go"** **Moby** Outer Rhythm
6 (2) **"Flesh Balloon"** **Pale Saints** 4AD
7 (N) **"Vertigo EP"** **Altern 8** Network
8 (N) **"Sandblasted"** **Screwdriver** Creation
9 (N) **"F'in' Orrving Or What"** **Silver Fish** Creation
10 (4) **"Cool Breeze"** **Moose** Nut

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA) de 27/07/91 a 17/08/91, Melody Maker e New Musical Express (GB) de 20/07/91 a 10/08/91

A PRAIA PROIBIDA



A revista Fluir deste mês traz um dos points mais estranhos e difíceis do país: onde é preciso desafiar o medo. Também traz todas as dicas sobre o Guarujá, com a história, fotos, documentos e serviços da cidade-surf. Tem ainda cinco seqüências de arrepiar num ensaio fotográfico mostrando manobras de impacto, como no cinema! Fluir corta, ainda, como os surfistas são expulsos do paraíso na Austrália Selvagem. Revista Fluir de setembro: sempre na maior onda.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

CARTAS

TAPAS & ROSAS

Você quis uma noite de prazer com Axl e ele não quis nada contigo? Ele está gordo demais para você? Espero que você não venha aqui, pois a gauchada não gosta nem um pouco de marica!

Jefferson Dick
Caxias do Sul, RS

Quero parabenizá-los pelas verdades ditas sobre o Guns N'Roses (que eu venero). Fico puto quando essas cocotinhas me dizem como amam o Guns e como eles são durões e fodidos. O Axl é um clone mal-acabado do Bruce Dickinson e tenta imitar os gestos viados do Steven Tyler. Por que venero o Guns, então? Por causa da presença de palco de Axl, a mais forte da história, da química entre os integrantes e das melodias.

Cristiano Gonçalves
Ribeirão Preto, SP

Aquela foto do Axl é indigna da BIZZ. O André Forastieri deve ter tesão pelo cara, pois a foto deixa em dúvida se é para mostrar a celulite ou o volume (o homem está em forma).

Cláudia Martins
Comendador Soares, RJ

A única coisa boa dessa matéria foi a foto gostosíssima.

Rúbia Braga
Guarulhos, SP

A foto do Axl Rose localizou o melhor lugar do *hard rocker*.

Juliana Nascimento
Rio de Janeiro, RJ

Entre todas as matérias da BIZZ, a melhor foi sobre o Klu-Klux-Guns. Ferro na boneca, Forastieri!

Adérico Públio
São Paulo, SP

Achei indigno para uma revista tão importante e popular ridicularizar a forma física e mexer nas feridas "morais" de Axl e Slash.

Felipe Abreu
Jacareí, SP

Em primeiro lugar, homem não tem celulite. Quanto ao resto, não me espanta que quem votou em "Entre Tapas E Beijos" fale mal do Guns.

Fabiana Mauzer
São Paulo, SP

Você mostrou que é um bom crítico quando disse que o Guns é a pior banda do planeta e que o Axl é "uma montanha de celulite". Só esqueceu o famoso apelido "baleia branca".

José Armando Ferraz
Caldas, MG

Realmente, você é o cara mais filho de puta nessa bosta de gibi ("gibi" é elogio). Estamos interessados nas músicas do Axl, e não em seu peso.

Aparecido Meneguetti
Londrina, PR

Tapas & Beijos é, disparado, a melhor página da BIZZ. Quem está começando a ouvir rock agora precisa ler a coluna.

Fábio Ducati
Bento Gonçalves, RS

Sr. Forastieri, você só está ajudando a afundar a revista. É melhor calar a boca, parar de escrever merda, arranjar um poste bem grande e sentar em cima.

Ricardo Alexandre
Novo Horizonte, SP

Fiquei encantada com a coluna *Tapas & Beijos*. Se não houvesse mais nada na revista, eu compraria só para ler as críticas de André Forastieri.

Vilma Silva Neves
Natal, RN

André, acho que você deveria largar essa profissão e se formar para padre, já que é um grande mentiroso e gosta de sermões intermináveis.

Renato Rodrigues
Mariana, MG

Você não devia nem ter gasto espaço para falar sobre o GN'R. Eles são uma vergonha para o rock em geral!

Gilberto de Carlo
Monte Alto, SP

Querido Forastieri, só vejo duas saídas para você: a) suicídio; b) sanatório.

Revoltados
São Paulo, SP

Quero parabenizar o André pela coluna. Suas palavras sobre o GN'R foram ótimas.

Paulo Rogério Benedito
São Paulo, SP

Em meus muito bem vividos quarenta anos, acompanhei bem de perto a ascensão dos Beatles, Rolling Stones, Led Zeppelin. Afirmo que os Guns não são uma imitação de terceira categoria. São autênticos. Interessante: só os Guns repetem truques publicitários? E só eles foram projetados milimetricamente para dar certo?

Márcia Izsak
Rio das Pedras, SP

André, gosto do Guns, mas gostei do malho que você deu neles. Todos os "*gunners*" precisam saber que eles são uma fusão meio malfeita entre Led e Aerosmith.

Kassius Silveira
Caxias do Sul, RS

Até o próprio Axl já disse: "Nós não fazemos nada de novo". Entenda: não tem sentido que eu, com catorze anos, goste de bandas do *seu* tempo de catorze anos.

Daisy
Blumenau, SC

Para quem acha o Guns o máximo, um pedido: ouçam Black Sabbath, Led Zeppelin ou Deep Purple, pois essas bandas criaram o seu próprio som, o que não é o caso do Guns.

Marcos Blasius
Alto Paraná, PR

Você fala de Aerosmith, mas há quem diga que estes são apenas clones mais pesados dos Stones. Outra coisinha: você já escutou "Angel", do Aerosmith? Wando também teria vergonha de gravá-la, mas o Yahoo não teve.

Adelson Rogério Luna
Recife, PE

Esse pessoal tem que abrir os olhos: o GN'R é pura promoção. Além disso, o Axl canta feito uma franga louca sendo estrangulada.

Alexis Maldonado
Sorocaba, SP

Slash é tão bom que já gravou com Bob Dylan, Lenny Kravitz, Michael Jackson, Iggy Pop e Alice Cooper.

Satha Pereira
Rio de Janeiro, RJ

Não dá para agüentar os novos headbangers que acham o Slash o melhor guitarrista do mundo. Acho que nunca ouviram Steve Vai, Satriani, Dave Murray...

Cássio Mariani
Ijuí, RS

Ninguém compra disco de heavy metal pela beleza dos cantores, e sim pelo som.

Tânia Lima
Macapá, AP

Axl Rose é lindo, charmoso, sexy, envolvente, mágico, forte, uma montanha de amor. Quem vocês querem que as mulheres admirem? Os anêmicos do R.E.M.? O defunto do Jim Morrison?

Maria Regina Leme
Rio de Janeiro, RJ

Já estou prevendo os protestos das menininhas fúteis que gozam só de ver os culotes de Mr. Axl Rose. A elas, a titia aqui só tem uma coisa a dizer: em vez de colocar Axl num pedestal, procurem Apolos mais convincentes.

Alessandra Sant'Anna
Rio de Janeiro, RJ

Se o que você disse é verdade, boa parte dos discos dos Beatles, Elvis e Led Zeppelin também foram comprados apenas pela imagem dos cantores (sem falar no New Kids).

Leitor Indignado
Santa Cruz do Sul, RS

O André provou que não escreve só besteiras rebaixando o Guns ao seu devido lugar, junto com o New Kids.

Fábio José Paulo
São Paulo, SP

Não discordo que Axl seja um gato, mas Mick Jagger também sofreu discriminação por só vender beleza e está aí até hoje.

Cláudia Maria
São Paulo, SP

Concordo que setenta por cento dos discos foram comprados por burguesinhas que se dizem metaleiras e acham Axl um gato. Mas ainda tenho esperanças no grupo.

Maria Cecília
Curitiba, PR

Parabéns pela crítica ao babaca do Axl Rose, do grupo brega Guns N' Roses. Essa banda não está com nada.

Edimilson Ferreira
São Paulo, SP

Pode até ser que os Guns tenham vendido muito porque as garotinhas acham o Axl bonito. Mas e os garotos, será que são todos viados?

Luciana Moreira
Aracaju, SE

Parabéns a Axl Rose e Cia. pelo que conseguiram fazer pelos jovens: iludi-los com seu som e suas letras bacacas!

Marizete Mezat
Brasília, DF

Quem é você para dizer que o GN'R faz letras de "corno"? Se eu pudesse, o fritaria dentro da "bacia" aqui do Congresso.

Marx Rose
Brasília, DF

É engraçado que uma pessoa que votou em "Quatro Semanas De Amor" nos *Melhores de 90* diga que "Sweet Child..." e "Patience" têm letras "melosas".

Karinna Vasconcelos
Osasco, SP

O Guns é realmente a pior banda do universo, nos dois sentidos: é ruim tocando suas porcarias e iludindo seus fãs com suas músicas melosas.

Thereza Costa
Rio de Janeiro, RJ

Tudo bem se você está a fim de pôr o Guns N'Roses para baixo, mas faça-o de um modo inteligente. A comparação com Wando foi baixaria.

Patrícia
São Paulo, SP

Espero que o público que começou a ouvir rock antes de ontem analise o que os críticos querem transmitir e tente encarar a realidade.

Alexandre Fuentes
Ibitinga, SP

Não seja imbecil o bastante para colocar novamente o nome daquele retardado do Wando em algum texto sobre o GN'R.

Rosi dos Santos
Rio de Janeiro, RJ

Parabéns pelo comentário sobre o GN'R, dirigido aos pseudofãs que o acompanham desde cedo (Rock In Rio, por exemplo).

Cícero Totti
Porto Alegre, RS

Atenção, leitores da BIZZ. Não vamos mais fazer nenhum comentário sobre as asneiras que escreve o sr. André Forastieri. Eu acho, sinceramente, que é isso que ele quer! Ser notado, ter cartas endereçadas a ele, receber ofensas etc. Seria um jogo de marketing?

Myriam Teixeira
Rio de Janeiro, RJ

Chegaram à Redação, até o dia 7 de agosto, 177 cartas sobre o assunto. Pedimos desculpas aos leitores que não tiveram a sua publicada.

PARABÉNS A VOCÊ

É animador perceber que a BIZZ de aniversário relembrou as grandes edições com as quais já havíamos nos desacostumado. André Forastieri, R.E.M., Ramones, Led Zeppelin, Bob Marley, Morrissey... ufa! É demais para mim. Parabéns, BIZZ.

Paulo Roberto Teixeira
Maringá, PR

Fiquei impressionada com a qualidade dessa edição. Devo parabenizá-los pela entrevista do Led Zeppelin, que é histórica. Mas a melhor matéria foi com o R.E.M., que achei incrível.

Gislaine Bremer
Blumenau, SC

Parabéns pelo sexto aniversário. O trabalho de vocês progride a cada ano que passa.

Angela Baduy
Curitiba, PR

Acabo de receber o exemplar de julho. É duro reconhecer, mas tudo indica que a BIZZ está caminhando para um final trágico. A incoerência e a radicalização de alguns críticos distanciam cada vez mais os leitores da revista.

Rodrigo Alves Moreira
Belo Horizonte, MG

Puxa! Fiquei chocado ao ler a edição do sexto aniversário. Não pensei que a BIZZ fosse caprichar tanto.

David Duarte
São Paulo, SP

Valeu, BIZZ! Legal a capa e as matérias com o Michael Stipe, o Motorhead, o Led, Bob Marley e Ramones.

Alessandro Fonseca
Campo Grande, MS

Essa foi a pior edição comemorativa que eu já li. Fora algumas exceções memoráveis, como a entrevista do R.E.M. e o *Ao Vivo* com o Morrissey, a revista continua decadente.

Lúcia Oliveira
Aracaju, SE

Durante os cinco anos que li esta revista, nunca encontrei outra tão bem elaborada.

Otaídes Faustino
Goiânia, GO

É muito relaxante saber que BIZZ ainda fala de rock. Parabéns pela histórica entrevista com o Led Zeppelin.

Rony Roberto
Praia do Cassino, RS

ERRAMOS

Nas Fichas: 1) Rita Lee — não foram incluídas as coletâneas *O Melhor De Rita Lee* (79), *Os Grandes Sucessos De Rita Lee* (81), *Brilho Do Encontro* (com Erasmo Carlos, 81) *Tratos À Bola* (86), *Grandes Sucessos De Rita Lee E Roberto* (88); 2) Ramones — o LP *Too Tough To Die* é de 84, e não de 85; "Bonzo Goes To Bitburg" é de *Animal Boy*, e não de *Halfway To Sanity*; Dee Dee Ramone deixou o grupo em 89 para a entrada de Cristopher Ramone (C.Jay Ramone); 3) Depeche Mode — o LP *101* é de 89, e não de 88. Os erros foram apontados pelos leitores Sérgio Arruda (São Paulo, SP), Daniel Ribeiro (Passo Fundo, RS), Gustavo Mantovani (Americana, SP), Márcio Viana (Osasco, SP) e Aloma Ponzoni (Rio de Janeiro, RJ).

ROCK
COM TODAS AS LETRAS!

Letras dos maiores ídolos do rock, para você cantar e entender, é com a revista Letras Traduzidas.
Este mês tem: Bon Jovi, Eurythmics, Jesus Jones, Morrisey, Plaza, Poison, Real People, The Simpsons e muito mais...
Letras Traduzidas de outubro: o rock falando a nossa língua.

BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE E VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

FAMA
Música e Ídolos

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457, TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290 Fone (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077, Phone (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990 5993. Telex (001) 237670. FAX (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone (00331) 42.66.31.18. Telex (00042) 660731 ABRIL-PA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE
Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134 226-3644 FAX
Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Pmt Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS. (0482) 44-8224 Florianopolis - SC. (041) 342-2204, Curitiba - PR
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7596
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 29-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

BIZZ-75

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Cumilo Rocha (Showbizz) Celso de Salles Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Coneção Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Editora de Arte: Antonella Namorado
Chefe de Arte: Antonio Fernando Mottra
Diagramador: Renato Yada
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Colaboradores: Textos - André Barcinski, Arthur G.C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Eduardo Fejo, Eneas Neto, Evil Oto, Já Mahal, JanFjeld, Jim Joe, José Júlio do Espírito Santo, Leandro Fortino, Luiz H. Romanholi, Marcel Plasse, Rena Fern, Sergio Martins. **Fotos:** Mariano Coelho, Ricardo Siqueira, Rui Mendes, Silvio Viegas. **Revisão:** Alexandre Ortiz Ramos. **Arte:** Alexandre Matias. Correspondente (Londres) Anamaria G. de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassado
Contatos: Arthur Oliveira Neto
RJ-Contato: Lidia Camarati
Coordenação: Marcelo Pires

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Meirelles Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fabio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estudio Fotográfico-Gerente: Fabio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Bajoni
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Lega de Lima Dona Castelli

BIZZ 75 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05479, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex (011) 83178, Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** R. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Fax (021) 275-9347. Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2665, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga anteipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: outubro/91. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Como comprar: Sedex a cobrar (entrega urgente)

- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK; Rua Capote Valente, 242 - CEP 05409 - São Paulo - SP.
- Junto de seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal" à NEW ROCK no valor de Cr$ 2.500,00 (preço médio das despesas de Sedex). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e valor da compra.
- O Correio mandará um "aviso de chegada" entre 8 a 15 dias, após o envio de sua carta.
- Você tem o prazo de 7 dias corridos para retirar a encomenda no Correio, após receber este aviso.
- A encomenda só é paga ao ser retirada no Correio.

"SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS."

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

BIZZ-75

Total da Compra Cr$: _____
Nome: _____
End.: _____ Nº: _____
CEP: _____ Fone: _____
Cidade: _____ Est.: _____
RG: _____ Assinatura: _____

Mod.	Ref.	Cor	Tam.

TAMANHOS: P, M E G

HOOKER N' HEAT

JOHN LEE HOOKER AND CANNED HEAT (1971)

Aqui o blues não tem os tradicionais doze compassos. Trata-se de uma levada mântrica, hipnótica, que flui livremente ao sabor dos riffs de guitarra e das profundas modulações vocais de John Lee Hooker.

O inventor do *boogie* "de-uma-nota-só" foi para o blues de Detroit o que Muddy Waters e Howlin' Wolf representaram para o de Chicago. Como eles, vindo do Mississippi, Hooker partiu das raízes rurais para iniciar-se no processo de eletrificação do estilo que originaria o rock'n'roll. A essência da coisa toda já estava na interação/guitarra/*footstomp* e na expressividade da voz de Hooker, sempre temperada com as tiradas sacanas das letras e os impagáveis "hey, heys" e "yac, yacs".

Não é à toa que suas canções foram revisitadas por tantos: dos Stones e dos Animals até Nick Cave e Cowboy Junkies. A aproximação de Hooker com o rock veio desde 59, quando se apresentou pela primeira vez no festival folk de Newport. Foi seu passaporte para ser reverenciado por toda uma geração de músicos americanos e ingleses. Durante os *sixties*, ele expandiu sua influência pela Europa, com várias excursões e ocasionais gravações. Mas o ápice desta associação viria em 70, seu antológico registro com o quinteto californiano Canned Heat.

Encabeçado pelo gaitista/vocalista Bob "Bear" Hite e pelo multiinstrumentista Alan "Blind Owl" Wilson, o grupo era um "estranho no ninho" na cena psicodélica de Los Angeles. A começar pelas figuras de seus *frontmen*, chamados de "Urso" (pela obesidade) e "Coruja Cega" (pelos óculos fundo-de-garrafa que usava). Mas era o som que os diferenciavam das bandas psicodélicas: um blues rock básico, de uma eficiência à toda prova, muito mais para *bourbon* do que para ácido lisérgico. Sob estas condições, projetaram-se com louvor nos festivais de Monterey (67) e Woodstock (69).

Com uma posição consolidada em 70, o grupo foi encontrar Hooker vivendo na Califórnia, na época sem excursionar. Foi daí que surgiu a idéia de gravarem juntos. O espírito no qual rolaram estas sessões foi perfeitamente expresso nas *liner notes* da capa interna de *Hooker N' Heat*, o álbum duplo lançado no ano seguinte: "Uma vez no estúdio, experimentamos cerca de oito amplificadores antigos, até encontrarmos o som real de Hooker — um som que não se ouvia em seus discos havia muito, muito tempo... Um microfone no amplificador, outro para a voz e um para captar as batidas de seu pé — ele nunca pára de batê-los! Não muito longe, uma garrafa de Chivas Regal e um copo d'água para torná-lo mais suave".

A partir deste esquema, Hooker gravou sozinho o primeiro disco do álbum: uma sucessão de clássicos como "Messin' With The Hook", "The Feelin' Is Gone", "You Talk To Much" e "Bottle Up And Go", envoltos em interpretações emocionadas. Como bons discípulos, os membros do Canned Heat foram, aparecendo aos poucos só no outro disco: das discretas intervenções do piano e da guitarra de Alan Wilson em "The World Today" e "I Got My Eyes On You", respectivamente, até sua gaita comandando o resto do grupo para acompanhar o mestre na catarse de "Boogie Chillen N.º 2".

O álbum também foi o epitáfio musical de Wilson, que morreu de overdose pouco depois de gravá-lo. Em 81 surgiu um disco homônimo, documentando novo encontro (ao vivo) de Hooker e o Canned Heat, já nas mãos de Bob Hite. Um belo registro, claro que sem a genialidade do anterior, mas igualmente fatídico: Hite sofreria um ataque cardíaco mortal no mesmo ano. Triste sina a da conjunção *Hooker N' Heat*.

CELSO PUCCI

O SOL NA ILHA
OUVE A 96.9
O MAR CANTA
A LUA CURTE

UNIÃO
ALTERNATIVA
• ILHA DE SANTA CATARINA •

ERNESTO BALDAN

sete sete cinco

LOJAS EXCLUSIVAS SETE SETE CINCO: (011) 826-4288 PRONTA ENTREGA: R. GEN. JULIO MARCONDES SALGADO 24